

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



DOMINGO, 23 DE NOVEMBRO DE 1963 DIÁRIO DA BAHIA PÁGINA SETIMA

GALICIA ESPORTE CLUB

9 ANOS DE VITÓRIAS — VÁRIAS VEZES CAMPEÃO — MAIS DE UMA CENTENA DE TROFÉUS — EXCURSÕES PREJUDICADAS — UM CONVITE DA PREFEITURA DE ARACAJU

CONVITE DA PREFEITURA DE ARACAJU

1940 — Idem, 1941 — campeão da cidade, 1942 — campeão da cidade e vice das Aspirantes.

Palmeiras, campeão paranaense, por 3x1. Vencedor por duas vezes o Torneio de Inverno, campeão do Paraná.

TEMPORADAS FORA DA CAPITAL

O Galícia realizou 4 jogos em

OUTRAS NOTAS

Arcaiz, em 1971, criou um clube de futebol, com as instalações próprias.

O Galícia tem como presidente honorário o sr. Domingos Garrido.

Foiem profissionais, em 1944

O QUADRO DO GALICIA

Os jogadores do Galícia, que têm uma vida dedicada ao esporte, são: ...

São os melhores produtos do continente

DRY GIN ... **DUBAR**

WHISKY ... **DUBAR**

LICORES ... **DUBAR**

Grandes produtos da Companhia Antártica Paulista

COGNACS ... **DUBAR**

VERMOUTH ... **DUBAR**

XAROPES ... **DUBAR**

Agente: **CANDIDO TRANCOSO**

RUA DR. SEABRA, N.º 91. TEL. - 3723

BAR E RESTAURANTE COLON

de **JOSÉ M. ORGE**

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

Contendo um serviço de cozinha variada e especial, Especialidade em bebidas frias de todos os sabores — Charutos e cigarros dos melhores fabricantes — Café e bebidas geladas constantemente. IMPORTADOR de ENGARRAFADOR DOS AFAMADOS VINHOS VERDE "GATÃO", COLORELA, TÊNIS E BRANCO, Frang. Coada dos Açores. T. Telefones: 3345 — BAHIA

Dr. Domingos, atual presidente da situação, duas excursões honorárias, o sr. Beat Marmora, Galícia, sete anos, ao Pará e Archaiz ao A. Treino dos regatas Ceará.

FAÇA AS SUAS REFEIÇÕES NO RESTAURANTE GRANDE PONTO

Cozinha internacional a cargo de técnicos especializados. Rua BARÃO DE COELHO, N.º 41.

(Defronte à Estação de Calçada)

ARMAZEM BARCELONA

de **AQUILINO COUCEIRO & CIA.**

Completos artigos de primeira qualidade. Rua de Manoel, Pernambuco e Lourenço. Itaipava, Itaipava e Itaipava. ENTRADA DA LINHA 308 — Avenida Central, 82 BAHIA — BRASIL

PASTELARIA DE LA MAR

PRAÇA DA FONTE NOVA

Propriedade de LA MAR LÓPEZ & CAL

Grande variedade de vinhos, molhados e estrangeiros. Completo serviço de Café e Bar. Damos, conservas e demais tipos de gêneros.

PASTELARIA DE LA MAR

Casa Regueira

— DE —

SALADINO REGUEIRA VENTIN

Paes e Cereais — Grande variedade de gêneros alimentícios e de primeira qualidade. FEIJÃO, FAROFA, MILHO, etc. Rua de Coaracy, n.º 22 — Tel. 838 — BAHIA.

Casa Vázquez

A. Vázquez & Irmão

ESTIVAS, MOLHADOS E CEREAIS

Praça 11 de Dezembro, 1-2-3 - Tel. 8034

-Teleg: VASPERA - BAHIA - BRASIL

F. B. D.

NOTA OFICIAL

Para conhecimento de todos os membros do clube, o sr. Presidente, que em substituição dos clubes de futebol e basquete, foi nomeado em 1963, o sr. F. B. D. ...

GRANDE PADARIA E FABRICA DE BISCOITOS

"MONTANHA"

de **CASTRO, BARRAL & CIA.**

ARMAZEM BARCELONA

de **AQUILINO COUCEIRO & CIA.**

Completos artigos de primeira qualidade. Rua de Manoel, Pernambuco e Lourenço. Itaipava, Itaipava e Itaipava. ENTRADA DA LINHA 308 — Avenida Central, 82 BAHIA — BRASIL

F. B. D.

NOTA OFICIAL

Para conhecimento de todos os membros do clube, o sr. Presidente, que em substituição dos clubes de futebol e basquete, foi nomeado em 1963, o sr. F. B. D. ...



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

PEDRO CAMARGO RODRIGUES UZÊDA

**GALÍCIA ESPORTE CLUBE: O JOGO DA
IDENTIDADE NA CIDADE DO SALVADOR (1933-
1945)**

**SALVADOR
2022**

PEDRO CAMARGO RODRIGUES UZÊDA

**GALÍCIA ESPORTE CLUBE: O JOGO DA
IDENTIDADE NA CIDADE DO SALVADOR (1933-
1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Lina Maria Brandão De Aras

**SALVADOR
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

U99 Uzêda, Pedro Camargo Rodrigues
Pedro Galícia Esporte Clube: o jogo da identidade na Cidade do Salvador (1933-1945) /

Camargo Rodrigues Uzêda. – 2022.
137 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lina Maria Brandão de Aras
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2022.

1. Galegos – Bahia. 2. Identidade. 3. Nacionalismo. 4. Futebol. 5. Imigração.
Filosofia e I. Aras, Lina Maria Brandão de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Ciências Humanas. III. Título.



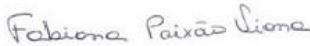
CDD: 981.42



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



ATA E PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO	MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Pedro Camargo Rodrigues Uzêda	2020113391	Mestrado
TÍTULO DO TRABALHO		
GALÍCIA ESPORTE CLUBE: O JOGO DA IDENTIDADE NA CIDADE DO SALVADOR (1933- 1945)		
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF
Lina Maria Brandão de Aras (Orientador – UFBA)		254.145.425-20
Vinicius Donizete de Rezende (UFBA)		286.244.808-76
Fabiana Paixão Viana (UEFS)		021.083.545-14

ATA

Aos seis dias mês de maio do ano de 2022, através de plataforma virtual, foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por **Pedro Camargo Rodrigues Uzêda**, do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, a professora Lina Maria Brandão de Aras, orientadora e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra ao autor, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela aprovação do aluno. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

A banca destacou a tipologia das fontes, a contextualização do objeto e as análises realizadas. O trabalho deverá realizar as alterações sugeridas na versão final. O estudo possui relevância acadêmica e, por fim, a banca concluiu por sua aprovação.

SSA, 06/05/2022: Assinatura do aluno:

Redo Campos Rodrigues Usida

SSA, 05/05/2022: Assinatura da orientadora:

Leicy Fros

“Faça ou não faça. Não existe tentar.”
(George Lucas, 1980).

AGRADECIMENTOS

Ainda que a escrita de um trabalho acadêmico, potencializada por um contexto de pandemia e, conseqüentemente, de isolamento social, seja marcada pela solidão, nunca estive só. Por isso só posso agradecer a todos aqueles que contribuíram com minha trajetória até aqui.

Agradeço a dois professores de História que são meus pais, Mara Lúcia e Jorge, por todo amor, paciência, zelo e, principalmente, pelos ensinamentos ao longo de toda uma vida sobre a importância dos livros, da educação e aos processos históricos. Vocês são meus exemplos.

Aos meus irmãos protetores e mais velhos, Lenina, Elis e André, por todo apoio, carinho e piraças característicos de uma relação com o caçula. Agradeço também ao meu cunhado Romain e minha sobrinha Júlia (Juju) por alargarem a família e melhorarem aquilo que já era lindo. Gratidão também a Pepita Tsunami (Pepa), eterna mascote da casa.

À minha professora orientadora, Lina Maria Brandão de Aras, por acreditar na gênese do projeto, pela paciência com os erros durante a produção e por ter proporcionado minha autonomia e crescimento acadêmico. À banca de Qualificação e de Defesa, Fabiana Paixão Viana e Vinícius Donizete de Rezende, pelas críticas e apontamentos de novos caminhos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência de fomento fundamental para a realização das atividades científicas no Brasil, que proporcionou as condições materiais suficientes ao longo de dois anos para a construção dessa dissertação.

Aos professores que tanto contribuíram para minha formação na Universidade Federal da Bahia, tanto na graduação como no mestrado; Dilton Oliveira de Araújo, Iacy Maia Mata, Marcelo Pereira Lima, Moreno Laborda Pacheco, Cássia Maria Muniz Carletto, Maria de Fátima Novais Pires, Lívia Magalhães e Araceli Luna Magariños, esta última diretamente responsável por minha ida à Galiza em meados de julho de 2019, que foi fundamental para a realização desta dissertação.

Agradecimento especial ao professor Jeferson Bacelar por, no longínquo ano de 2015, ter aceitado o desafio de orientar pelo programa de Iniciação Científica o projeto que deu base bibliográfica e empírica para edificação desta dissertação.

Às boas amizades colecionadas desde a infância até aqui: Laís, Caio, Augusto, Pedro, Vitor, Adriano, Mateus, Ícaro e todos os componentes do “baba” que nunca aconteceu.

Aos colegas, e amigos, do mundo acadêmico e do ofício de professor por todas as trocas ao longo desses anos: Rafaela Almeida, Igor Reis, Beatriz Abrantes, Rafael Arouca, Luiza Menezes, Caio Cezar, Juárez Euzébio e Hyana Luisa.

À todos os alunos até aqui colecionados, das mais variadas idades, pela paciência e por todos os questionamentos que forçaram o constante aperfeiçoamento da prática didática por parte deste professor-pesquisador.

Às cariocas Bárbara Patoléa e Jessica Patrocinio, por todo afeto e companheirismo no desafio de cruzar o Atlântico, conhecer a Galiza e encontrar em duas brasileiras o abrigo emocional. À todos aqueles que além do amor pela língua galega também falam outros idiomas e foram marcantes na viagem: Polina Rusova, Paige Barton, Silvana Abarza Cofré, Diana Soledad e Gilmar Barros.

À Ailton Freitas de Santana e Ana Gesteira Ponce, respectivamente responsáveis pelo setor de Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia e pelo Departamento de Arquivo do Concello de Redondela; pela paciência e cuidado ao atenderem os anseios deste jovem pesquisador.

Ao Esporte Clube Bahia, por pavimentar o amor pelo futebol e proporcionar as emoções mais variadas intensas ao longo de todos esses anos. À Edson Arantes do Nascimento, o Pelé; e à Lionel Andrés Messi Cuccittini estritamente por seus feitos futebolísticos e por terem alçado o esporte a outros patamares. À Marca Fortaleza por nunca ter deixado de produzir o Biscoito Maria, produto esse o qual sou assíduo consumidor.

Agradeço todos aqueles que contribuíram com esta dissertação sendo dando informações, enviando boas energias, escutando sobre a história dos galegos ou conversando sobre imigração, futebol e identidade.

Muito obrigado.

RESUMO

Fundado em primeiro de janeiro de 1933, na cidade do Salvador, o Galícia Esporte Clube é uma agremiação esportiva voltada essencialmente para a prática do futebol. Contudo, ainda que não ignore os feitos esportivos, este trabalho analisou as principais ações do Clube voltadas para a imaginação da comunidade política da Galiza enquanto distinguia-se socialmente a partir da construção identidade galega na capital da Bahia. Inserido na vertente da História Social, as pretensões identitárias do Galícia foram enquadradas no contexto das correntes migratórias, popularização do futebol, difusão dos nacionalismos e nas conjunturas políticas entre os anos de 1930 e 1940, no Brasil e na Espanha. Para atingir esta finalidade, utilizamos o recurso de uma história transnacional que instrumentaliza o intercâmbio historiográfico entre as produções brasileiras e as galegas. Assim levamos em consideração as bibliografias especializadas, as documentações históricas a exemplo das fontes orais, periódicos e registros migratórios daqueles indivíduos que fizeram esta história.

Palavras-chave: Galeguidade. Identidade. Nacionalismo. Futebol. Imigração.

ABSTRACT

Founded on January 1, 1933, in the city of Salvador, Galícia Esporte Clube is a sport association dedicated to the practice of football. This work studied the main actions of the Club aimed at the imagination of the political community of Galicia, while socially distinguishing itself from the construction of Galician identity in the capital of Bahia. Inserted in the Social History aspect, Galicia's identity claims were framed in the context of migratory currents, popularization of football, diffusion of nationalisms and in the political conjunctures between the 1930s and 1940s in Brazil and Spain. In the end, we use the resource of a transnational history that instrumentalizes the historiographical exchange between Brazilian and Galician productions. We take into account specialized bibliographies, historical documentation, such as oral sources, periodicals and migratory records of those individuals who made this history.

Keywords: Galicity. Identity. Nationalism. Football. Immigration.

RESUMO

Fundado o 1 de xaneiro do 1933, na cidade de Salvador, o Galícia Esporte Clube é un gremio deportivo orientado esencialmente á práctica do fútbol. Porén, aínda que non se ignoren os feitos deportivos, este traballo analizou as principais accións do Clube dirixidas á imaxinación da comunidade política da Galiza mentres se distinguía socialmente a partir da construción da identidade galega na capital da Bahía. Inserido na vertente da Historia Social, as pretensións identitarias do Galícia foron enmarcadas no contexto das correntes migratorias, da popularización do fútbol, da difusión dos nacionalismos e nas conxunturas políticas entre os anos 1930 e 1940, en Brasil e en España. Para lograr esta finalidade, utilizamos o recurso dunha historia transnacional que instrumentaliza o intercambio historiográfico entre as producións brasileiras e as galegas. Así levamos en consideración as bibliografías especializadas, as documentacións históricas como por exemplo as fontes orais, periódicos e rexistros migratorios daqueles individuos que fixeron esta historia.

Palabras-clave: Galeguidade. Identidade. Nacionalismo. Fútbol. Inmigración.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CAMINHOS PARA A CIDADE DO SALVADOR	22
1.1 Migrações internas	26
1.2 Um mar e muitos destinos	28
1.3 Os casos brasileiros	33
1.4 Galegos migrados nos “secos e molhados”	36
1.5 A presente “Galiza externa”	43
2 GALEGOS CAIXEIROS E O FLORESCIMENTO DO FUTEBOL NA BAHIA	47
2.1 A propagação do futebol e a busca da excitação autorizada	54
2.2 A “futbolización” na Espanha	57
2.3 A modernidade do futebol galego	59
2.4 “Vários homens correm atrás de uma esfera de couro”: as origens do jogo de bola em Salvador	61
2.5 Jogo de tensões e representações	67
3 DE UMA GALIZA IMAGINADA POR UMA GALIZA MIGRADA	73
3.1 A identidade nos campos do esporte	80
3.2 Um Galícia aos galegos	82
3.3 O caminho de um demolidor	93
3.4 Outros projetos, outras tentativas	98
4 OS GALEGOS TAMBÉM JOGARAM	103
4.1 O contra-ataque galego frente ao profissionalismo	108
4.2 A ponte para “Salvador de Bahía”	118
4.3 Uns ficam, outros não	125
4.4 Um homem de dois mundos	129

CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
LISTA DE FONTES	138
REFERÊNCIAS	139

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fases da emigração galega à América (1835-1900)	29
Figura 2	Anúncio publicado na revista <i>Vida Gallega</i> . Vigo, ano VI, 1914, n. 62	31
Figura 3	Ano da chegada dos galegos no Rio de Janeiro (1870-1935)	36
Figura 4	Quantidade de espanhóis nos portos brasileiros em 1910	37
Figura 5	Notícia do retorno temporário de quatro galegos que viviam em Salvador	41
Figura 6	<i>Monumento ao migrante</i> , em Finisterra, na Galiza	45
Figura 7	Floreano Sobral, à frente, de mais um empreendimento comercial galego em Salvador	51
Figura 8	Convocação oficial do Galícia com a assinatura do primeiro secretário Floreano Sobral	53
Figura 9	Caixeiros e boleiros: a celebração do triunfo galego em Salvador	70
Figura 10	Celebração do Apóstolo Santiago, 25 de julho, por casas comerciais de Salvador	71
Figura 11	Torre de Hércules, ponto histórico-turístico da cidade de La Corunha, na Galiza	76
Figura 12	Estátua de Breógan, mito celta citado por Manuel Murguía, à frente e “protegendo” a Torre de Hércules	76
Figura 13	Vista do alto da Torre de Hércules onde é possível visualizar a rosa dos ventos do celtismo moderno	77
Figura 14	Cruz de Santiago que é um dos elementos que compõem o brasão do Galícia Esporte Clube	83
Figura 15	Bandeira da Galícia por Ramón de Cabanillas	85
Figura 16	Atual Bandeira Nacional da Galiza	85
Figura 17	Brasão do Galícia no uniforme de 1934	85
Figura 18	Brasão do Galícia Esporte Clube	86
Figura 19	Convite do Galícia para jogar dia 25 de julho, celebrando o Apóstolo Santiago	88
Figura 20	Registro antes do jogo interestadual entre Galícia e Hespanha, no Campo da Graça	91
Figura 21	Galícia estreia novo uniforme com a faixa transversal	92

Figura 22	Floreano Sobral, ao centro, junto com dois companheiros de equipe praticando o desporto	100
Figura 23	Repercussão do jogo entre Palestra Itália/SP e Galícia	111
Figura 24	Jogadores do Galícia no contexto do profissionalismo, 1935	115
Figura 25	Talladas, ainda garoto, praticando futebol na Galiza	119
Figura 26	Destaque de Talladas, no Faro de Vigo, mesmo após a goleada de 6 a 1 para o Celta de Vigo	121
Figura 27	Anúncio da chegada de Talladas em Salvador	122
Figura 28	Foto de Talladas (direita) e Macoco (sentado)	124
Figura 29	Foto Talladas como goleiro do Clube de Regatas do Flamengo a partir de 1937	128
Figura 30	Os campeões do Campeonato da Cidade do Salvador em 1937. Macoco, o sexto da esquerda para direita	130
Figura 31	Talladas em ação pelo Santos Futebol Clube	132
Figura 32	Talladas na sua estreia pelo Galícia Esporte Clube	134
Figura 33	Senhor José Túnel Cabaleiro	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Número de automóveis no município de Salvador, 1937 a 1939	24
Quadro 2	Relação de alguns jogos interestaduais feitos pelo Galícia Esporte Clube, 1933-1946	109

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
ACERJ	Arquivo Particular do Consulado Espanhol do Rio de Janeiro
BPEB	Biblioteca Pública do Estado da Bahia
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LASTB	Liga de Amadores de Sports Terrestres de Brotas
LBDT	Liga Bahiana de Desportos Terrestres
LBRST	Liga Brasileira dos Sports Terrestres
LBST	Liga Bahiana de Sports Terrestres
LSB	Liga Sportiva da Bahia
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
RAG	Real Academia Galega
R.O.	Real Ordem
W.O.	Walkover (“vitória fácil”)

INTRODUÇÃO

Cheguei ao meu objeto de pesquisa antes mesmo de entrar na vida acadêmica. Como é de praxe no Brasil — e em muitas partes do mundo —, desde muito cedo, fui incentivado a gostar de futebol por meio de uma bola, uma camisa do time do coração, uma ida memorável ao estádio e por perceber no esporte uma forma e linguagem de aproximação ainda maior com meu pai, Jorge, e meu irmão, André.

Ainda que as mulheres estejam ganhando espaço no “mundo da bola”, o ambiente é majoritariamente masculino e era ainda mais em 4 de novembro de 2000, quando, pela primeira vez, pisei no antigo Estádio Octávio Mangabeira, conhecido como Fonte Nova, para acompanhar a partida entre Bahia e Botafogo, vencida pelo “tricolor de aço” por 2 a 0, com gols de Jefferson e Jorge Wagner, o que criou, em mim, uma memória positiva sobre o novo ambiente.

Apesar de ser torcedor do Esporte Clube Bahia, ter forjado boa parte da minha vida nas arquibancadas da Fonte Nova e ser grato a essa instituição por ter me tornado um apaixonado pelo esporte, sempre vislumbrei o futebol muito além de “22 homens correndo para ver quem fica com a bola” e percebi que, muitas vezes, o desporto traduz sentimentos, mensagens políticas e histórias escondidas atrás de um gol. Assim, ao ingressar na Universidade Federal da Bahia (UFBA) para o curso de licenciatura em História, já estava decidido a estudar o desporto como objeto historiográfico.

No caminho, tive a grata felicidade de encontrar o professor do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) Jeferson Afonso Bacelar, autoridade nos assuntos futebolísticos e de imigração galega na Bahia, para me orientar no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) por dois anos, entre 2015 e 2017, no tema sobre “A história do Galícia Esporte Clube”, que proporcionou base na bibliografia especializada sobre futebol, processos migratórios, a Bahia da primeira metade do século XX e as relações entre os galegos e os soteropolitanos; além dos primeiros movimentos de experiência empírica na função de pesquisador.

Dessa forma, a narrativa desta dissertação sobre a história do Galícia Esporte Clube vai além de uma tentativa de simplesmente expor os fatos do clube dentro das quatro linhas que delimitam o espaço do jogo, o que também não foi ignorado, mas principalmente buscamos compreender as principais motivações que levaram a colônia espanhola radicada na Bahia a criar um time de futebol, bem como analisar algumas ações institucionalizadas do Galícia entre 1933 e 1945.

Inicialmente angustiado pela dúvida motriz se o Galícia foi criado para integrar os galegos aos soteropolitanos como estratégia de amenização das tensões sociais em um contexto de popularização do jogo de bola, ou se foi mais uma das instituições fundadas por migrantes no intuito de fortalecimento das sociabilidades e principalmente valorização da identidade galega, verificamos ao longo das investigações e da escrita deste trabalho, as ações do Galícia na intenção de voltar-se para si, agindo como um agente político de distinção social em nome de setores da colônia espanhola na cidade do Salvador.

Para tanto, analisamos três fenômenos históricos advindos do século XIX como eixos centrais para compreensão dos contextos favoráveis à fundação e primeiros anos de vida do Galícia Esporte Clube. No primeiro capítulo, lançamos mão da bibliografia especializada sobre os processos historiográficos que abordam as migrações e, principalmente, os movimentos migratórios galegos entre finais do XIX e início do século XX.

Em uma perspectiva de uma história transnacional, levamos em consideração produções acadêmicas brasileiras, a exemplo de *Galegos nos trópicos: invisibilidade e presença da imigração galega no Rio de Janeiro, 1880-1930* (2017), de Érica Sarmiento; *Da emigração à diáspora: positividade de uma identidade* (2011) de Ana Paula Conde; e o texto de Elda Martínez González, “O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis”, contido no livro de Boris Fausto, *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina* (2000); mas também obras historiográficas internacionais verificáveis nas produções galegas de *O Galeguismo em América, 1879-1936* (1992) de Xosé Núñez Seixas; *Historia da emigración galega a América* (1996), de Ramón Villares; além de *Migraciones y exilios gallegos en la Argentina (ss. XVIII-XXI): algunos comentarios a la bibliografía sobre el tema* (2016), de Ruy Farías, que aborda o processo migratório da saída da Galiza até a Argentina, este último em um panorama de estabelecer paralelos comparativos com os lugares de destino desses migrantes.

É importante pontuar que a lógica de uma abordagem historiográfica transnacional não se limita apenas ao primeiro capítulo, que aborda a migração, pois é sim uma proposital tendência ao longo de todo este trabalho. Essa opção deve-se muito ao objeto de análise — uma instituição fundada por migrantes galegos em Salvador —, mas também às oportunidades de investigação, tanto entre as bibliografias especializadas como em algumas das fontes historiográficas trabalhadas, uma vez que tivemos acesso às fontes por meios digitais e principalmente físicos quando estive na Galiza, entre os meses de julho e agosto de 2019, sendo agraciado por meio de uma bolsa de estudos na formação “*Galego Sen Fronteiras – XXXII Edición dos Cursos de verán de lingua e cultura galegas*”, e reuni condições para estudar a língua e cultura galegas, conhecer a Galiza e prioritariamente ter entrada em arquivos, museus,

bibliotecas e outros lugares de conhecimento histórico já visando a construção desta dissertação.

Por meio das fontes historiográficas as quais tivemos acesso pela via digital, pudemos registrar, quantificar e qualificar a chegada em Salvador de alguns membros da colônia galega e, desses, priorizamos aqueles que tiveram suas trajetórias entrelaçadas com o projeto esportivo do Galícia. Verificamos assim valores como o dia da vinda, de onde esses emigrantes partiram — prioritariamente do porto de Vigo —, o estado civil e quais profissões esses indivíduos já desenvolviam previamente quando se aventuraram em migrar.

Dessa forma, o perfil social da grande maioria foi composto por homens, jovens, solteiros e comerciantes. Ainda que reconheçamos a existência de outros grupos distintos a esse, a exemplo das mulheres galegas, focalizamos nosso recorte de estudo numa história majoritariamente masculina, uma vez que a própria migração galega e a prática do futebol restringiam a aparição da figura feminina.

No intuito de diluir as possíveis confusões para o leitor e também evitar a repetição de termos, optamos por entender o conceito de “Galiza” como aquele diretamente ligado à região noroeste da Espanha, enquanto “Galícia” será enquadrado como o termo responsável por representar a agremiação esportiva fundada em 1º de janeiro de 1933, na cidade do Salvador. Essa condicionante será regra ao longo de toda a dissertação, salvo as exceções de citações diretas de outros autores.

No primeiro capítulo e em parte do segundo, estudamos a presença galega na cidade do Salvador. Ainda que seja historicamente estabelecido que nem todos os imigrantes, galegos ou não, tiveram sucesso no projeto de salvação econômica de “Fazer a América”, este trabalho versa sobre aqueles que ascenderam socialmente ao ponto de organizarem-se na construção de uma instituição: o Galícia. Este recorte deve-se ao próprio objeto de análise, uma vez que não tivemos como pretensão estudar todo o processo migratório e tampouco a heterogênea colônia galega de Salvador, e sim os membros e participantes da colônia estrangeira que reuniram condições materiais suficientes para construir uma nova agremiação.

Não mais na simples condição de migrantes, mas sim já estabelecidos e inclusive modificando a paisagem social e cultural da capital da Bahia, esses galegos obtiveram êxito socioeconômico, principalmente, no ramo alimentício de “secos e molhados” na cidade. Com esse propósito, fizemos uso da bibliografia especializada que analisa Salvador culturalmente impactada pela presença desses estrangeiros e de quais formas esse seletivo grupo controlou boa parte dos setores comerciais, a exemplo de *Galegos no paraíso racial* (1994), de Jeferson Bacelar; *A mesa galega na Bahia: a alimentação dos imigrantes galegos e descendentes em*

Salvador (2016), de Fabiana Paixão Viana; e *Casa e balcão: os caixeiros de Salvador 1890-1930* (2009), de Mário Augusto da Silva Santos, esta última obra historiográfica a que reproduzimos o conceito de classe caixeiral como categoria social heterogênea de empregados nas casas comerciais nas primeiras três décadas do século XX. E, como foi explicitado nas bibliografias e ao longo deste trabalho, os migrantes tinham grande trânsito de ascensão social no ramo do comércio.

Correlacionando o uso da bibliografia específica com as fontes históricas investigadas, tivemos acesso à trajetória de Floreano Sobral Amôedo, que, para além de ter sido migrante saído da Galiza, elevou sua condição material em Salvador a partir do estabelecimento comercial e, posteriormente, participou do projeto político e esportivo do Galícia.

Assim, sem hierarquizar as fontes, traçamos um minucioso cruzamento de informações históricas sobre os múltiplos caminhos de vida de Floreano Sobral. Para tanto, lançamos mão da entrevista realizada em 19 de maio de 2017, ainda na condição de aluno de graduação e pelo PIBIC, com Dinéia Maria Sobral Muniz, filha de Floreano Sobral. Nesse mesmo dia, além do relato oral fruto da memória familiar pelo qual obtivemos informações sobre a chegada, atividades realizadas e o perfil de Floreano, tivemos acesso a documentos fotográficos do acervo pessoal da família Sobral que foram lidos e interpretados como mais uma fonte histórica.

Em uma dessas documentações, foi registrada a presença de Floreano Sobral como sócio proprietário de mais um estabelecimento comercial controlado por galegos. Além disso, localizamos junto às fontes históricas do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) uma ficha-crime atestando a posse do referido armazém sobre mando do próprio Floreano Sobral.

Pontuamos ainda que a instrumentalização das fontes orais, bem como os registros fotográficos de arquivos pessoais gentis e previamente cedidos para a solidificação desta dissertação, não ficou restrito ao caso da família Sobral, sendo essa prática estendida a outras trajetórias que participaram ativamente do processo histórico do Galícia, ainda que a metodologia de não hierarquização das documentações e subsequente correlação dos resquícios historiográficos tenham seguido a mesma praxe.

O capítulo dois dá início ao segundo fenômeno característico do século XIX e que atravessa toda esta dissertação: o futebol. Inspirada na crescente vertente historiográfica da História Social do Esporte, levamos em consideração o conceito de Norbert Elias, em *A busca da excitação* (1992), que entende a lógica do desporto como representação simbólica e não violenta da competição e que, por ser marcado pelo confronto entre pelo menos duas partes, proporciona a identificação de grupo entre o “nosso grupo” e o grupo “deles” a partir do elemento de oposição.

Somada a essa visão sociológica, partimos também para a materialização do processo histórico do futebol no Brasil, em Salvador, e também a construção do esporte na Espanha e na Galiza, buscando sempre a construção de uma história com intercâmbios para além das fronteiras nacionais. Para isso, a obra *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)* (2000), de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, foi instrumentalizada para melhor compreender os processos de propagação e popularização do jogo de bola no Brasil e no mundo.

A partir da obra historiográfica *O jogo da distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. – um estudo da construção de identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1902-1933)*, de Renato Lanna Fernandez (2016), adentramos a configuração do futebol profissional frente à tradicional prática do jogo amadorista no Brasil. E correlacionando com a trajetória de Waldir Leandro Galvão, tanto pelo seu relato oratório como pela documentação cedida gentilmente para registro fotográfico, em 21 de maio de 2017, em que atuava como jogador profissional do Galícia Esporte Clube, entre 1945 e 1947, pudemos melhor compreender a nova conjuntura do futebol no país e de quais formas o profissionalismo impactava nas pretensões do Galícia em ser uma instituição com identificação galega.

Fizemos uso também dos específicos trabalhos sobre futebol baiano com *Pugnas renhidas: futebol, cultura e sociedade (1901-1924)*, de Henrique Sena dos Santos (2014), e *Dos simpaticísimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)*, de Lucas Santos Café (2013), para melhor contextualizar as origens e quais grupos sociais detinham o controle do jogo de bola na capital soteropolitana. Todavia, a dissertação em questão distingue-se das demais por focar sua narrativa em um único clube, ainda que obviamente dialogue com os contextos histórico, futebolístico e político.

Compreendendo a lógica futebolística como prática e representação cultural da modernidade, analisamos o desenvolvimento deste processo não só no Brasil, mas também na Europa e principalmente na Espanha. Com esse propósito, lançamos mão das produções acadêmicas hispânicas a exemplo de *El poder político y social en la historia del Fútbol Club Barcelona (1899-2015)* de Ángel Barco (2015); *El sueño de ser grandes: Historia social del nacimiento del fútbol en Zaragoza, 1903-1936* de autoria de Pedro Ciria Amores (2012); e *El fútbol y los clubes españoles de La Habana (1911-1937) – Asociacionismo y espacios de sociabilidad* de Santiago Prado Péres de Peñamil (2013), em que esse último trata dos clubes cubanos de futebol os quais eram fortemente conectados com vários símbolos das regiões da Espanha, inclusive da Galiza.

Já a análise do processo histórico de implementação e consolidação dos esportes modernos e, principalmente, do futebol na região da Galiza ficou a cargo de *Historia social do deporte en Galicia (1850-1920)*, do historiador Andrés Domínguez Almansa (2009), que pavimentou o entendimento de como o esporte e principalmente o futebol já era difundido na região da Galiza paralelo ao processo da vinda dos imigrantes para Bahia e, conseqüentemente, da fundação do Galícia Esporte Clube em 1º de janeiro de 1933. Além disso, a obra historiográfica de Domínguez Almansa também versa sobre a identidade galega como prática de representação da ideia de Galiza inserida no meio futebolístico.

Dessa forma, novamente interpretamos a trajetória de Floreano Sobral que, para além de ser galego migrante e comerciante em Salvador, foi um dos muitos jovens responsáveis por fundar e solidificar o projeto do Galícia Esporte Clube. É interessante notar que, por mais que seja atravessado por múltiplos fenômenos, a exemplo da migração e da propagação do futebol na Galiza e na Bahia, todas as trajetórias analisadas nesta dissertação, a exemplo do próprio Floreano Sobral, foram compreendidas numa relação dual entre as conjunturas políticas e sociais estabelecidas em paralelo com as ações do indivíduo no seu próprio tempo.

O terceiro fenômeno central deste trabalho, analisado no terceiro capítulo, é a compreensão do conceito de nacionalismo, bem como sua difusão do século XIX em diante. A partir da obra historiográfica *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*, de Benedict Anderson (2008), interpretamos a definição da lógica nacionalista como uma comunidade política imaginada, incluindo o caso da Galiza, que, apesar de não ser independente da Espanha, manifestou uma tendência regionalista desde meados do século XIX até o primeiro terço do XX — pautada por bandeira, hino, obras literárias, monumentos e símbolos associados inclusive aos migrados —, que tinha como interesse resistir e competir ao imperialismo nacional totalizante de Castela.

Em associação ao conceito de Benedict Anderson, lançamos mão da análise sobre o mesmo fenômeno a partir da lógica de Eric Hobsbawm em *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* (1990), em que, para além de construir toda uma cronologia e estudo sobre os nacionalismos, o correlaciona, a partir do século XX, com a prática e a representação cultural dos esportes, principalmente do futebol.

Assim, analisamos a construção do sentimento de “galeguidade” a partir da literatura e da política da Galiza, desde meados do século XIX, incluindo a ativa participação dos migrantes, e como o Galícia, a partir de 1933, apelou sua identificação para símbolos e ações que imaginavam a Galiza, mesmo com um oceano de distância, em paralelo à sua função esportiva de disputar jogos futebolísticos.

Para tanto, além de levarmos em consideração o conceito de nacionalismo anteriormente citado, associado à definição de identidade de Stuart Hall (2006) em *A identidade cultural na pós-modernidade*, na qual esse sentimento de pertença, por não ser algo inato e precisar todo o tempo estar sendo formada por meio de símbolos e representações, observamos uma série de ações institucionalizadas do Galícia ao longo dos seus 12 anos de existência em imaginar a Galiza.

Apesar de termos solenemente solicitado acesso à documentação oficial do clube por diversas vezes, não obtivemos sucesso. Independentemente disso, e afastando-se da prática de uma história positivista, analisamos uma série de documentações históricas além dos já citados relatos orais e registros familiares. Realizamos investigações no setor de Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB) e localizamos uma vasta quantidade de notícias nos periódicos *O Imparcial*, *O Estado da Bahia* e *Diário da Bahia*, todos entre os anos de 1933 e 1945. Dessa forma, foi possível compreender as ações do Galícia a partir de suas notas oficiais, datas e convites de jogos, celebrações religiosas, eleições das diretorias, associação com a classe caixeiral, número de sócios, as sedes do clube e o manifesto interesse em construir um estádio próprio.

Contudo, os periódicos soteropolitanos não foram os únicos trabalhados, uma vez que o estudo de uma historiografia transnacional considera crucial as narrativas da imprensa galega sobre uma agremiação esportiva que carrega no seu nome e em diversos símbolos uma alusão direta à Galiza. Dessa forma, pesquisas empíricas nos periódicos *Faro de Vigo*, *Diário de Galícia*, *El Correo Gallego* e *El Pueblo Gallego* apontam para citações e referências ao clube da colônia espanhola de Salvador e, principalmente, à trajetória profissional e de vida de dois galegos nascidos em Redondela que chegam em Salvador em 1936, sendo eles Francisco Pázos González — apelidado como “Macoco” — e José Túnel Cabaleiro — conhecido como “Talladas” —, que melhor especificamos no quarto e último capítulo desta dissertação.

Pontuamos que, por se tratar de um trabalho sobre identidade processualmente forjada e visual, apelamos para a interpretação de imagens, símbolos e fontes que foram lidos sob o viés textual e historiográfico, sem qualquer distinção de análise com os textos escritos.

Ainda que a instituição Galícia Esporte Clube exista até os dias da realização desta dissertação, optamos por destacar historicamente os primeiros 12 anos do clube, entre 1933 e 1945, uma vez que, a partir de sua fundação e para além de ser o período mais vitorioso da agremiação em que venceu quatro títulos citadinos, em 1937, e realizou o até então tricampeonato inédito nos anos de 1941, 1942 e 1943, os idos dos anos 1930-1940 são marcados politicamente por ascensão de discursos e práticas autoritárias, repressivas e em nome das

identidades nacionais, tanto no Brasil de Getúlio Vargas após a tomada de poder em 1930, como na ascensão que levou Francisco Franco ao governo após a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Além disso, verificamos o crescimento do interesse pelo futebol por parte do governo varguista por conta da sua prática cultural popular, principalmente após a Copa do Mundo de 1938, durante a qual os apelos nacionalistas foram verificáveis na boa campanha da Seleção Brasileira. O ano de 1945, contudo, é marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial e também pelo término do Estado Novo (1937-1945), que representou um desmonte no projeto autoritário e nacionalista varguista, dando início a uma nova fase política brasileira.

Mesmo que toda esta dissertação tenha sido sobre o Galícia Esporte Clube, reservamos o quarto e último capítulo desta dissertação para melhor analisar as trajetórias de dois homens que sintetizaram tudo o que foi visto até aqui. Dessa forma, José Túnel Cabaleiro e Francisco Pázos Gonzáles foram dois jovens nascidos em Redondela, na província de Pontevedra na Galiza, que, desde muito cedo, passaram a compor o cenário do futebol local. É no contexto do profissionalismo futebolístico que o Galícia atravessou o Atlântico, a partir de seus representantes, e contratou os dois jogadores.

Assim, as trajetórias de José e Francisco, conhecidos no meio esportivo respectivamente por Talladas e Macoco, foram interpretadas como o chamamento de um clube fundado por galegos em terras soteropolitanas na tentativa de contar com os esforços de jogadores nascidos na Galiza, em mais uma ação voltada para a construção e imaginação da Galiza além-mar.

Para tanto, além das documentações já citadas a exemplo de registros jornalísticos e documentações familiares de ambos os jogadores, lançamos mão também da entrevista realizada em 1º de agosto de 2019 com o filho de Talladas, José Luis Túnel Carrera, em uma construção das fontes correlacionadas e sem hierarquia.

Por fim, destacamos os múltiplos desafios em realizar a investigação histórica ainda mais em um contexto de crise sanitária com a propagação da pandemia da Covid-19, a partir de março de 2020, o que implicou numa série de consequências políticas, sociais, econômicas, psicológicas e físicas. No caso deste pesquisador, destacamos a adaptação aos meios digitais por conta das aulas remotas oferecidas pela UFBA e principalmente o difícil acesso aos centros de memória histórica, a exemplo do APEB e da BPEB. Contudo, por conta do planejamento prévio e da seleção das fontes históricas desde 2015, quando iniciamos as investigações como aluno de graduação e bolsista de iniciação científica, acreditamos na solidificação desta pesquisa científica na área de História Social.

1. CAMINHOS PARA A CIDADE DO SALVADOR

Análogo aos aguaceiros que invadem territórios, interrompem transcurtos e modificam as paisagens físicas, sociais e culturais de determinados lugares, os processos migratórios foram múltiplos na história da humanidade em diversos períodos. Embora este trabalho não tenha como objetivo principal estudar a migração galega que afluíu a cidade do Salvador entre o fim do século XIX e início do XX, torna-se imprescindível compreender as razões, os caminhos e de quais maneiras esses novos agentes passaram a compor o cenário soteropolitano.

A partir da análise do historiador britânico Eric Hobsbawm, em *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*, que considera a baliza temporal entre 1880 e 1914, o momento representou as maiores migrações de massa já registradas¹ (1990, p. 112). Ou seja, a migração galega não será aqui considerada como uma “chuva isolada de verão”, mas sim dentro de um contexto que propiciou o deslocamento humano em outros espaços.

Em outra obra historiográfica, *A era do capital*, o próprio Hobsbawm (1982, p. 280) apresenta um questionamento sobre os motivos das pessoas migrarem. Para ele, e sua linha de pensamento marxista, as pessoas migram “porque são pobres”, e/ou buscam ascensão econômica e social. Essa afirmação, de modo algum será negada; ao contrário, o aprofundamento das variadas motivações que promoveram o movimento de saída dos galegos em direção a outros lugares, especialmente à América, Brasil e Bahia, será uma das discussões que pretendemos desenvolver a seguir. Não obstante, este capítulo irá detalhar condições específicas de outras categorias da migração galega que também contribuíram para o fortalecimento desses movimentos migratórios.

Antes de adentrar no mérito dos destinos buscados e, também, do perfil dos migrantes com origem na Galiza, é de fundamental importância apresentar o espaço galego, suas condições socioeconômicas e como esse cenário impulsionou um fluxo migratório crescente a partir de meados do século XIX. Com o propósito de melhor situar o leitor sobre a Galiza, seus aspectos geográficos e naturais, bem como o histórico de problemas sociais que motivaram a migração, deve-se lançar mão do estudo de Célia Maria Leal Braga (1995, p. 57) que afirma:

A Galícia está situada a noroeste da Espanha e tem toda sua costa banhada pelo Oceano Atlântico. É limitada, ao norte, pelo golfo de Biscaia; ao sul, por Portugal; ao

¹ Além de Eric J. Hobsbawm, muitos outros historiadores consideram o fim do século XIX e início do XX como de forte explosão demográfica por conta das migrações. A exemplo da obra nacional de Maria Tereza Schorer Petrone em “Imigração” em *História da Civilização Brasileira – Tomo III, O Brasil Republicano*, sob organização de Boris Fausto; e os historiadores galegos Xosé M. Núñez Seixas em *O Galeguismo En América, 1879-1936*; e Ramón Villares em *Historia da emigración galega a América*.

leste, pelo próprio território espanhol, através de suas províncias de Castilla-León e Astúrias. Tem uma superfície de 29.156 Km² e é dividida em quatro províncias [...] A maior delas é a de Lugo, com 9.991, seguida de La Coruña, com 7.903Km², Ourense, com 6.979 Km² e, finalmente, Pontevedra, com 4.393 Km².

Santiago de Compostela, capital da Galiza, é uma das muitas cidades que compõem a província de La Corunha, citada por Célia Braga. Sendo as outras três subdivisões — Lugo, Ourense e Pontevedra — também divididas internamente em *ayuntamientos*, nomenclatura análoga à “prefeitura”, em que cada *ayuntamiento* é responsável por um “município” espanhol, uma vez que essa lógica das divisões das Comunidades Autônomas não fica restrita à Galiza, mas abrange todo o território da Espanha (DIAS, 2014, p. 48).

Dito isso, é importante inferir que, por mais que pretendamos abordar o movimento migratório galego e suas especificidades regionais, não se deve esquecer que a Galiza é uma região espanhola e possui não só uma relação, como também parâmetros diretos com o restante do seu país. Dessa forma, Ismara Izepe de Souza (2006, p. 23; 25) retrata uma Espanha que chega ao século XX com cerca de 18 milhões de habitantes e “como um país basicamente agrário, contando com uma precária unidade política e uma crise agravada pelas perdas das últimas colônias na América”, a exemplo de Cuba e Panamá, respectivamente independentes, em 1898 e 1903.

Por questões geográficas e políticas, como sinaliza Ismara Izepe, uma vez que a Espanha tinha problemas de unidade nacional e, até os dias de hoje, ainda enfrenta adversidades dessa ordem que pautam o regionalismo em detrimento do nacionalismo, a situação da Galiza era ainda mais agravante. Para isso, lança-se mão do pensamento de José Ramón Campos Álvarez (1994, p. 134) e sua respectiva narrativa histórica atrelada a uma tradicional vertente da historiografia galega que credita o atraso da agricultura e da economia na Galiza em relação à Espanha graças aos:

[...]cultivos agrícolas pouco diversificados, técnicas arcaicas de exploração da terra, permanência do sistema foral e de arrendamento, subdivisão extrema da propriedade da terra que resulta em agriculturas minúsculas e impede a utilização das maquinarias, impostos e aluguéis excessivos para as economias campesinas, safras ruins e crises alimentares.

Contudo, uma distinta interpretação advinda da historiografia galega passou a questionar essa suposta pobreza do campo na Galiza e jogou luzes em uma outra narrativa na qual cadeias migratórias não se formam apenas em regiões mais pobres e atrasadas. Segundo Ramón Villares (1996, p. 43), desde o final do século XIX, a Galiza passou por um processo de maior divisão da terra associada a uma melhoria da modernização da técnica e uma consequente produção massiva junto ao mercado.

Interessante notar que essa discussão interna da historiografia galega não se limita apenas a uma questão geográfica da Galiza, interferindo no perfil desse migrante que deixa sua terra e parte para outros destinos, incluindo o Brasil. Villares (1996, p. 39) destaca que não eram os mais necessitados que partiram rumo à América, mas sim aqueles que possuíam alguma condição para tanto, a exemplo da própria disponibilidade de recursos dos custos da viagem em direção ao ultramar. Ao longo desta dissertação, quando formos analisar algumas trajetórias de vida do restrito grupo de migrantes galegos que foram a Salvador e tiveram suas biografias lincadas com o Galícia Esporte Clube, retornaremos a esta discussão.

Em consonância com essa exposição e simultaneamente buscando uma comparação entre o lugar de saída e o de chegada — respectivamente a Galiza e Salvador —, que melhor será averiguada ao longo deste trabalho, pode-se contrapor a realidade industrial de ambos cenários. Para tanto, o trabalho de Elena Pajaro Peres (2003, p. 65) aponta que, na Galiza, “até a década de 60, pelo menos, os carros estiveram reservados a uma pequena parcela da população galega e, no início dos anos 50, ainda causavam espanto nas regiões mais afastadas, especialmente entre as crianças”. Cenário esse muito diferente do apontado por Jorge Uzêda em seu trabalho historiográfico no que tange a adesão de veículos em Salvador, em 20 ou até 30 anos antes.

Tabela 1 – Número de automóveis no município de Salvador, 1937 a 1939

Ano	Automóveis comuns	Auto-ônibus	Autoambulância	Motociclos 2 e 3 rodas
1937	1355	112	6	30
1938	1506	62	6	106
1939	1645	70	6	94

Fonte: UZÊDA (2006, p. 111)

Com base nos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1940, essa tabela construída por Uzêda corrobora, em efeito comparativo, com a análise do quanto a Galiza estava defasada no âmbito industrial, uma vez que a cidade do Salvador não pautou a modernidade e industrialização no Brasil; ao contrário, e mesmo assim, já possuía uma expressiva quantidade de veículos, em sinal crescente da cultura modernizadora, tendo o automóvel como modelo da nova cidade, cerca de duas décadas antes da região galega.

Contextualizando o caso da Bahia, José Luis Pamponet Sampaio, em *A evolução de uma empresa no contexto da industrialização brasileira: a Companhia Empório Industrial do Norte, 1891-1973*, entende que até boa parte do final do século XIX, mais precisamente 1875, a Bahia

contava com aproximadamente metade das indústrias brasileiras — demonstrando assim força fabril regional. Algum tempo depois, em 1890, esse número de fábricas baianas em relação ao total do país fica diluído à nona parte (SAMPAIO, 1975, p. 28). Apesar de muitos empreendimentos terem sido fundados no final do XIX e início do XX, principalmente no setor têxtil, no contexto de um país agrário-exportador, em que o cacau e o fumo se destacavam na Bahia, isso não impediu que o desenvolvimento industrial baiano fosse travado até a primeira metade do novo século (SAMPAIO, 1975, p. 32). Dessa forma, Pamponet Sampaio (1975, p. 40) aponta o insuficiente desenvolvimento agrícola e a persistência de um capitalismo fundado na especulação comercial e nas curtas políticas industrializantes como os principais pilares responsáveis por esse bloqueio na indústria baiana.

Retomando o contexto galego, Elena Pajaro Peres (2003, p. 36) também demarca o quanto a sociedade galega, mesmo no século XX, é essencialmente rural. Chegando, segundo a autora, a 75% do total da sociedade ser pertencente ao meio campesino na década de 1950. Com isso, não deve ser menosprezado valores de ordens outras, inclusive do âmbito geográfico e climático, para entender a situação dessa região antes mesmo do século XX, a exemplo do que é apontado sob o olhar antropológico de Fabiana Paixão Viana (2016, p. 28), quando entende a localização geográfica galega como favorável a “altos índices pluviométricos, e o excesso de chuva ter sido a principal causa para a perda de plantações inteiras”.

Além disso, Campos Álvarez (1994, p. 134) sinaliza que tais condições vistas até agora, a exemplo da incipiente industrialização, a inexpressiva urbanização, características rurais que dificultavam a mecanização fabril e até o alto índice pluviométrico — responsável por, muitas vezes, destruir grandes plantações agrícolas — foram agravadas pelo número crescente da taxa de natalidade e o conseqüente aumento demográfico, tendo conseqüências na divisão dos recursos campesinos como também o excedente de mão de obra.

Os elementos já citados — de variados cunhos como o econômico, social, geográfico e climático — são responsáveis, em diferentes níveis de intensidade, por colocar a Galiza na periferia, entendida como uma nomenclatura pautada nas relações de poder em contato com a Espanha. Assim, segundo Célia Braga (1995, p. 49), a Galiza “fica discriminada e oprimida dentro do próprio território”, o que se explica por um projeto político de unidade espanhola na ação imperialista de Castela em aglutinar regiões no território ibérico, instrumentalizando questões de cunho histórico, cultural e linguístico (BACELAR, 1994, p. 16).

Além dos elementos citados como fatores de expulsão da massa galega, Jeferson Bacelar (2013, p. 233) analisa um aspecto cultural — com base campesina — da prática do *millorado*. O que, para o cientista social, caracteriza-se como um mecanismo de perpetuação e manutenção

da casa ou do patrimônio, em um cenário de pequenas parcelas de terra. Dessa maneira, esse mecanismo do *millorado* permitia que apenas um filho, não necessariamente o primogênito, pudesse herdar a propriedade dos pais e ali vivesse com sua esposa e os filhos. Os outros filhos poderiam morar na casa dos pais apenas enquanto fossem solteiros.

Para Bacelar, essa condição explica o motivo de a maioria dos migrantes galegos que vieram para Salvador serem solteiros — o que abordaremos mais à frente quando formos caracterizar o perfil desses migrantes. Dessa forma, é imprescindível a análise de Fabiana Paixão (2016, p. 36) sobre o mesmo fenômeno, uma vez que entende a situação das opções dos irmãos que não foram contemplados pela prática do *millorado* como bifurcada: “ou o trabalho nas terras que não seriam suas ou a emigração”.

Além desse elemento cultural, José Ramón Campos Álvarez compreende também o serviço militar — ou melhor, a fuga dele, como um fator que motivou a expulsão voluntária de jovens galegos. Para isso, Campos Álvarez explicita que, em um contexto de guerras durante o século XIX e a conseqüente necessidade de um maior contingente de militares, muitos galegos optaram pela saída clandestina em nome da sobrevivência. O que, para Campos Álvarez (1994, p. 134), já se tornava perceptível com a debandada de muitos rapazes galegos para Portugal já em 1835, de onde muitos desses migravam para o Brasil.

Nessa conjuntura, a análise de Domingo Luis González Lopo (2003, p. 169) aponta que a “a emigração seria a válvula de escape que contribuiria a moderar o crescimento populacional e produzir os recursos necessários para compensar as deficiências do sistema produtivo” — assim, a migração seria uma forma de a sociedade galega participar do mundo industrial e moderno, ao mesmo tempo em que captaria recursos para os que migravam e os que ficavam naquela região. Era, portanto, um projeto de enriquecimento pessoal, mas com bases política e familiar.

1.1 Migrações internas

Visto as diferentes condições estabelecidas no cenário da Galiza que levaram à saída de muitos galegos da sua terra natal, a partir desta seção, iremos nos debruçar sobre a quantidade de migrados, os locais de destino e como esses sítios ultramar foram impactados pela presença dos migrantes.

Tomamos o conceito de “cadeias migratórias” apresentado por Érica Sarmiento (2017, p. 58) como um “conjunto de relações vinculadas às oportunidades estruturais das sociedades receptoras, que traduzem as ações familiares e individuais” para analisar os locais de destino da migração galega, incluindo Salvador. Todavia, antes mesmo do deslocamento galego

transatlântico, não deve ser menosprezado o processo migratório interno na própria Península Ibérica que teve início ainda no século XVI, apogeu no setecentos e alcança o século XIX, sendo concomitante às migrações para a América (VIANA, 2016, p. 30). Essa migração interna na Península Ibérica foi marcada inicialmente por um caráter sazonal, ou seja, com demandas momentâneas e específicas, a exemplo da agricultura, tendo o retorno dos galegos após a colheita.

Tal cenário foi transformado com o desenvolvimento de grandes cidades ibéricas como Madri e Lisboa, tornando assim a emigração galega um valor permanente (VIANA, 2016, p. 30), como verifica-se no censo populacional português que aponta 27.138 espanhóis no território luso, sendo 13.405 ou 64% desses concentrados na capital Lisboa e 4.049 em Porto (GONZÁLEZ LOPO, 2003, p. 174). Com isso, apesar de não possuímos um dado estatístico exato sobre a parcela de galegos dentro desse universo de espanhóis que partiram para Portugal, é possível inferir, a partir da análise de González Lopo (2003, p. 175), uma presença significativa dos nascidos na região noroeste da Espanha, em que

Ainda em 1873, de acordo com os relatórios consulares utilizados pelo Professor J. Alves, quase um quarto dos imigrantes espanhóis e—Portugal - 97% dos quais galegos - estavam envolvidos em trabalhos agrícolas, pouco mais de 89% dos quais na região do Douro em escavação, poda e vindima.

Ainda que a análise seja de 1873 — um considerável espaço de tempo, principalmente em relação a cadeias migratórias — e o foco seja os galegos que em Portugal estavam voltados para o trabalho agrícola, nota-se que quase um quarto ou 25% desses espanhóis tinham origem na Galiza. A obra *Galegos nos Trópicos: invisibilidade e presença da imigração galega no Rio de Janeiro (1880-1930)*, de Érica Sarmiento (2017, p. 80), analisa, tendo como base o censo português de 1890, a existência de 28.138 galegos em território luso, corroborando com a corrente migratória interna da península. Além disso, não deve ser menosprezada a questão da entrada de migrantes pela via ilegal, tendo essa clandestinidade o poder de dificultar a análise dos números, tanto sobre a chegada desses migrantes na América saídos diretamente da Galiza como também dos que faziam outras regiões da Espanha e de Portugal como “ponte” para chegar à América do Sul.

Ao lado da migração peninsular, ressalte-se o processo de fluxo migratório espanhol e galego no próprio continente europeu. Tal fenômeno ganhou força a partir do declínio do número de imigrantes no continente americano a partir de 1930. Situação essa explicável pelas conjunturas políticas internacionais e nacionais, a exemplo da crise de 1929 e a consequente depressão; a Guerra Civil Espanhola e a ascensão do ditador Francisco Franco, que dificultou

a saída de pessoas; a Segunda Guerra Mundial e o constante cenário de horror; e, no Brasil, as práticas ultranacionalistas de Getúlio Vargas principalmente durante o Estado Novo, implicando em políticas públicas de não só valorização do sentimento patriótico como a ojeriza ao estrangeiro (CARONE, 1976; FERREIRA, 2010).

Dessa forma, a migração espanhola e galega só retorna a direcionar-se para o próprio continente europeu a partir da década de 1960, com o fim da Segunda Guerra Mundial (VÁZQUEZ GONZÁLEZ, 2006, p. 4), sendo essa análise historiográfica corroborada por Juan Bautista Vilar (2000, p. 132), que entende a presença de aproximadamente 2.600.000 espanhóis espalhados pela Europa entre 1946 até 1973, sendo 2 milhões desses a partir de 1960, o que faz sentido na cronologia da reconstrução europeia uma vez que:

Não há dúvida de que uma mobilização laboral tão gigantesca foi determinada antes de tudo pelo não menos formidável ritmo de expansão das economias dos países receptores, após a conclusão, entre 1945 e 1955, da reconstrução que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Dito isso, faz-se necessário compreender a migração galega para a América como um fenômeno histórico de grande valia numérica e de repercussões culturais, sociais, econômicas e raciais, tanto para a Galiza como para os países receptores, porém sem ignorar o quanto esse fluxo não foi um movimento isolado mesmo com suas particularidades, ao contrário, sendo influenciado e influenciando as etapas internas na própria Península Ibérica — o que, segundo Sarmiento, seria um precedente tradicional na cultura migrante (2017,196).

1.2 Um mar e muitos destinos

A prática do *millorado* e a fuga do serviço militar são dois dos elementos vistos anteriormente que recrudescem o argumento do quanto a migração “galega americana”, que abordaremos a partir de agora, foi um fenômeno inegavelmente com grande fluxo de pessoas e majoritariamente masculino. Contudo, a análise desse montante requer muito cuidado, uma vez que a pouca quantidade de fontes, bem como os múltiplos olhares historiográficos e de outras ciências sobre o mesmo evento implicam em variadas abordagens periódicas ou crivos de distintas ordens podem confundir os números.

O fenômeno concreto da clandestinidade em nada pode ser ignorado no processo de construção desse fluxo para o continente americano. Desse modo, a imigração galega para a América tem início ainda de forma irregular nos fins do século XVIII e de maneira massificada a partir do século XIX em que Cuba era o principal polo de atração (SARMIENTO, 2017, p. 184). Todavia, Cuba perdeu esse posto de protagonista para a Argentina a partir do primeiro

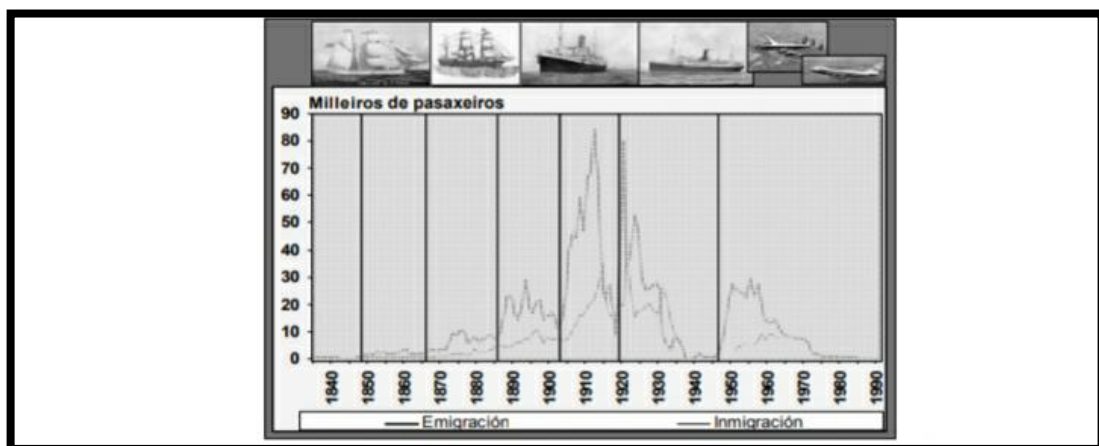
terço do século XX — período esse que mais nos interessa nessa discussão. Dessa forma, segundo Sarmiento (2017, p. 199), tal mudança de destino foi implicada porque

Entre 1880 e 1930, a economia argentina em expansão oferecia ao emigrante disponibilidade de terras, falta de mão de obra e altos salários, além da política de povoamento implantada pelo governo, com o estabelecimento de agência de publicidade em toda Europa e um Hotel de Imigrantes em Buenos Aires para receber os recém-chegados.

Dessa maneira, Ruy Farías (2016, p. 5), em seu estudo sobre o caso das migrações e exílios na Argentina, afirma que aproximadamente 1 milhão de galegos chegaram da Galiza entre 1857 e 1930 no país do Rio da Prata, especificamente entre os anos de 1904 e 1913, o que também se explica pela explosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Após a guerra, volta a ocorrer uma nova alta no número de migrantes para a Argentina, no fim da década de 1920, contudo o período foi interrompido pela Crise de 1929 e início de regimes totalitários na Alemanha, Itália e, também, na Espanha com Franco; contexto esse no qual foi perceptível uma redução drástica do número de migrados.

Há de atentarmos para o fato de aproximadamente 1 milhão de imigrantes não terem, necessariamente, fixado no território argentino, mas se terem deslocado para outros lugares da América do Sul — sendo essa prática corriqueira. Dessa maneira, parece ser um relativo consenso que, dentro da baliza temporal desses primeiros 30 anos da migração galega transatlântica, o período entre 1904 até os anos de 1920 é o de maior apogeu no número de migrantes. Como é possível verificar a partir do gráfico de Alexandre Vázquez González:

Figura 1 – Fases da emigração galega à América (1835-1900)



Fonte: VÁZQUEZ GONZÁIEZ (2006. p 2).

Eliane Veiga Porta (2008, p. 66), em sua obra sobre a imigração espanhola em Santos, no período compreendido entre 1880 e 1920, considera que o fluxo espanhol de maneira mais

ampla — e não apenas de características do povo galego, incluindo também os andaluzes e catalães — evidencia a distorção dos números investigados:

Como se verifica, o total de emigrados no período de 1882 a 1920, de acordo com as séries espanholas, foi de 914.323; contrariando os números apresentados pelos países da América Latina que serviram de destino aos imigrantes espanhóis: 2.578.342.

Fortalecendo a discussão sobre a problemática diferença numérica da quantidade de migrantes espanhóis em território americano, o que implica não apenas no contingente, mas, conseqüentemente, na influência hispânica na cultura, arquitetura, festas, esportes, tradições e identidades nos países receptores.

Por meio das fontes consultadas, Eliane Veiga Porta (2008, p. 65) demonstra uma significativa tendência de aumento no movimento de espanhóis para a América do Sul, a partir do início do século XX, com o salto de 14.192 hispânicos, em 1903, para 28.589, em 1904, passando para 90.315, no ano de 1908, e chegando a 151.989 migrantes da Espanha, em 1912, chegados na Argentina. Tendo essa tendência de aumento oscilado em cada país, uma vez que as cadeias migratórias não são uniformes, já que o fenômeno da migração é dinâmico e suas variáveis dependem de conjunturas, tanto de onde se migra quanto do seu destino.

Cuba recebeu 48.367 migrantes espanhóis, em 1919, e 97.569, em 1920. Já o Uruguai passou de 2 mil migrantes recebidos, em 1910, e chegou a 3.844, em 1919. O caso brasileiro, que trataremos a seguir com maior profundidade, também indica uma alta do número de espanhóis no ano de 1905, com 17.861, e principalmente 19.585, um ano depois (PORTA, 2008, p. 66). Esses números possuem certa confiabilidade por conta da pesquisa citada anteriormente, porém sem perder de vista o quão problemático historicamente é o tratamento dessas questões numéricas, a exemplo da questão da clandestinidade e da duplicidade dos registros de um mesmo imigrante de um país para o outro, sem passar pela Espanha, como parece ter sido habitual na Argentina e Brasil.

Atrelado a isso, não se pode marginalizar a importância do processo da migração como um elemento de impulso para a saída dos espanhóis. Em sua análise sobre o movimento migratório galego para a Argentina, Ruy Farías (2016, p. 3) aponta a melhoria do transporte marítimo e a redução do custo das travessias transatlânticas, principalmente a partir do barco a vapor, como um elemento facilitador das imigrações. É sobre esse aspecto que o trabalho de Ana Paula Conde Gomes, em *Da emigração à diáspora galega: positividade de uma identidade*, aborda a questão náutica a vapor por meio do anúncio publicado na revista *Vida Gallega*, do ano de 1914:

Figura 2 – Anúncio publicado na revista *Vida Gallega*. Vigo, ano VI, 1914, n. 62



Fonte: CONDE (2011, p. 35)

Apesar de Ismara Izepe de Souza (2006, p. 7-9) também sinalizar para uma melhoria das embarcações, um custo marítimo mais barato e uma duração do trajeto menor, com aproximadamente 15 a 20 dias de viagem no início do século XX, não se pode ignorar que “as péssimas condições sanitárias dos navios favoreciam a proliferação de doenças infectocontagiosas que faziam vítimas fatais” que, muitas vezes, comportavam mais de 300 espanhóis. Discurso esse muito semelhante ao estudado por Ana Paula Conde Gomes, tanto nas denúncias de exploração e violências nas plantações cubanas quanto pelas próprias condições das embarcações. Em 1859, o jornal *La Aurora*, editado em Lugo, estampava a matéria “*El tráfico de carne gallega en el Río de la Plata*”, sobre as péssimas condições de viagem (CONDE, 2011, p. 32).

Retornando à análise dos países receptores, a obra de Fabiana Paixão Viana (2016, p. 34) é mais uma que ratifica a alta dos migrantes galegos nas primeiras três décadas do século XX na América Latina, e ainda destaca que:

[...] entre 1904 e 1918, foi o auge da emigração galega para a América do Sul, isto porque que a agricultura na Galícia não obteve grandes avanços tecnológicos, permanecendo rudimentar e vulnerável as intempéries climáticas, [...] Entre 1904 e 1918 a Galícia estava com a economia fragilizada e não havia empregos para grande parte da população, situação aliada a Lei da Emigração de 1907, a Criação do Conselho Superior de Emigração (CSE) e melhoria e oferta nos meios de transportes transatlânticos. Este cenário favorável para a saída de emigrantes foi beneficiado com a situação sul-americana, sobretudo argentina, que gozava de intenso crescimento

econômico, oriundo dos setores agrícolas e de exportação e crescente urbanização das cidades.

Dessa maneira, Fabiana Viana invoca a questão legal, dentre alguns dos fatores, que permitem o entendimento do fenômeno da migração espanhola e, conseqüentemente, a galega. Sobre isso, Eliane Veiga Porta (2008, p. 60) entende o mecanismo criado pelo governo espanhol, e anunciado na Real Ordem (R.O.) já em 1834, que coloca as primeiras exigências aos indivíduos e a questão migratória, em que:

As primeiras exigências referiam-se ao descumprimento de qualquer ‘dívida’ junto a quaisquer autoridades e de fugir à obrigatoriedade do serviço militar; aliás, esta era, de fato, a principal preocupação do legislador espanhol e o único fator restritivo para emigrar até as primeiras décadas do século XX. Atribuía-se a fuga do serviço militar como a principal razão das emigrações clandestinas, levando as autoridades espanholas a uma nova R.O., de 1º de março de 1838, proibindo a emissão de passaporte aos espanhóis do sexo masculino que tivessem entre 17,5 anos e 25 anos, caso não efetuassem um depósito pecuniário. A idade restritiva ampliou-se, mais tarde, iniciando-se aos 16 anos.

A pauta da migração já se fazia presente com caráter orgânico e o governo espanhol buscava uma forma de conter ou, no máximo, amenizar a situação. Além disso, fica exposto o quão evidente a fuga do serviço militar era uma realidade, bem como a via clandestina para a desistência de tal obrigatoriedade; o que constata um dos elementos para uma migração galega majoritariamente masculina.

Eliane Porta entende a R.O. de setembro de 1853 como o “primeiro marco legislativo moderno sobre as migrações” (PORTA, 2008, p. 60), uma vez que, mesmo dificultando a migração para novas colônias espanholas independentes, também ia na contramão e incentivava a mão de obra para as colônias do Caribe — principalmente Cuba, após a suspensão do tráfico de escravos em 1817. Além disso, fazia-se fundamental a existência de representantes da Majestade espanhola nesses locais.

Cabe, então, a reflexão sobre como a R.O. de 1853 teve papel de destaque no expressivo movimento migratório para Cuba ainda no século XIX, que fez da ilha caribenha o principal polo de migração galega até o século XX e, também, o quanto isso aproxima a ilha americana da Galiza no que se refere aos símbolos identitários como o hino e a bandeira, como veremos ainda neste capítulo.

Retomando a análise de Eliane Porta, a R.O. de 1853 também é responsável por, pela primeira vez, ter o papel de tutela do Estado sobre os imigrantes. Ou seja, a restrição de homens em idade militar e as emigrações coletivas por contrato que pautavam o passaporte mediante uma série de condições “tais como: livre decisão para emigrar, autorizações para os menores

de idade e para as mulheres casadas e depósito pecuniário na ordem de 6.000 reais para os homens com idade militar” (PORTA, 2008, p. 60).

Outros dispositivos legais, por meio das R.O, foram promulgadas, inclusive mencionando a condição do Brasil, o que é necessário para ter maior clareza sobre os efeitos da Lei de Emigração de 1907. Destarte, Paulo Roberto Baqueiro Brandão entende essa lei como um mecanismo legal garantidor de maior liberdade para o cidadão migrar. Segundo esse autor, a Lei de 1907 marca um período de “maior flexibilização da legislação dos emigrantes, sendo desde a exigência mínima de documentos para a realização da viagem (lei de 1916) — limitada à apresentação da *Cartera de Identidad* — até a redução das restrições legais à saída de espanhóis (1924)” (BRANDÃO, 2005, p. 62).

Sobre tal documentação, Eliane Veiga Porta explicita que existia a prática de substituição dos registros de identidade por documentos de outra pessoa, trâmite esse facilitado pela inexistência de fotografia no título obrigatório. Eliane Porta (2008, p. 66) pondera que, apesar de ilegal, essa forma de burlar o sistema, estatisticamente, não era considerada como clandestina, uma vez que os números eram computados normalmente, implicando na identificação civil dos burladores.

Muitos emigrantes galegos saíam por meio de portos não espanhóis, a exemplo de Lisboa e Porto — situação essa contextualizada pela migração interna na própria Península. Desses, Eliane Porta (2008, p. 64) considera que a maioria embarcava com passaportes portugueses e, muitas vezes, com destino ao Brasil:

Aliás, Gibraltar era o porto preferido pelas companhias de transporte, já que não sofria a tutela das autoridades espanholas e pelos clandestinos que não podiam embarcar legalmente pela Espanha. Conforme a exigência, ali se criava famílias fictícias e falsificavam-se profissões. Os recrutados na Andaluzia amontoavam-se à espera dos navios, onde embarcavam na terceira classe.

Além disso, o porto de Gibraltar que, apesar de localizado geograficamente na Península Ibérica, era e ainda é um território ultramarino britânico, mantinha condições ideais para a migração clandestina. O papel estratégico do porto de Gibraltar deve-se também às suas fronteiras que conectam o Mar Mediterrâneo ao oceano Atlântico, agilizando assim a navegação e o controle entre essas águas, tendo como consequência um custo menos oneroso de deslocamento (GONZÁLEZ, 200. 244).

1.3 Os casos brasileiros

O fenômeno migratório no cenário e contexto brasileiro deve levar em consideração tanto os motivos de expulsão dos galegos de suas terras quanto a cultura migrante, os sítios de

atração na própria Península e na América, a questão da clandestinidade e o dinamismo das cadeias migratórias. Para tanto, lança-se mão do estudo de Elda Evangelina González Martínez sobre os migrantes espanhóis que tinham como destino o Brasil. Assim, a autora (2000, p. 239) destaca o protagonismo de Argentina e Cuba, que concentraram 82% dos migrantes espanhóis entre o final do século XIX e início do XX.

Com isso, os números do território brasileiro não são os maiores na América Latina, apesar de também demarcarem uma alta a partir de 1904 e, em acordo aproximado com o contingente exposto por Eliane Porta (2008), verifica-se a entrada de 14.510 emigrantes espanhóis com destino ao Brasil, saídos apenas de portos da Espanha, entre 1900 e 1904, seguindo para uma alta de 59.551 espanhóis, no período de 1905-1909, e 44.745 imigrantes, entre 1910 e 1914 — tendo a Primeira Guerra Mundial influenciado nos números baixos, a partir daí com 7.264, entre 1915 e 1919; retomando uma leve alta entre 1925-1929, com 15.294 espanhóis, até a chegada da crise econômica mundial, a partir de 1929 (GONZÁLEZ, 2000, p. 240). Desses dados, Elda González (2000, p. 241) expõe uma concentração de espanhóis no território brasileiro, e não mais apenas nos portos, de 23.146, entre 1900 e 1904, para 90.086, entre 1905 e 1909, chegando a 143.485 hispânicos na baliza temporal de 1910-1914. Mantendo uma média de concentração no território brasileiro acima de 35 mil espanhóis até 1929.

Dentre esses espanhóis, os galegos, assim como os andaluzes, protagonizam esse contingente, espalhados não uniformemente, no continental território brasileiro. Dessa maneira, Elda González (2000, p. 247) evidencia que, já em 1931, existiam em Belém do Pará 1.500 espanhóis, dos quais os galegos representavam 90%, sendo o restante de 7% de Castilla e León, tendo 3% demais localidades. Em Recife, a porcentagem de galegos dos 476 espanhóis chega a 70%, uma abrupta diferença para os 5% de andaluzes, catalãs e castelhanos, sendo o restante para as demais regiões hispânicas (GONZÁLEZ, 2000, p. 248). A autora ainda destaca presença de espanhóis em Campo Grande, Manaus, Porto Velho, e no do Espírito Santo, Goiás Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul — todos esses com variados números de hispânicos e, conseqüentemente, de galegos (GONZÁLEZ, 2000, p. 249-250).

Importa ressaltar, entretanto, o quanto o cenário de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia possuem diferentes particularidades. A começar pelo estado paulista que, mesmo antes do fim da escravidão em 1888, já começava a adotar a mão de obra europeia uma vez que o sistema escravista começava a ruir — sendo agravado pelo fim do tráfico a partir da Lei Eusébio de Queirós em 1850 (GONZÁLEZ, 2000, p. 251).

A necessidade econômica de um país agrário-exportador para a substituição de mão de obra, como também o projeto nacional de branqueamento da população facilitou a entrada do

européu. No estado de São Paulo, apesar dos expressivos números ao longo do final do século XIX e durante o século XX, os espanhóis constituíram a terceira força migratória, superada pelos portugueses e italianos (SOUZA, 2005, p. 38).

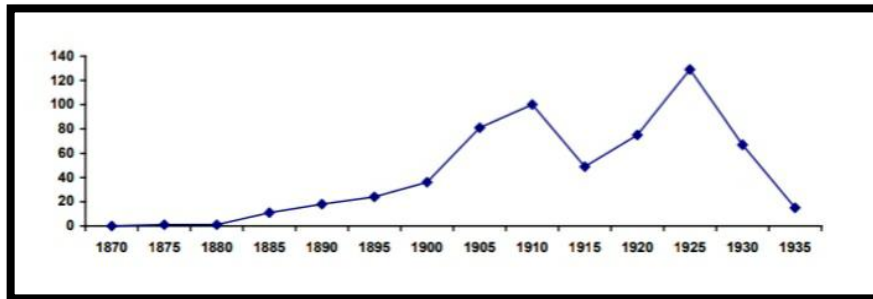
Dessa forma, e muito por conta dos interesses da elite cafeeira, a federação paulista e seu porto de Santos despontam como destino de muitos desses europeus e também espanhóis, como verifica-se no período apontado por Elda González, entre 1885-1889, em que 4.834 hispânicos entraram no estado de São Paulo. Não necessariamente aí se fixaram, mas indica um roteiro de viagem mesmo antes do fim da escravidão, uma vez que acreditamos que esses mais de 4 mil migrantes não chegaram apenas após o 13 de maio de 1888. Tal contexto paulista explica-se também pela política de passagens subvencionadas prometidas pelo poder público de São Paulo, uma vez que a Galiza e boa parte da Espanha passava por grandes dificuldades socioeconômicas, e a garantia de menor custo seria um atrativo a mais para essa travessia (SARMIENTO, 2017, p. 53).

Ainda que as R.O. de 1865 e 1874, respectivamente, desaconselhassem o embarque para o Brasil por motivo de propaganda enganosa e reconhecessem o caráter negativo desse destino, os movimentos migratórios espanhóis tiveram um aumento no fluxo a partir do século XX, como visto anteriormente, a ponto de o estado de São Paulo concentrar sozinho, entre 1905 e 1909, 69.682 espanhóis e, entre 1910-1914, 108.154 hispânicos (GONZALEZ, 2000, p. 251). Ou seja, “o estado de São Paulo recebeu 75% dos espanhóis que vieram para o Brasil. Esses números podem ser ampliados, uma vez que o censo de 1940 registra que 81% deles residiam nesse estado” (PORTA, 2008, p. 61-62). Todavia, a federação paulista, apesar dos altos números de migrantes espanhóis, concentrou apenas 20% de galegos desse universo matemático, sendo a maioria, ou aproximadamente 60%, de andaluzes na “Terra da Garoa” (GONZALEZ, 2000, p. 250).

Já o caso do Rio de Janeiro também é de grande valia, uma vez que, por ser a capital do Brasil desde 1763, evidenciava um forte polo de poder econômico, artístico, social, cultural e urbano. Assim como São Paulo, o estado fluminense também detém nos espanhóis o terceiro grupo de estrangeiros de maior relevância, ficando atrás apenas dos portugueses e dos italianos — tendo a colônia portuguesa um lastro de grande porte, principalmente por questões históricas, resultado da colonização (SARMIENTO, 2017, p. 52). Com isso, o Rio de Janeiro chegou a registrar, no início do século XX, a marca de 55% de sua população ser exógena à cidade, não apenas de estrangeiros, sendo esses 28,7%, e contando também com os brasileiros advindos de outras regiões do país: 26%. Demarcando assim a força econômica e social do até então Distrito Federal (SARMIENTO, 2017, p. 69-70).

Como verifica-se no gráfico de Érica Sarmiento, a partir dos dados consulares da Arquivo Particular do Consulado Espanhol do Rio de Janeiro (ACERJ), é possível certificar-se de que a migração galega no Rio de Janeiro tem início antes do fim da escravidão, sempre em tendência de alta até início da Primeira Guerra Mundial, tendo seu ápice entre 1920 e 1925 e despencando na realidade da Crise de 1929:

Figura 3 – Ano da chegada dos galegos no Rio de Janeiro (1870-1935)



Fonte: SARMIENTO (2017, p 100).

Com isso, fica evidenciado não só a forte presença galega no Rio de Janeiro, bem como, diferentemente de São Paulo, esse grupo sendo a maioria dos espanhóis no até então Distrito Federal; cerca de 70% (SARMIENTO, 2017, p. 200) ou, em números, 40 mil (GONZÁLEZ, 2000, p. 249). Dentre esses galegos, destacam-se os da província de Pontevedra, ou seja, no Rio de Janeiro, das quatro províncias galegas, aproximadamente 52,16% eram de Pontevedra; seguido por Ourense com 31,05%; La Coruña com 14%; e Lugo com 2,7% (SARMIENTO, 2017 200).

1.4 Galegos migrados nos “secos e molhados”

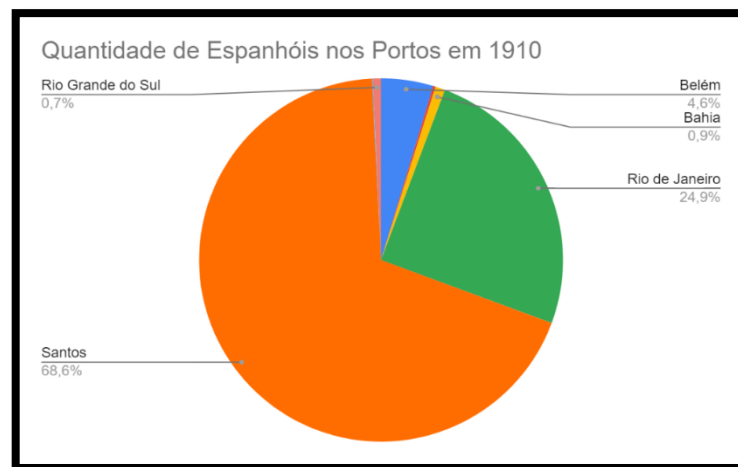
No caso da Bahia, ainda que Elda González faça referência à pequena presença de galegos em municípios como Ilhéus e Santo Amaro, é a cidade do Salvador que concentrou o maior número de galegos e, desses, assim como no cenário carioca, a absoluta maioria de Pontevedra, como aponta Jeferson Bacelar, a partir de suas investigações no Arquivo do Consulado Espanhol em Salvador, em que os “pontevedreses” e “pontevedresas” somam 2.916, ou seja, 90%, entre 1919 e 1936 (BACELAR, 1994, p. 45).

A semelhança da origem do galego que migrava para Salvador e ao Rio de Janeiro abarcava também o porto de saída — sem levar em consideração os de fora da Espanha e os ilegais como Gibraltar — e influenciaram nos locais de destino, a exemplo de Vigo, que concentrou a saída dos galegos de Pontevedra e Ourense para Argentina, Brasil e Uruguai

(CAMPOS ÁLVAREZ, 1994, p. 135). Porém, a questão numérica de galegos em Salvador com os do Rio de Janeiro e de São Paulo tem diferenças abruptas. Afinal, o Distrito Federal e a maior economia do país tenderam a ser os epicentros dessas ondas migratórias, ademais da demora da capital soteropolitana ao se inserir no processo de industrialização e modernidade. Bacelar (1994, p. 44) aponta a entrada em Salvador de 2.187 espanhóis entre 1901 e 1910; 3.413 entre 1911 e 1920; 4.772 na baliza temporal de 1921 até 1930; e 3.829 desses migrantes entre 1931-1940.

A partir da análise dos dados do IBGE do censo de 1910 — que demonstram a divisão da chegada nos portos dos 20.843 espanhóis, não apenas galegos, no território brasileiro, podemos notar a predominância dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro em detrimento de outras regiões, inclusive a Bahia, como foi verificado na bibliografia especializada que levou em consideração os centros de atração política, econômica, social e, também, de um lastro histórico dessas migrações:

Figura 4 – Quantidade de espanhóis nos portos brasileiros em 1910²



Fonte: Censo do IBGE de 1910

Uma vez que a Bahia recebeu apenas 183 espanhóis, fica evidenciado assim o quão diluído foi o número de migrantes — desses, a ampla maioria galegos de Pontevedra — em Salvador ao longo das décadas, ao ponto de Bacelar declarar inexpressivo todo o contingente estrangeiro na capital da Bahia, já que (BACELAR, 2013, p. 216):

[...] em 1942, segundo dados do Serviço de Registro de Estrangeiros, a Bahia possuía apenas 6.300 estrangeiros, sendo 2.305 espanhóis (36,5%), em sua maioria fixados na

² Gráfico elaborado pelo autor.

capital do estado da Bahia. Assim, em Salvador, embora os galegos fossem majoritários, os estrangeiros nunca atingiram 1% da população.

Para tal afirmação, Jeferson Bacelar lança mão do censo do IBGE que contabilizou a cidade do Salvador com 290.443 pessoas vivendo nela. Ainda sobre o censo do IBGE de 1940, mesmo estando um pouco fora temporalmente da nossa baliza de estudo, mas relacionada à nossa investigação, é possível dimensionar a cristalização dos estrangeiros em Salvador, identificando um número próximo de 7.371 pessoas de outras nacionalidades. O que não está em desacordo com os 6.300 estrangeiros expostos por Bacelar, uma vez que muitos podiam partir para as demais regiões do Brasil, ir para outros países da América, bem como retornar à Galiza ou, ainda, ir a óbito.

Embora socialmente relevante, a colônia galega estabelecida em Salvador não atingiu um contingente comparável com as realidades paulistas e cariocas. É importante frisar novamente que este trabalho não tem como pretensão principal estudar todo o processo da migração galega com destino a Salvador, tampouco dissecar a colônia galega que se fixou na capital baiana, mas compreender as motivações para a fundação do Galícia Esporte Clube e as suas principais ações políticas em prol da identidade galega no seu primeiro decênio de existência. Para tanto, compreendemos que a instituição Galícia foi criada por parte da heterogênea colônia galega que residia em Salvador, e que esse restrito grupo dentro da colônia galega já tinha uma condição econômica razoavelmente estabilizada ao ponto de criarem um clube de futebol em 1º de janeiro de 1933, com todos os seus custos de operação.

Podemos destacar alguns nomes desse restrito grupo que fizeram parte da colônia galega de Salvador e, simultaneamente, foram responsáveis pelas primeiras ações da instituição Galícia Esporte Clube, a exemplo do fundador Eduardo Castro de La Iglesias; no ano de 1933, Armando Castro foi presidente; no mesmo ano, o diretor de esportes era Eduardo Barral e Floreano Sobral Amôedo exercia o cargo de primeiro secretário; José Carreiro Oubiña ocupou a presidência no ano de 1934, tendo Evaristo Garcia Cosqueiro como seu vice-presidente; Domingos Dominguez Garrido, que começou como tesoureiro em 1934 e foi alçado à presidência a partir 1935; além de nomes como Teófilo Cortizo; Luiz Moreno; Manuel Solla Garrido; Cândido Cal Trancoso; José Martinez Novaes; Emílio Cal Fernandez; Secundino Gonzalez Carballal; Manuel Garcia Solla e outros.

Averiguamos assim, além dos nomes e sobrenomes de forte tradição hispânica, a presença unânime de homens — potencializada tanto pela migração galega de forte característica masculina, visto anteriormente, como também pelo fato de o espaço futebolístico dos anos de 1930 ser altamente restritivo às mulheres. Consideramos ainda a condição

socioeconômica: desses indivíduos, tivemos acesso às fontes que conectam as trajetórias de Evaristo Garcia Cosqueiro³, Emílio Cal Fernandez⁴, Secundino Gonzalez Carballal⁵, Floreano Sobral Amôedo e Manuel Garrido Solla⁶ ao comércio em Salvador. Com a exceção deste último, sobre o qual não foram encontradas tais informações nas fontes disponíveis, os demais migrantes tinham suas histórias de vidas compatíveis com o que foi analisado pela bibliografia especializada, sendo jovens e solteiros ao chegarem em Salvador — incluindo o caso de Floreano Sobral que esmiuçaremos com maior profundidade no próximo capítulo.

Apesar de não descartarmos a possibilidade de homônimos, acreditamos que esses e muito provavelmente outros nomes do Galícia Esporte Clube tiveram o ramo alimentício dos armazéns como principal meio de ascensão social em solo soteropolitano. Como analisaremos mais adiante, esse foi o primordial setor da capital baiana em que os galegos conseguiram enriquecer, concentraram renda e, conseqüentemente, concretizaram o desejo de “Fazer a América”⁷.

Compreendemos que não foram todos os galegos que obtiveram êxito socioeconômico ao saírem de suas terras e partirem para outros destinos, todavia, nesta dissertação, analisaremos o perfil desses que ascenderam socialmente em Salvador uma vez que o próprio objeto de estudo, a instituição Galícia Esporte Clube, era onerosa com a marcação de jogos, os contratos e pagamentos profissionais aos atletas, os equipamentos a exemplo dos uniformes, bolas e até as sedes; custos esses que praticamente excluía aquele migrante galego das classes mais subalternas.

Conquanto que nos próximos capítulos tenham sido reservados espaços para melhor caracterizar e discutir as relações dos migrantes galegos com as classes caixerais de Salvador,

³ Relações de Passageiros e Imigrantes, 1933. Livro 30. Arquivo Público do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-L9N5-MQSY?i=379&cc=1928179&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A7B71-TJN2>. Acesso em: 2 jan. 2021.

⁴ Relações de Passageiros e Imigrantes, 1932. Livro 30. Arquivo Público do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-L9N5-M3L2?i=128&cc=1928179&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A7TY2-QFW2>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁵ Relações de Passageiros e Imigrantes, 1931. Livro 29. Arquivo Público do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-99N5-M3FD?i=394&cc=1928179&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A7W7L-SRN2>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁶ Relações de Passageiros e Imigrantes, 1926. Livro 71. Arquivo Público do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-L9J7-4TKC?i=32&cc=1928179&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A7341-SDT2>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁷ Expressão popular que tem como significado a meta de vida voltada para o enriquecimento ou acumulação de bens e prestígio por parte dos migrantes europeus e asiáticos na América. Inclusive, vocábulo utilizado por Boris Fausto em: *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, São Paulo, 2000.

bem como as ações do Clube em fortalecimento desse elo, podemos adiantar que, para comemorar um ano de fundado, o Galícia anunciou:

No próximo dia 1º de janeiro será inaugurada festivamente a nova sede do Galícia Esporte Clube. Este grêmio, que já se impôs pela sua maneira sempre distinta de atuar, consegue dia a dia aumentar o seu quadro social com elementos que bem compreendem a finalidade do esporte.

Desenvolvendo uma atividade grande conseguiu a sua diretoria instalar um lugar condigno, a sede que está situada na avenida 7 de setembro por cima da Pastelaria Mimosa.

Assim no dia 1º, uma festa animada espera esta inauguração, pois ali serão colocados retratos dos membros que tudo têm feito pelo êxito, sempre crescente do Galícia Esporte Clube.⁸

Além da construção de sociabilidades ao redor da importância do jogo de bola, testemunha-se também a presença da sede do Galícia literalmente acima de um estabelecimento comercial localizada na avenida Sete de Setembro — avenida essa que foi a grande ação modernizadora na cidade do Salvador no período da Primeira República e lincava a administrativa área do bairro da Sé aos residenciais e nobres bairros da cidade alta como São Pedro, Mercês, Campo Grande, Vitória, Barra e Graça (UZÊDA, 2006, p. 117-118). Ou seja, caracteriza-se assim mais um elo do Galícia com a classe caixeiral galega mais abastada de Salvador.

É nesse “coração do centro antigo de Salvador” que Bacelar reconhece a presença da maioria dos empreendimentos comerciais pertencentes a galegos, presentes com expressivo volume de capital desde a década de 1920: “Das 300 firmas que obtivemos a localização nos documentos da Junta Comercial, no período de 1909 a 1950, 272 estão situadas nas freguesias da Sé, Paço, São Pedro, Vitória e Conceição da Praia” (1994, p. 54-55). Portanto, as relações de parte das classes comerciais de Salvador associada a setores da colônia galega aglutinava o Galícia, mas também antecedia e transcendia o clube.

Como é verificável na chegada de D. Aurélio Leiro, D. Manuel Amoedo, D. Arlindo Ventín e D. Aurélio Corujeira a Moscoso — paróquia localizada no conselho de Pazos de Borbén na província de Pontevedra —, noticiada pelo jornal Faro de Vigo, em 6 de março de 1935, evidenciando que, após vários anos fazendo morada em Salvador, e até onde sabemos sem quaisquer vínculos com o Galícia, os três primeiros, “pertencentes a importantes casas comerciais baianas” e, o último, ainda estudante de escola secundarista, retornam para passar uma “temporada de descanso em sua terra natal ao lado dos seus” antes de retomar a vida no Brasil.

⁸ BPEB. Diário da Bahia. 28 de dezembro de 1933, p. 6.

Figura 5 – Notícia do retorno temporário de quatro galegos que viviam em Salvador



Fonte: Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 6 de março de 1935, p 3.

Além da importância dos galegos no setor de comércio soteropolitano, principalmente nos armazéns de “secos e molhados”, é possível compreender como os retornados — sejam eles em definitivo ou provisoriamente — estavam conectados à Galiza. Ou seja, os “galegos externos” mantinham vínculo com sua terra. Dessa forma, a partir do pensamento de Bacelar (1994, p. 48), é possível entender essa forte influência dos retornados como um elemento de empuxe para a saída de seus conterrâneos pautada na estratégia do “boca a boca”:

De volta à aldeia de origem ou através de relatos mais ou menos fantasiosos, ou pela situação econômica privilegiada que aparentavam e pelo prestígio social que passaram a desfrutar, conseguiram influenciar parentes, amigos e vizinhos, num raio de ação que ultrapassava às vezes os limites da própria aldeia.

Dessa forma, é possível inferir do entendimento de Bacelar uma situação na qual o migrante galego retorna à sua aldeia — seja para ficar em definitivo ou apenas uma breve temporada — e passam a influenciar seus conterrâneos em vários aspectos, a partir de uma

experiência prévia em outro país: seja na nova forma de falar, na culinária, no esporte, na nova visão de mundo e na construção do desejo de seus similares também migrarem.

Apesar de Bacelar analisar o processo histórico dos migrantes galegos em Salvador, entre o final do século XIX e início do XX, no desejo desses imigrantes de “Fazer a América”, é importante ressaltar que não foram apenas os espanhóis e tampouco os galegos com esse projeto pessoal de enriquecimento no continente americano; ao contrário, muitos outros estrangeiros de variadas nacionalidades europeias e asiáticas tinham esse projeto em mente. Entretanto, não é difícil inferir que esse mesmo processo de influência e convencimento no aumento do fluxo migratório não ficou restrito aos “galegos americanos”, sendo uma prática muito maior. No caso galego, Fabiana Paixão explicita (2016, p. 42-43):

Desta forma, as cadeias migratórias partiam de um emigrante pioneiro que prosperava e mandava notícias de seu sucesso para a aldeia de origem e convocava parentes e vizinhos para junto de si, muitas vezes com promessas de emprego e melhorias de vida. Deve-se salientar que este sucesso poderia indicar desde um posto de trabalho (tanto como proprietário ou sócio em um negócio próprio quanto como empregado), uma renda fixa e envio de dinheiro e outras mercadorias para a Galícia, até compras de terras e reformas nas aldeias galegas que beneficiavam a todos os aldeãos, como a construção de escolas, por exemplo.

O que corrobora com a análise de José Ramón Campos Álvarez (1994, p. 137) quando pensa nesses fluxos migrantes já inseridos na sociedade receptora, tendo essa cadeia início no processo de influência, propaganda e convencimento dos migrantes retornados sob seu círculo social — e, muitas vezes, extrapolando essas fronteiras — e desdobrando-se nas localidades onde vão concentrar-se esses galegos no novo país e, também, o tipo de trabalho, uma vez que essa cadeia levará pessoas da mesma cidade ou região galega para realizar a mesma atividade laboral.

É imprescindível, portanto, considerar o movimento migratório não fechado em si mesmo, uma vez que o imigrante — seja em uma análise individual ou fazendo parte de uma colônia e suas respectivas redes de sociabilidades — foi responsável por tangenciar uma série de assuntos como o perfil social, econômico, a participação familiar, o gênero, a alfabetização, a idade, a cultura associativa, a divisão geográfica na cidade do Salvador e, também, a relação dessa colônia galega com o trabalho no ramo alimentício, sendo que boa parte dessas discussões continuarão a ser travadas ao longo deste trabalho.

1.5 A presente “Galiza externa”

Retomando o pensamento de Eric Hobsbawm, é imprescindível concordar que, de fato, as pessoas migram por fuga da fome e vontade de ascensão social, contudo, como foi demonstrado, o caso galego, além de possuir esses quesitos historicamente construídos por uma série de conjunturas e condicionantes estruturais, abraça outros elementos como prática do *millorado*, a melhoria do transporte marítimo e a forte influência dos retornados para a saída dos seus conterrâneos, além do fato de que o migrante ou o ato de migrar passou a ser positivado em território galego.

Com isso, Bacelar (1994, p. 108) vai além e entende historicamente que “o ato de migrar incorpora-se ao simbolismo e representação das populações campesinas galegas: o mito do enriquecimento, o viajante em busca de grandes aventuras, o desbravador em terras e povos estranhos”. Independentemente de destinarmos o terceiro capítulo desta dissertação para relacionar os símbolos identitários nacionais ao projeto político do Galícia Esporte Clube, faz-se necessário uma abordagem inicial do tema tangenciado por Bacelar, uma vez que a migração galega está intimamente ligada à construção da identidade galega ou “galegidade”.

Como é possível verificar na obra de Eric Hobsbawm, *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*, o final do século XIX e início do XX é marcado pela produção massiva de tradições e símbolos em que o fio condutor é a marca nacional buscando atingir uma base sólida de coesão social dentro das comunidades políticas. A construção foi marcada por inúmeros elementos como hinos, bandeiras, monumentos cívicos e grandes figuras na história da nação tidos como “heróis”⁹.

Nesse contexto, em meio à formação nacional da Inglaterra, França, Portugal, Alemanha e Itália — cada qual respeitando suas histórias e particularidades —, surge a produção identitária galega. Essa última, sob o olhar de Ramón Villares, é entendida em meio ao contexto de formação nacional espanhola, em que a Galiza, bem como o País Basco e a Catalunha, não se sentiram representados por esse projeto castelhano. Assim, “foram aparecendo diversos projetos nacionais alternativos que competiram ou discutiram a hegemonia do estado-nação espanhol” (VILLARES, 2007, p. 24), evidenciando o quanto a formação do Estado nacional da Espanha não estava dada.

Dessa forma, Villares aponta o regionalismo de orientação liberal como um dos dois pilares que pautaram a produção dos símbolos galegos — a exemplo do hino e da bandeira oficial. O outro pilar é centrado no papel das coletividades dos galegos migrantes,

⁹ Personagens, advindos do poder do Estado ou adotado por ele posteriormente, que simbolizam e unificam a ideia de nacionalismo.

principalmente em Cuba, onde tanto o hino e a bandeira da Galiza tiveram rápida aparição, com adesão popular e mobilização política em que essa coletividade age “para resistir à assimilação nos países de destino, acentua a sua adesão à cultura de origem” (VILLARES, 2007, p. 29). Demonstrando, assim, o peso da imigração galega na sua definição identitária e mobilização política.

Ana Paula Conde (2011, p. 52) vai além e afirma que a primeira execução do hino galego ocorreu no Teatro Tacón, em Havana, na capital cubana, em 20 de dezembro de 1907. Ora, há de se convir que o hino, assim como a bandeira de qualquer Estado nacional, é um dos principais símbolos cívicos que remetem a um nacionalismo. Considerando tanto a afirmação de Villares sobre a rápida aparição desses ícones em Cuba quanto a análise de Conde sobre a primeira execução ter sido em Havana, fica explicitamente marcado como os “galegos externos” com suas redes de sociabilidades nos países receptores também fizeram parte da construção da “galeguidade”.

Indo além desses símbolos tidos como oficiais, é possível identificar o peso e o papel da migração em outros elementos dentro da sociedade galega, missão essa sendo bem plausível a partir da abordagem de Conde (2011, p. 52), em “que o primeiro programa de rádio emitido integralmente em galego fosse ao ar na Argentina em 1930”. Cabe, portanto, uma sinalização de como a língua galega era oprimida dentro do próprio território da Galiza; ou por meio dos literários que se debruçaram sobre as causas, efeitos e dores da migração, a exemplo de Rosalía de Castro, uma das principais representantes do *Rexurdimento* — movimento de cunho liberal que pautava a valorização da língua galega e de um nacionalismo cultural a partir do século XIX; e até em esculturas como é o caso do *Monumento ao migrante*, localizado em Finisterra.

Figura 6 — Monumento ao migrante, em Finisterra, na Galiza



10

Fonte: Site Pinterest

Sendo esse patrimônio visivelmente caracterizado como um emigrante por conta de sua pequena bagagem e, há de ser considerado, o reforço de Finisterra ser o último município da província de La Coruña, não por acaso sua denominação ser derivada de “finis terrae” ou “fim da terra”, ou seja, a única saída era ultramar, ainda que existam muitos outros monumentos que fazem alusão à migração espalhados em todo território da Galiza.

Dessa forma, François Hartog (2017, p. 46) entende o patrimônio como um campo preso entre a história e, também, a memória. E, além disso, reconhece que “um lugar, edifício, um objeto patrimônio muda imediatamente o olhar que se porta sobre ele; permite e proíbe certos gestos” (HARTOG, 2017, p. 46). Ora, a partir disso, parece bastante razoável enxergar um monumento dentro de um dos municípios da Galiza que faz alusão direta a um migrante como um reforço na construção do campo da memória coletiva e social, evidenciando assim o quão “presente” está esse ser que migra, tendo esse personagem um caráter repleto de simbolismos e marcas positivas como “corajoso”, “aventureiro” e “desbravador” — fortalecendo assim o conceito de patrimônio como “uma maneira de situar-se e de se encontrar a si mesmo” (HARTOG, 2017, p. 46).

O que entra em acordo com o pensamento de Ana Paula Conde Gomes (2011, p. 15), quando aborda a utilização do discurso da atual classe política galega como forma de promoção

¹⁰ *Monumento ao migrante*. Disponível em: <https://ar.pinterest.com/pin/442478732112903586/> Acesso em: 2 jun. 2020.

da união entre a Galiza interior e exterior, propositalmente com a manutenção de características positivas e de interesse comum da migração, “valorizando a coragem para abrir novos caminhos, a resistência às dificuldades como forma de construção de um discurso positivo da identidade galega. Deixando em segundo plano as tragédias pessoais e coletivas”, em uma prática de silenciamento discursivo em prol de uma construção identitária.

Dessa forma, como foi analisado no presente texto, esses múltiplos caminhos dos migrantes originários da terra do Apóstolo Santiago não podem ser associados a uma lógica meramente quantitativa, uma vez que os “galegos externos”, mesmo ausentes no plano físico — já que migraram em busca de melhores condições de vida pessoal e para a família —, são influentes na sociedade galega por meio da instrumentalização de elementos como a questão financeira dos que lograram êxito e puderam ajudar as famílias e os pequenos povoados; persuasão para atrair outros migrantes para a nova terra e até na positivação e participação da identidade em símbolos cívicos, a exemplo da bandeira e do hino galego.

Assim, os “galegos externos” estão presentes no jogo e na construção da galeguidade, o que será crucial nos próximos capítulos para constatar ações do Galícia Esporte Clube em prol dessa identidade, mesmo com um Atlântico de distância.

2 GALEGOS CAIXEIROS E O FLORESCIMENTO DO FUTEBOL NA BAHIA

Como visto no capítulo anterior, tanto pela bibliografia especializada quanto por algumas trajetórias pesquisadas, a grande maioria dos migrantes pertencentes à heterogênea colônia galega de Salvador tentaram, com êxito ou não, no setor alimentício de “secos e molhados” — vendas, armazéns, padarias, pastelarias e tavernas —, o principal meio de enriquecimento pessoal, ascensão social e maior poder dentro da sociedade soteropolitana, como é verificável na obra de Mário Augusto da Silva Santos (2009, p. 64)

Nas escrituras de arrendamento, os contratantes se constituem em 30% aproximadamente de comerciantes espanhóis, que passaram a crescer no comércio varejista da cidade. No ano de 1923, dessa mesma nacionalidade eram 44% dos sócios de Associação dos Varejistas.

Apesar de reconhecermos que não tenha sido unanimidade o triunfo no projeto de base familiar e político de “Fazer a América” — alternativa de salvação econômica no continente americano mediante as precárias condições de seu país de origem —, isto é, nem todos os galegos conseguiram ascender socialmente em Salvador, nesta dissertação, serão melhor observadas as histórias daqueles que obtiveram êxito na sua empreitada. Esse recorte deve-se ao próprio objeto em análise, o Galícia Esporte Clube, uma vez que a criação e manutenção de uma agremiação de futebol na década de 1930 limitava a participação dos mais pobres, inclusive dos galegos das classes mais subalternas que não conseguiram elevar-se economicamente.

Podemos materializar com maior profundidade a trajetória de um desses indivíduos pertencentes a esse restrito grupo de migrantes membros da enxuta e heterogênea colônia galega que ascenderam socialmente em Salvador, e simultaneamente tiveram suas vidas entrelaçadas ao projeto do Galícia Esporte Clube. Com isso, lança-se mão da entrevista com Dinéa Maria Sobral Muniz¹¹, em 19 de maio de 2017, que se apresenta como “filha de galego que jogou no clube e foi um dos fundadores do clube do Galícia”, sendo seu pai “Floreano Sobral Amoêdo. Mas como todo espanhol, Amoêdo sendo o nome da mãe, ele era Floreano Sobral”.

Indagada sobre as causas da saída de Floreano da Galiza e a vinda para Salvador, Dinéa Sobral Muniz narra o episódio com muito mais riqueza de detalhes, fruto da memória familiar,

¹¹ A entrevista foi realizada ainda na época de graduação e sob vigência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) com o projeto “A história do Galícia Esporte Clube”, orientado pelo professor Jeferson Afonso Bacelar e plano de trabalho denominado “O Galícia, identidade, representação e sociedade”, sendo tal projeto de iniciação científica de teor fundamental para a instrumentalização desta dissertação.

porém dentro do espectro que projetamos no primeiro capítulo ao tratarmos das ondas migratórias galegas para a América do Sul, Brasil e Salvador. Com isso, afirma:

Ele veio aos 13 anos. Ele foi enviado aqui para Salvador por meu avô, o pai dele, que já tinha construído uma padaria ali na Baixa do Sapateiros e a padaria era muito próspera. Chamava-se Padaria Paris. Então, o meu avô já tinha vindo. Construiu e instalou. Construiu o prédio e instalou a Padaria Paris que estava em pleno funcionamento. Meu avô voltou para a Espanha e o filho mais velho — o irmão mais velho de meu pai, o Laureano Sobral tinha ficado aqui para tomar conta da Padaria Paris. Ele era 10 anos mais velho do que meu pai. E meu pai que estava na Espanha, tinha 13 anos quando meu avô voltou. Meu pai foi então enviado para trabalhar junto com o irmão. O meu tio Laureano. Então esse foi o motivo de meu pai ter vindo para aqui.

Essa vinda é marcada no dia 14 de novembro de 1924, quando, junto a outras 82 pessoas, Floreano Sobral Amoêdo teve seu registro de chegada em terras soteropolitanas. É importante frisar que, desses 83 navegantes, 38 eram de nacionalidade brasileira vinda de portos distintos como Taperoá, Valença, Belmonte e Recife. Existiram também 15 ingleses partidos do porto de Southampton, 11 sírios que vinham de Cherbourg e 3 portugueses divididos entre os portos da Madeira e o de Lisboa.¹²

Em um total de 16 pessoas ou contabilizando 19% do total de passageiros, a maioria desses imigrantes vindos na viagem de 14 de novembro de 1924 eram de espanhóis que partiram do porto de Vigo. Não é historicamente exequível afirmar categoricamente que todos eram galegos, mas pela nomenclatura é possível indicar que boa parte sim, sendo eles: Candido Dominguez Pazo, Albino Carreiro Fernandez, José Pineiro Blanco, Avelino Boullosa Nogueira, Eduardo Amoedo Barreiro, Domingos Rubianes Pinheiro, Gustavo Garrido, Manoel Rubianes, Arturo Rubianes, Francisco Fernandez Sotelino, Benito Taboas Alfay Domingo, Manoel Gonzalez Perez, Tadeo Perez Gonzalez, Celestinho Canda Sobral e Celestino Sobral Baqueiro¹³.

Esse último, nascido em Puente Caldelas, na província de Pontevedra, em 3 de fevereiro de 1883¹⁴, com 28 anos, torna-se pai de Floreano Sobral, fruto da união com Rosa Amoêdo Sima¹⁵. Dessa forma, acreditamos que a presença de Celestino Sobral Baqueiro na viagem ao lado do seu filho se deu tanto pela introdução de Floreano na, até então desconhecida, cidade do Salvador quanto pela proteção da figura paterna à sua prole, afinal eram pai e filho dividindo o sonho de “Fazer a América”.

¹² Relações de Passageiros e Imigrantes, 1924. Livro 20 do Arquivo Público do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:W9PP-VLW2>. Acesso em: 29 set. 2020.

¹³ Idem.

¹⁴ Cartões de Imigração, 1950. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:KX2S-34D>. Acesso em: 5 fev. 2021.

¹⁵ APEB. Tribunal Superior de Justiça. Notação 208 /77 /03. Caixa 79. Ano: 1947, p. 11.

O caso da família Sobral é mais um que colabora com o perfil da maioria dos migrantes galegos que partiram para a América, uma vez que os irmãos Laureano¹⁶ e Floreano eram homens jovens, solteiros e saídos do porto de Vigo. Podemos também indagar a condição socioeconômica, visto vez que previamente à vinda dos filhos, Celestino teve êxito suficiente para dar continuidade ao empreendimento familiar no setor alimentício e incluir sua prole, recrudescendo o debate do capítulo anterior sobre a migração não ser ação daqueles que apenas queriam, mas sim os que tinham mínimas condições para tanto.

Verifica-se também, a partir da mesma história de caso da família Sobral, o quanto a influência dos retornados era de vital força para o empuxe de novos migrantes galegos. Com o relativo sucesso econômico no ramo alimentício na cidade do Salvador, Celestino Sobral fez com que seus filhos, Laureano e Floreano, fossem enviados para a continuidade ao trabalho do pai, tendo a repercussão desses retornados também no porto e na própria cidade de Vigo (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 134):

Ao mesmo tempo, alguns dos que antes formaram as pioneiras massas de emigrantes anônimos estão agora tornando-se ricos e destacados retornados que, como os grupos burgueses mais famosos da localidade, usam seus capitais em projetos empresariais diversos e na lucrativa construção de um novo tecido urbano.

Evidencia-se o quanto Vigo e, conseqüentemente, a Galiza tiveram um crescimento social, urbano e cultural muito pela influência das conseqüências das migrações interpeninsular e americana, sendo esse migrante um agente ativo na sociedade galega mesmo quando não retornava fisicamente à sua terra de origem.

Anteriormente, demos início às primeiras discussões trazidas pela bibliografia especializada de como, apesar da distância física, o migrante participou da construção da galegidade além-mar, sendo ele próprio um componente dessa imagem positivada como “destemido”, “corajoso” e “desbravador”; e também da rápida profusão de símbolos galegos, a exemplo da bandeira e do hino, nos locais de destino como Cuba. No terceiro capítulo, estretaremos essas relações da composição da galegidade junto ao Galícia Esporte Clube.

Além desses campos de grande valia social, os migrantes galegos, mesmo distantes de sua terra, foram de suma importância na ordem prática econômica, como aponta o historiador Xosé Núñez Seixas, em em *O Galeguismo en América, 1879-1936* (1992, p. 31):

[...] entre 1909 e 1931/32, transcorre uma ‘idade do ouro’ das transferências e giros bancários enviados por emigrantes, com ápice entre 1919-21, procedentes

¹⁶ Relações de Passageiros e Imigrantes, 1926. Livro 22 do Arquivo Público do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-99N5-M31Q?i=33&cc=1928179&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AWOLC-XNT2>. Acesso em: 17 jan. 2022.

principalmente da Argentina. Pode-se dizer assim da sua influência a nível galego no processo de redenção foral foi mais do que notável. O mesmo podemos dizer do impacto dos emigrantes na promoção do ensino primário na Galícia entre 1900 e 1936, medido por A. Costa, quem contabilizou um mínimo de 319 escolas criadas e/ou dotadas por sociedades de emigrantes em todo o país. Não somente os emigrantes em particular. E suas sociedades em geral, desempenharam um destacado papel nestes domínios; financiaram também muitas iniciativas culturais nas suas vilas e regiões de aldeias de origem, assim como obras públicas (fontes, caminhos, etc). Os propósitos que guiavam as sociedades de emigrantes enquadravam-se numa concepção progressista no plano político e no plano social.

Ainda seguindo a historiografia galega em uma abordagem da narrativa histórica transnacional, Andrés Domínguez Almansa, em *Historia Social do Deporte En Galicia – Cultura Deportiva e Modernidade (1850-1920)*, demonstra o crescimento urbano de Vigo, que salta de 11.412 habitantes, em 1857, para 23.259, em 1900 (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 134), representando um aumento demográfico associado ao maior trânsito de migrantes, melhoria nas embarcações e conseqüente transformação urbana na cidade de Vigo.

Conquanto seja verificável um crescimento, segundo o censo demográfico do IBGE, em Salvador havia, no mesmo ano de 1900, 215.813 pessoas. Ou seja, cerca de nove vezes mais que a população de Vigo. Já em 1920, quatro anos antes da chegada de Floreano Sobral, o censo do IBGE aponta a cidade do Salvador com 282.422 habitantes, sendo, desses, 7.763 estrangeiros. Elucidando assim o quanto esse “novo mundo” enfrentado por galegos era maior e pessoalmente desconhecido. Ainda mais o era se considerarmos o caso de Floreano Sobral que, segundo sua filha Dinéa Sobral Muniz, nasceu em 1º de março de 1911, em Santo André de Anceu — uma das nove entidades paroquiais que compõem o conjunto municipal de Ponte Caldelas, pertencente à zona central da província de Pontevedra¹⁷, sendo de 37,3 quilômetros¹⁸ a distância atual de Anceu para Vigo, essa última utilizada por muitos migrantes como mero trampolim para a saída da Galiza, assim como foi Floreano aos 13 anos de idade. Seguindo a cronologia da memória de seu pai, Dinéa Sobral Muniz conta que:

Depois que ele se estabeleceu como trabalhador do campo desse território que era de panificação, ele e mais dois amigos — que eu acho que também era da Padaria Sempre Viva — era Alonso, que era o sobrenome, todo mundo chamava de Alonso mas não me lembro agora o nome dele e o outro era Agápito. Eles e Agápito construíram uma padaria na Vasco da Gama chamava-se Padaria Aliança. Os três amigos se reuniram e construíram uma padaria, e construíram um armazém do outro lado.

¹⁷ Disponível em: https://www.escapadarural.pt/a-fazer/anceu_es. Acesso em 2 de janeiro de 2021.

¹⁸ Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/dir/Vigo,+Espanha/36829+Anceu,+Pontevedra,+Espanha/@42.3291477,8.7250501,11z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0xd2f621461b2c193:0x7b441dad174bd49f!2m2!1d-8.7207268!2d42.2405989!1m5!1m1!1s0xd2f828b71d92e07:0xaf381563ce30a05d!2m2!1d-8.4644418!2d42.3599614>. Acesso em 2 de janeiro de 2021.

Correlacionando as fontes históricas, pudemos perceber que, na medida em que ia crescendo e formando-se enquanto homem adulto, em virtude de ter chegado em Salvador aos 13 anos, Floreano Sobral foi mais um da heterogênea colônia galega responsável por estabelecer controle de parte do comércio soteropolitano, principalmente a partir do período entre 1925-1929, como afirma Mário Augusto da Silva Santos (2009, p. 63).

Figura 7 – Floreano Sobral, à frente, de mais um empreendimento comercial galego em Salvador



19

No documento, é possível visualizar ao fundo o comércio com sua característica estrutura física de muitas entradas e Floreano Sobral ao centro com calça e camisa branca, bigode preto e os braços cruzados, no que sua filha acredita ter sido a inauguração do Armazém e Padaria Aliança, localizada na Rua Vasco da Gama, 526.

Mesmo que não tenhamos com precisão a data de fundação do estabelecimento, localizamos junto às fontes históricas disponíveis no APEB o processo crime do ano de 1947, no qual Floreano Sobral — aos 36 anos, casado, pai de duas filhas, morador da Rua Frederico Costa, 46, no bairro de Brotas, e sócio da firma Alonso, Sobral & Cia, responsável pela Padaria Aliança —, movia uma ação sob a acusação de furto no estipulado prejuízo do ordenado de

¹⁹ Registro fotográfico do acervo pessoal de Dinéa Maria Sobral Muniz, cedido gentilmente em 19 de maio de 2017.

2.400 cruzeiros contra seu ex-funcionário, Germano Candido dos Santos, conhecido como “Batelão”.²⁰

Ainda que tenha autodeclarado sua condição econômica como “pobre independente”, percebemos que a sociedade Alonso, Sobral & Cia, na qual Floreano carregava um dos sobrenomes mandatários, tinha como funcionários Germano “Batelão”, que trabalhou, entre maio e julho de 1947, como entregador de pães antes de ser preso furtando sacos de farinha de trigo; José Raimundo de Carvalho, aos 21 anos e natural de Esplanada no interior da Bahia; Eulálio Alves, nascido em Cachoeira, Bahia, com 35 anos; e o sergipano Heitor Franciso de Souza, com 27 anos — estes últimos três residentes próximos ao armazém, na Rua Vasco da Gama —, evidenciando assim razoável custo operacional, por parte dos patrões, incluindo Floreano Sobral, tanto com a estrutura física do armazém quanto com os gastos com pessoal.

Na narrativa memorial de Dinéa Maria Sobral Muniz, evidencia-se ainda que, com o tempo, o galego Floreano Sobral adquiriu sozinho as outras duas partes da Padaria e Armazém Aliança, e ficou por mais de 55 anos trabalhando no mesmo local, até uma obra de duplicação da via da Vasco da Gama por parte da prefeitura de Salvador que desapropriou o longo estabelecimento. Contudo, a trajetória Floreano Sobral também é atravessada por outro fenômeno entre sua chegada em Salvador, aos 13 anos em 1924, e a construção de seu próprio estabelecimento comercial, já como um homem mais velho. Dois meses antes de completar 22 anos de idade, Floreano Sobral foi mais um membro de parte da colônia galega que contribuiu com o projeto do Galícia Esporte Clube, instituição fundada em 1º de janeiro de 1933, como pode-se perceber na nota oficial do próprio Galícia, divulgada pelo O Imparcial, em 29 de janeiro de 1933.

Na publicação, verifica-se um convite a “todos os amadores abaixo escalados” a comparecerem no bairro do Rio Vermelho, no campo do Botafogo, para ser efetuado um treino entre os primeiro e segundo times, sendo possível vislumbrar os 22 nomes, sobrenomes ou alcunhas futebolísticas para as duas equipes do próprio clube, 11 para cada formação como é praxe no futebol: Dorea, Barral, Nelson, Zezinho, Valera, Antônio, Abelheira, Mera, Dultra, Asturias e Benedito, formaram o primeiro “team”; enquanto Sobral, Zâmora, Ramos, Paiva, Guerra, Domingos, Milton, Advaldo, Fernando, Miguez e Domingos completavam o segundo esquadrão da nota assinada pelo diretor de esportes, Eduardo Barral.²¹

É importante fazer algumas observações sobre a nota publicada no O Imparcial. Destacamos que a terminologia “amadores” evidencia o caráter ainda não profissional do

²⁰ APEB. Tribunal Superior de Justiça. Notação 208/77/03. Caixa 79. Ano: 1947, p. 11.

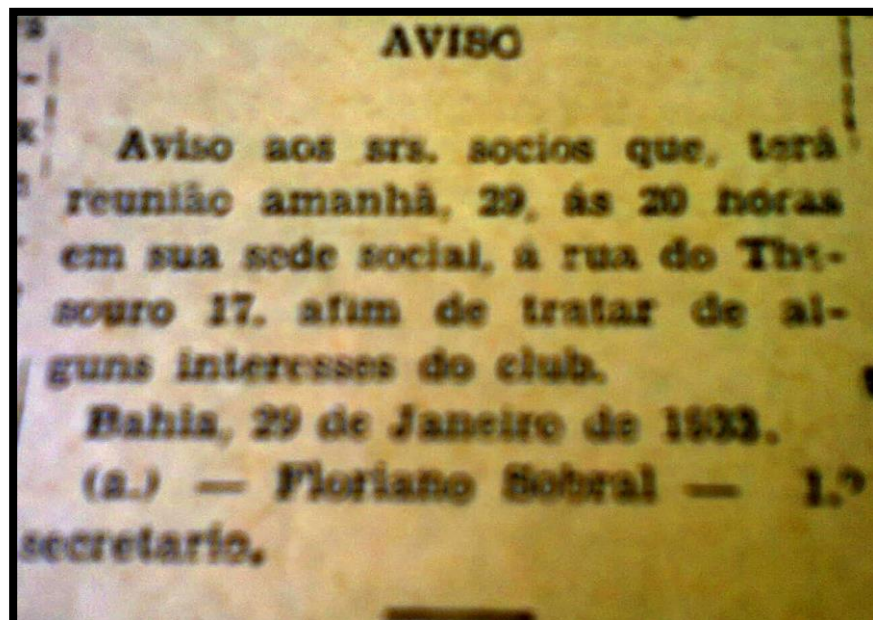
²¹ BPEB. O Imparcial. 29 de janeiro de 1933, p. 4.

futebol na Bahia em 1933. Posto que saibamos, a partir de diálogos com as bibliografias especializadas sobre os processos originários e desenvolvedores do futebol no estado, que o fim do amadorismo não se deu de maneira repentina no caso baiano, ao contrário, sendo a prática ou não do profissionalismo uma disputa de teor classista entre alguns setores da sociedade desde o início do século XX (SANTOS, 2014).

Entretanto, o Galícia surge no limite ainda de um contexto amador, sendo tal ponto observável não apenas pelo teor da nomenclatura “amadores”, mas também pela existência de jogadores que atuavam simultaneamente como funcionários da diretoria do clube, caracterizando assim uma prática de caráter amadorista.

Realizando um minucioso cruzamento de fontes históricas dos periódicos O Imparcial, O Estado da Bahia e Diário da Bahia, a partir de janeiro de 1933, pudemos observar que Floreano Sobral não só ocupava a posição de goleiro dentro do campo, por vezes com a alcunha de “Sobral”²² ou com nome de Floreano²³, como também era pertencente à diretoria do clube, ocupando o cargo de primeiro secretário, como é verificável na nota oficial do Galícia no mesmo 29 de janeiro de 1933, pelo Diário da Bahia:

Figura 8 – Convocação oficial do Galícia com a assinatura do primeiro secretário Floreano Sobral



24

²² BPEB. O Imparcial. 29 de janeiro de 1933, p. 4.

²³ BPEB. Diário da Bahia. 7 de fevereiro de 1933, p. 6.

²⁴ BPEB. Diário da Bahia. 29 de janeiro de 1933, p. 6.

Primeiro questionamos, mesmo que não encontremos outras fontes, o quanto demais jogadores daquelas formações em que aparecem “Sobral” e “Floreano” eram simultaneamente membros da diretoria, caracterizando um dos aspectos do esporte amador. Além disso, observamos como Floreano assinava seu nome e era reconhecido pelos seus pares, assim como foi exposto no relato de Dinéa Maria. E, por último, nos propomos a investigar como e quando Floreano Sobral teve contato com o futebol ao ponto de ser um dos fundadores de um clube da modalidade. Segundo sua filha:

Ele veio com 13 anos, tudo que ele aprendeu de futebol creio que tenha sido aqui [Salvador]. Por que ele veio do interior, lá não tinha muitas opções, não acredito que tivesse muitas opções de atividades esportivas e o Brasil já era um país que eu acho que cultivava isso, né?! Por que já existia o Ypiranga. Tanto que meu tio, irmão de meu pai era Ypiranga. Já existia o Esporte Clube Bahia, talvez já existisse o Vitória também.

No entanto, visando correlacionar as fontes históricas, procurando não se ater apenas ao campo da memória, a partir de agora, iremos nos debruçar na cronologia do futebol considerando suas origens, sua propagação e de que quais formas o desporto influenciou tanto na Galiza quanto em Salvador, no século XX.

2.1 A propagação do futebol e a busca da excitação autorizada

Amparado pela historiografia social do esporte que vem ganhando força no campo acadêmico brasileiro ao longo dos últimos anos, Leonardo Affonso de Miranda Pereira em *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, entende que embora o *football* já viesse sendo praticado na Inglaterra e em outros países desde meados do século XIX, sendo passível de entendimento como “mania”, apenas em 1863 foi formulado um modelo de jogo similar ao que hoje se conhece como futebol (PEREIRA, 2000, p. 25):

Nesse ano, representantes de vários times de Londres se reuniam para fundar a *Football Association*, federação dos clubes destinados a essa modalidade, que começaria a uniformizar seus procedimentos e regras. Misturado até então com ao *rugby*, muito praticado na Inglaterra, o futebol ganhava com essa associação uma autonomia maior. Mais do que uma padronização, buscava-se um meio de controlar a violência das formas pelas quais o jogo era praticado, em especial entre trabalhadores — que tinham há tempos entre suas tradições uma modalidade do jogo denominada *mob foot-ball* que, sendo disputado com alto grau de violência, era combatido e perseguido desde o século XIV.

Evidencia-se assim, pelo apontamento de Leonardo Pereira sobre o contexto originário do esporte bretão, como as disputas ao redor do futebol, enquanto categoria de representação cultural e social, são materialmente perceptíveis a partir da análise de teor classista, inclusive com a fundação de uma instituição voltada para a padronização e o controle da violência

principalmente “entre os trabalhadores”, sendo a questão do controle da violência pensada por Norbert Elias e Eric Dunning em obra conjunta sobre o desporto: *A busca da excitação*.

Dessa maneira, os autores entendem o desporto — competições físicas de maneira altamente regulamentada — como uma “representação simbólica da forma não violenta e não militar de competição entre os Estados” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 45).

Destarte, o futebol, mas não apenas ele, ou seja, o desporto de maneira mais ampla, segundo essa narrativa sociológica, é um “combate mimético controlado e não violento” com a finalidade de buscar a libertação das tensões do *stress* que as próprias sociedades criam (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 83).

Importa conceituar o significado de “mimese” ou “mimético” como uma produção de “criação de tensões” ou “perigo imaginário possivelmente resolvidos no quadro do divertimento” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 71) em que, numa sociedade industrial moderna e seus pilares racionais, não só deveria haver repugnância à de fato infligir ferimentos físicos aos outros seres humanos como também (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 101,102)

[...] nas sociedades industriais mais avançadas são menos frequentes as situações críticas sérias que originam comportamentos de excitação nos indivíduos. Outro aspecto do mesmo desenvolvimento é a progressiva capacidade das pessoas para agirem dessa maneira, em público. Nesta linha, segundo essas contradições, aumentou o controle social e o autodomínio da excitação exagerada [...] Explosões incontroladas ou incontroláveis de forte excitação coletiva tornaram-se menos frequente. Os indivíduos que agem de forma bastante excitada, sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou prisão. A organização social do controle da excitação individual, no sentido de conter excitações apaixonadas em público, e até em privado, tornou-se mais forte e mais efetiva. A comparação é significativa. Nas sociedades contemporâneas altamente desenvolvidas, os padrões de controle da excitação, tal como a excitação uma maneira geral, podem parecer desequilibradas e reduzidos se considerados em si mesmos.

Com isso, em uma sociedade moderna ou modernizada, o lazer e, mais especificamente, o desporto desempenham funções variantes como a busca da excitação autorizada e, simultaneamente, a simulação ou representação de situações reais ainda que sem seus perigos e riscos concretos — em que a mimese atua como um simulacro.

Faz-se fundamental destacar que o conceito de “mimético” será retomado mais adiante no que tange as discussões sobre conflitos que se iniciam no campo do desporto, mas não se limitam a ele, tendo consequências as diferenças de classe/grupos levadas a sério; incluindo os casos de violência e depredação contra os armazéns de galegos, e como o Galícia Esporte Clube posicionou-se politicamente frente a essas retaliações em 1940; tendo esse conceito no campo desportivo a função de identificação coletiva, além de também proporcionar a ideia de “pertencimento de grupo” intrínseco à oposição “nós X eles”, o que será levando em

consideração na construção da narrativa em torno de um clube de colônia galega em terras soteropolitanas, nos anos 1930 e 1940.

Retomando à análise historiográfica social do futebol estudado por Pereira, esse novo modelo de esporte “parecia restrito, a princípio, aos círculos letrados” (PEREIRA, 2000, p. 25). Contudo, após fundação da *Foot-ball Association*, o esporte em questão teve um crescimento acelerado e logo atingiria setores maiores do operariado inglês.

Pereira destaca que foi na década de 1880 a maior difusão do jogo no velho continente, saindo de comunidades inglesas e escocesas, enquanto se proliferavam, nesse mesmo período, clubes voltados à prática do futebol em países como Holanda, França, Dinamarca, Rússia, Itália, Suíça e a Espanha. Esse crescimento exponencial influencia a criação, em 1886, da *International Foot-ball Association Board*, que seria responsável pela orientação e padronização do esporte na própria Inglaterra, mas também nos países onde a “mania” do esporte jogado com os pés tivesse contagiado.

Apesar de não citarem a *Foot-ball Association* ou a *Foot-ball Association Board*, Elias e Dunning também datam de 1863 a expansão do futebol para além das fronteiras bretãs. Dessarte, as fundações de federações de futebol na Suíça, em 1895, Alemanha, em 1900 e Portugal, em 1906; destaque também para a Holanda que parte de 25 clubes existentes, em 1901, para 134 agremiações dez anos depois (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 189,190). Todavia, Pereira alerta para a “troca de guarda” — no campo classista e social — que o futebol sofreu nessas outras praças. Dessa maneira, argumenta que (PEREIRA, 2000, p. 26)

Ao contrário do que acontecia no Reino Unido, entretanto, nesses outros países o jogo estava longe de servir de elemento de identidade operária — sendo, pelo contrário, restrito aos jovens estudantes e aos técnicos especializados das companhias inglesas. Praticado principalmente nas escolas europeias, de onde saiu a maior parte dos clubes do continente, o jogo ganhava uma marca muito diferente daquela que assumia em seu país de origem.

Por conseguinte, para entender como se deu o processo histórico entre a questão da imigração e do futebol no contexto galego, faz-se necessária uma apreciação mais aprofundada de uma das novas praças futebolísticas citada por Pereira — a Espanha —, não apenas pela análise classista da “troca de guarda” que esses países como novos receptores do futebol adotaram, mas principalmente pela busca de uma história transnacional em que o caso do esporte espanhol, e mais precisamente galego, é fundamental para compreender como a questão esportiva estava em processo na região da Galiza antes da fundação do Galícia Esporte Clube.

2.2 A “futbolización” na Espanha

Com a finalidade de melhor situar o jogo de bola no contexto hispânico, será instrumentalizada a recente e vasta produção acadêmica espanhola espalhada por todo seu diversificado território, que enxerga o objeto do futebol como uma ampla possibilidade de abordagem em diferentes áreas, seja na ciência da informação, seja na área das letras e linguística, bem como no campo histórico, demonstrando assim o quanto o esporte é rico nas diversas abordagens e na produção científica.

À vista disso, Ángel Iturriaga Barco em sua tese de doutoramento *El poder político y social en la historia del Fútbol Club Barcelona (1899-2015)*, entende que, até o final da primeira década do século XX, o futebol no continente europeu passou por um processo de *futbolización* em que se consolidou na imensa maioria dos países sem ser ainda um esporte de massas, tendo os jovens das classes elitizadas as “chaves do jogo”, ao menos nesse primeiro momento (BARCO, 2015, p. 69).

Contextualizando para o caso espanhol, Barco analisa como as colônias inglesas estabelecidas na Espanha responsáveis por grande parte da produção industrial reuniam-se socialmente em torno dos “*British Clubs*”, sendo esses lugares um espaço para a reprodução de atividades lúdicas. Entre essas atividades, destacavam-se o remo, o polo, o *cricket* e, principalmente, o futebol. Com isso, materialmente atestado que o “Club Inglés do Rio Tinto” foi fundado em 1878, por ingleses vinculadas à Rio Tinto Company Ltd., anos mais tarde, em 1889, construíram a primeira agremiação esportiva voltada para a prática do futebol no território espanhol: o Huelva Recreation Club — hoje conhecido como Recreativo de Huelva (BARCO, 2015, p. 81).

Barco também pontua que a região da Andaluzia foi a primeira em que o futebol se expandiu, inicialmente com os ingleses e, depois, com os trabalhadores. A partir de 1890, por influência dos bretões, cidades como Barcelona, Bilbao, Madrid e Vigo (BARCO, 2015, p. 81) seguiram o histórico andaluz, sendo a cidade de Vigo pertencente à região da Galiza — que veremos mais adiante com maior riqueza de detalhes.

Observamos assim o quanto a mania do futebol que contagiou a Espanha era propositalmente reservada às classes mais elitizadas de cada região do país, em uma evidente materialização da troca de guarda classista que envolveu o controle do jogo, citado anteriormente por Leonardo Pereira.

Em sua tese de doutorado denominada *El sueño de ser grandes: Historia social del nacimiento del fútbol en Zaragoza, 1903-1936*, Pedro Ciria Amores compreende que, no início do século XX, não apenas os comportamentos físicos importados dos estrangeiros ingleses ou

bretões influenciaram no crescimento e difusão do esporte, como também o privilégio de classes elitizadas terem acesso ao luxo do ócio.

Assim, em uma sociedade na qual a imensa maioria trabalha em atividades manuais durante grande parte do dia, “é compreensível, portanto, que desportos como o futebol tenham nascido dos estratos sociais mais abastados” (CIRIA AMORES, 2012, p. 51, 52). Por conseguinte, uma série de clubes espanhóis vão sendo fundados na passagem do século XIX para início do XX, a exemplo do Athletic Club de Bilbao, em 1898; o Fútbol Club Barcelona, em 1899; o Real Madrid, em 1902; e o Atlético de Madrid, em 1903. Ao ponto que, em 1903, foi criado o “Campeonato de España”, que englobou, pela primeira vez, todas as federações regionais, tendo inclusive a chancela do Rei de Espanha Alfonso XIII, que doou o troféu para o campeão — fazendo com que mais tarde a competição passasse a ter a alcunha de *Copa del Rey* (BARCOS, 2015, p. 81,82).

Barcos destaca ainda que o poder futebolístico espanhol estava concentrado nas fortes disputas inter-regionais, mesmo com a ausência de uma Federación Española de Fútbol, que foi suprimida apenas em 1914 com a chancela da Federação Internacional de Futebol (FIFA), essa última fundada em 1904, contando novamente com o apoio do mesmo Rei Alfonso XIII, presidente de honra da Real Federación Española de Fútbol e grande entusiasta do esporte (CIRIA AMORES, 2012, p. 46,47). Além disso, é importante destacar o papel da imprensa esportiva espanhola, ou mesmo, seu surgimento a partir de uma nova demanda desportiva, que já em 1902 aparece em Madrid com o *Heraldo del Sport* — voltado para informações de futebol e automobilismo. Em fevereiro de 1906, em Barcelona, nasce o *El Mundo Deportivo*, que abordava futebol e automobilismo, mas também ciclismo, atletismo, esportes náuticos e ginástica (MARTÍNEZ PLATEL, 2015, p. 57).

Retomando assim a difusão do esporte bretão em solo espanhol, Barcos asseverou que, já em 1926, havia 705 equipes de futebol divididas em 15 federações regionais, sendo 57% dessas pertencentes às áreas mais industrializadas como Catalunha, País Basco e Astúrias (BARCOS, 2015, p. 83). Tendo isso em vista, o contexto do futebol galego será, a partir de agora, abordado de maneira mais aprofundada, uma vez que entendemos ser imprescindível a análise tanto da migração galega para Salvador quanto do processo de desenvolvimento futebolístico na Galiza, já que o Galícia Esporte Clube é fruto não só do contexto da migração galega em terras soteropolitanas, mas também das conjunturas de ambas regiões — a Bahia e a Galiza —, que estavam embebidas pelo futebol antes de 1º de janeiro de 1933.

2.3 A modernidade do futebol galego

Apesar de o processo de difusão e propagação do futebol possuir semelhanças e parâmetros com o restante das regiões espanholas, teremos um olhar mais perscrutado sobre o contexto e conjunturas na Galiza. Para isso, lança-se mão do trabalho historiográfico em tese doutoral de Andrés Domínguez Almansa, *Historia Social Do Deporte En Galicia*, que se debruça sobre o objeto de mesmo nome de sua obra, na qual, para além do surgimento e prática do futebol, também engloba outros esportes associados à modernidade na região da Galiza.

Posto isso, Domínguez Almansa, ainda que reconheça a Galiza em uma situação de periferia não apenas geográfica, mas também em relação de poder na Espanha e no âmbito europeu, destaca que começavam a disseminação em alguns setores da sociedade galega — privilegiadas de tempo e dinheiro associada a valores da *middle class* inglesa —, partindo daí o interesse para promover manifestações esportivas numa procura de educação física e progresso (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 137-139).

A intensificação do processo de urbanização e as características de transformações econômicas que, em maior ou menor medida, denotam o conjunto das cidades galegas são elementos que representam a existência de um real progresso necessário para que pratique-se novos modelos de sociabilidade e comportamento, entre os quais se inclui o desporto. No entanto, é preciso destacar que no derradeiro terço do século XIX nas cidades galegas o progresso, além de ter visões claras da realidade, torna-se um objeto de desejo que penetra no imaginário de importantes grupos. As viagens e, mais especialmente, a imprensa divulgam os avanços, transformações e formas de vida das principais cidade ibéricas e da Europa mais próspera, as que se deseja imitar[...] E é nesse âmbito geral de perseguição de um alcançável ideal de progresso e civilização em que se acolhem os primeiros exemplos de desportivização na sociedade galega.

Contudo, esse objeto e desejo de modernidade associado ao esporte não apenas tinha o futebol como ferramenta. Ao contrário, Domínguez Almansa analisa o remo já como atividade física-competitiva nas décadas centrais do século XIX na sociedade galega, consolidando-se no futuro em uma estreita relação com a eclosão e maior participação de setores vinculados ao mar e à atividade portuária, a exemplo de navegantes e empresários ligados ao comércio marítimo. Inclusive, associado ao transporte de pessoas à América, a partir da lei de liberdade de emigração em 1853, como vimos anteriormente.

O estudo de Domínguez Almansa abrange outra prática que despertou a atenção em inúmeras cidades galegas e que é entendida como sinônimo de progresso e modernidade: o ciclismo — ou em galego, *velocipédico* —, evidenciando assim como a prática do futebol não pode ser lida como objeto único da influência inglesa e associada à ideia de modernidade em território galego.

Dito isso, e já adentrando a prática futebolística na Galiza, é importante destacar o caminho semelhante que o fenômeno do futebol traçou em diferentes praças, inclusive em solo

galego. Dessa forma, Domínguez Almansa destaca o papel de jovens socializados e retornados de localidades inglesas e suíças, sendo esses responsáveis pela penetração do esporte na região. Todavia, não se pode ignorar a ação dos jovens que estudavam na Galiza e, em contato com a nova modalidade, organizavam desde cedo competições entre outros estudantes de distintas localidades. Além disso, não é possível desconhecer a ação dos jovens britânicos que trabalhavam nos portos galegos e praticavam o futebol.

É interessante salientar o quanto os esportes genuinamente britânicos são abraçados e entendidos na sociedade galega como símbolo de modernidade e uma excelente fórmula de emulação dos hábitos do império britânico no território da Galiza (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 359), haja vista o lugar periférico — geográfico e de poder — que a região galega detinha como realidade.

Desse modo, a importação desses valores britânicos seria uma estratégia de atenuar as distâncias da realidade dita como “moderna”, a exemplo do fenômeno de clubes de congregações religiosas de caráter católico, que utilizam da praxe desportiva para fomentar o aprimoramento físico do corpo, e principalmente com a finalidade de educar a juventude com valores cívicos e sociais, simulados numa partida de futebol, como a obediência aos superiores e a participação em grupo (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 293).

Sendo fundado em 1901, em Vilagarcía de Arousa, o primeiro clube galego foi o Alfonso XIII (REI LEMA; LEMA SUÁREZ, 2015, p. 15) — nome esse que imaginamos ser homenagem ao Rei de Espanha anteriormente citado como um entusiasta do esporte originariamente bretão. Com o passar do tempo, a expansão do futebol na Galiza chegou ao ponto de, em 1906, existir a competição Copa de Galicia (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 391) e, em 1909, ser fundada a Federação Galega de Futebol, que começou a ser operada em janeiro de 1910 (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 399) e também historicamente materializada com o crescimento de clubes fundados: em 1919 já existiam aproximadamente 90 agremiações (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 380).

O crescimento futebolístico na Galiza era simultâneo ao processo da migração galega, ou seja, talvez fosse possível que Floreano Sobral só tivesse contato com o futebol em 1924 quando chegou ao Brasil, como afirmou sua filha Dinéa Sobral Muniz. Entretanto, correlacionando as fontes históricas com a bibliografia hispânica e, mais especificamente, a galega, evidenciamos o quanto o desporto e o futebol já estavam pujantes na Galiza no início do século XX. Além disso, é importante destacar que o trabalho de Domínguez Almansa será fundamental também para entender mais adiante como o esporte e, mais especialmente, o

futebol, foram importantes na materialização da construção da identidade galega, tanto interna quanto externamente.

2.4 “Vários homens correm atrás de uma esfera de couro”: as origens do jogo de bola em Salvador

Observando os casos brasileiros, sem perder de vista “troca de guarda” do espaço futebolístico, Pereira destaca que os jovens de países sul-americanos como Argentina, Uruguai e o Brasil tiveram contato com o futebol por duas vias principais. Sendo elas (PEREIRA, 2000, p. 26-27):

[...] a sua expansão junto com o capital e a tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente — que se caracterizava na presença de trabalhadores especializados ingleses nesses países e na grande influência que a cultura bretã passava a ter sobre eles; e a experiência que jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iam estudar.

Pode-se inferir que tanto os ingleses foram os grandes, mas não únicos, difusores e propulsores do novo esporte como também o quanto o futebol é, simultaneamente, um agente e consequência da modernização da sociedade novecentista. Pereira asseverou que a supremacia inglesa do exercício futebolístico no Brasil teve como *locus* o estado de São Paulo, uma vez que a migração estrangeira foi muito mais intensa no período.

O intervalo, do final do XIX e início do século XX, em absoluto não foi restrito às migrações do caso galego, como aponta Eric Hobsbawm em *Nações e nacionalismo desde 1780* (1990, p. 112):

Pois o período que vai de 1880 a 1914 foi também o período das maiores migrações de massa já conhecidas, dentro dos Estados e entre eles, e o período do imperialismo e de rivalidades internacionais crescentes que terminaram na guerra mundial. Tudo isso enfatizava a diferença entre ‘eles’ e ‘nós’. E não há modo mais eficaz de unir as partes díspares de povos inquietos do que uni-los contra forasteiros.

A partir da análise historiográfica de Hobsbawm, aponta-se que o período em questão foi o tempo de sentimentos nacionalistas populares, inclusive confundindo-se com a mobilização do discurso da superioridade nacional em práticas racistas e xenófobas como um dos elementos que culminaram na Primeira Grande Guerra, a partir de 1914 (HOBBSAWM, 1990, p. 112). E ora, convenhamos que, se é possível e eficaz “unir as partes díspares” em um discurso instrumentalizado contra os “forasteiros”, a premissa inversa também é materialmente possível, uma vez que os “de fora” também podem acionar o *topos* linguístico do “nós contra eles” em uma prática linguística imersa numa lógica de recrudescimento da noção de identidade e pertencimento, como verifica-se na reflexão sociológica de Stuart Hall (2006, p. 41):

[...] os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. Nós sabemos o que é a ‘noite’ porque ela não é o ‘dia’. Observe-se a analogia que existe aqui entre a língua e identidade. Eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’ (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser.

Além disso, o próprio Hobsbawm enxerga esses imigrantes incorporados a grupos que reúnem outros da “velha terra” ou “lá de casa”, em uma prática de sociabilidade para amenizar a insegurança e a saudade atreladas a ajuda mútua contra a reação de hostilidade a esses “forasteiros” (HOBSBAWM, 1990, p. 183). Destarte, o caso da imigração galega é historicamente verificável no que tange tanto o processo da migração interna na Península Ibérica (SARMIENTO, 2017, p. 80) quanto a saída para outros países, inclusive no continente americano a exemplo de Cuba, Argentina e o Brasil; e a criação de uma série de instituições voltadas para a união e sociabilidade desses imigrantes.

Já adiantando o caso do Galícia Esporte Clube — o que de fato nos interessa —, vai ser crucial a relação dos pensamentos de Norbert Elias/Eric Dunning atrelado à ideia de representação identitária de Stuart Hall, mas, também, o peso que Eric Hobsbawm credita aos esportes — no período entre guerras, quando também funda-se o Galícia em 1933, sendo inclusive a mesma baliza temporal do surgimento moderno da comunicação de massa como imprensa, cinema e rádio — em que essas práticas esportivas preenchem as esferas pública e privada simultaneamente que simbolizavam Estados-Nações. Dessa forma, o aprofundamento dessas questões tidas como centrais serão esmiuçadas mais adiante.

Retomando a narrativa do futebol em solo nacional, ainda que fuja do “mito de origem” para a criação do futebol em solo brasileiro, Pereira destaca o retorno de Oscar Cox, em 1897, ao Rio de Janeiro, após alguns anos de estudo na Suíça, praça essa onde já havia federação de futebol datada de 1895, como vimos anteriormente. Sendo importante frisar que antes mesmo do regresso de Cox a até então capital federal, “o futebol já era conhecido no Rio de Janeiro — não só nos clubes formados por ingleses, onde era praticado há mais tempo, mas também nas exhibições de marinheiros estrangeiros na região do cais do porto ou nos recreios dos colégios elegantes” (PEREIRA, 2000, p. 21).

Entretanto, o papel de Cox na história do futebol no Rio de Janeiro tem peso muito por conta das regras da *Foot-ball Association*, fundada em 1863, responsável por padronizar o jogo, como vimos anteriormente, levando Leonardo Pereira a supor que “junto com a bola, portanto, Cox provavelmente trouxera em sua mala as regras de um jogo que, décadas depois, estaria consolidado como um grande fenômeno na cidade — o que permitiria a alguns caracterizá-lo

como um grande ‘pioneiro’ ou ‘incontestável introdutor do futebol no Brasil’.” (PEREIRA, 2000, p. 22). Importa rememorar o quanto, segundo Elias e Dunning, a regulamentação das competições físicas, caracterizando as mesmas como desporto, é essencial numa sociedade moderna que busca mimetizar a violência.

As primeiras 14 regras que pretendiam não só padronizar, como organizar a vida social do futebol foram responsáveis por estabelecer entendimentos que hoje são lidos como básicos, a exemplo do tamanho do campo e a divisão do gramado; como inicia-se a partida; o conceito e entendimento do que é um “gol”; impossibilidade do uso das mãos e as vestimentas adequadas, inclusive para evitar causar ferimentos aos adversários (MARTÍNEZ PLATEL, 2015, p. 61-62).

Todavia, Pereira é habilidoso em evidenciar a história de Cox e, de forma simultânea, tratar de outro personagem tido como “pioneiro” do futebol no país que teve trajetória similar à de Cox anos antes: Charles Muller. Sendo esse também brasileiro e morador, desde os nove anos, em Southampton na Inglaterra. Ao retornar a São Paulo, com 20 anos, em 1894, em conjunto com a Companhia de Gás, do London Bank e da Estrada de ferro, tornou-se um difusor e incentivador do esporte no país, garantindo a Charles Muller espaço importante na prateleira do esporte bretão em solo nacional (PEREIRA, 2000, p. 22).

Sem diminuir a importância de ambos os personagens, mas imerso em uma narrativa da história social, Pereira é enfático ao afirmar que (2000, p. 22-23)

Muller e Cox. Ambos jovens que, apesar dos nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil: ambos filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base de uma educação que não poderiam ter em seu país de origem, trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições. Mais que mera coincidência, a semelhança entre suas trajetórias indica a lógica que caracterizou a consolidação de uma certa memória sobre o futebol — que afirma ser ele um esporte que ‘nasce e se desenvolve entre a elite’. Ele seria a princípio, nesse tipo de visão, um jogo ‘predominantemente das camadas superiores’, praticado por ‘membros de famílias abastadas’. Histórias como a dos dois pioneiros servem, assim, para atestar o caráter elitista dos primeiros tempos do esporte no Brasil: nascido somente pelo impulso isolado de alguns grupos abastados, que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada República brasileira, ele tinha definido em seus primórdios o caráter restrito que caracterizava seus primeiros tempos.

Dessa maneira, apesar de marcados por participações na história do esporte no Brasil, Muller e Cox são pontos de uma primeira etapa do futebol nacional. Assim como, em Salvador, José Ferreira Júnior — o Zuza Ferreira — é tido, pelo senso comum, como o “fundador” do esporte bretão na cidade. Torna-se historicamente verificável, então, a partir de um dentre muitos exemplos, a tentativa da construção narrativa do “mito fundador” associado à figura de Zuza Ferreira na nota do Diário da Bahia, em 29 de outubro de 1953:

Na data de hoje, exatamente há 52 anos passados, o pacato povo desta cidade recebia, com a curiosidade recatada da época, uma inovação trazida da Inglaterra por um jovem de iniciativa. Jogava-se em nossa capital, naquela data, pela primeira vez, uma partida de futebol.

Ainda que aparentemente sem nenhum sentido, aquele jogo onde vários homens corriam atrás de uma esfera de couro cheia de ar, levando tombos e dando tombos, sempre com dois objetivos: evitar que a tal esfera entrasse num arco formado por três traves ou então colocar a esfera num arco idêntico, agradou aos espíritos fundamentalmente sérios de nossos pais e avós. Sua prática foi se difundindo a título de distração até que despertou as tendências associativa dos que a ele se dedicavam. Nasceram os primeiros clubes, ou melhor o embrião dos primeiros clubes. Penetrando nas camadas rica e pobre da sociedade, teve logo as duas forças básicas sobre o que haveria de se desenvolver: público e dinheiro.

[...] O futebol é isso, hoje em dia. Tu, leitor, que tanto gosta dele, esquece um instante o teu clube preferido amanhã, quando estiveres na Fonte Nova, naquele colosso que o poder do teu esporte predileto criou, sê grato a quem o trouxe para nossa terra, quem o trouxe para sua distração. Lembra-te do jovem que há 52 anos passados introduziu em nossa vida o jogo aparentemente sem sentido em que vários homens correm atrás de uma esfera de couro. Lembra-te de Zuza Ferreira.²⁵

Em que pese o período da fonte histórica em questão estar fora da pretensão da nossa discussão, inclusive com a existência da Fonte Nova a partir de 1951 e, conseqüentemente, o desprezo pelo Campo da Graça, bem como o conteúdo em absoluto não envolver a construção da galeguidade a partir de um posicionamento político do Galícia Esporte Clube, é intencionalmente importante abrir esse curto parêntese para, a partir da crônica do Diário da Bahia, entender os movimentos de uma elaboração da memória coletiva de uma suposta origem do futebol em Salvador associada a Zuza Ferreira e à classe a qual ele pertencia. Marcadores como “nossos pais e avós” dão o tom na busca por essa edificação da memória.

Ainda que reconheça a participação das classes populares e subalternas na disseminação do jogo, a crônica é enfática ao pedir que o leitor amante do desporto não só lembre de Zuza Ferreira, como também seja grato ao filho das classes elitizadas que se tornou pai do futebol soteropolitano, em uma tentativa evidente, por parte do periódico, de associar a memória e tradição do futebol a um grupo específico.

Em *Pugnas renhidas: futebol, cultura e sociedade em Salvador (1901-1924)*, Henrique Sena dos Santos, apesar de reconhecer a importância do retorno de Zuza Ferreira da Inglaterra a Salvador, afasta-se de uma fundação futebolística na cidade por parte desse retornado. Assim, admitindo que o jogo já era praticado antes mesmo de 1901, Santos credita a Zuza Ferreira não um “mito de origem”, mas o envolvimento de um determinado grupo social com o futebol (SANTOS, 2014, p. 27).

²⁵ BPEB. Diário da Bahia. 29 de outubro de 1953, p. 6.

Zuza Ferreira e seus pares são, então, pertencentes às elites soteropolitanas, contudo, não sendo os únicos responsáveis pela disseminação do futebol no século XX, como verificasse em *Dos simpaticísimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)*, de Lucas Santos Café, em que o autor defende que, “na formação do futebol oficial da cidade de Salvador, tanto as elites como as camadas populares realizaram um papel ativo, não existindo um único motor nessa história” (CAFÉ, 2013, p. 44).

Apesar de, ainda no século XIX e sob forte influência inglesa, surgirem as primeiras associações esportivas por partes dos baianos, a exemplo do Clube de Cricket Vitória (SANTOS, 2014, p. 53), foi apenas em 24 de junho de 1903 que estudantes paulistas da Faculdade de Medicina da Bahia fundaram o primeiro clube propriamente futebolístico na cidade do Salvador: o São Paulo (SANTOS, 2014, p. 39).

Consideramos possível que a experiência da fundação do clube de colônia paulista tenha influenciado outros clubes já existentes a abrirem seções de futebol, como por exemplo o Vitória, São Salvador — de Zuza Ferreira —, o Itapagipe e o Internacional, além da fundação por partes de comerciantes, ainda em 1903, do Sport Club Bahiano, com baianos e paulistas se enfrentando no Campo da Pólvora, local onde ocorriam as principais partidas nos primeiros anos do futebol baiano (SANTOS, 2014, p. 40).

É imprescindível destacar que os nomes das agremiações já referenciadas começam a dar um tom na discussão identitária, que veremos com mais afinco quando tratarmos do próprio Galícia, no que se refere a como o desporto é instrumentalizado também na lógica do pertencimento, assim (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 324)

Isto significa que o próprio desporto proporciona a identificação de grupo, mais precisamente a formação da ideia de se ‘pertencer ao grupo’ e de estar ‘fora do grupo’, de ‘nosso grupo’ ou de ‘grupo deles’, no quadro de uma variedade de níveis, como os níveis da cidade, distrito ou país. O elemento de oposição é crucial, desde que este sirva para reforçar a identificação de se pertencer ao grupo, isto é, um sentido de grupo de ‘sermos nós’ ou de unidade, entretanto fortalecido pela presença de um grupo que é entendido como o ‘deles’, a equipa oposta e seus respectivos apoiantes, quer seja local ou nacional.

Dito isso, foi possível materializar, a partir dos estudos de Henrique Sena dos Santos, como essa questão identitária estava presente antes mesmo de 1º de janeiro de 1933, nos cenários futebolístico e político soteropolitano, a exemplo do próprio São Paulo citado anteriormente, sendo fundado pela colônia paulista que se fixou em Salvador, bem como, o fundado em 1903, Sport Club Bahiano — ambos remetendo seus nomes e, conseqüentemente, seus discursos simbólicos e representativos aos seus pares.

Além desses, lógica semelhante se aplicou ao Clube de Cricket Vitória, nascido em 13 de maio de 1899, voltado para o desporto inglês do críquete e, posteriormente, quando mudou seu nome para Sport Club Vitória, uma vez que passara a competir no remo e depois no futebol, mas que em seu nome carrega não o sentido de triunfo, mas sim o fato de o primeiro presidente do clube, Armênio Valente, ser morador do bairro de elite da cidade do Salvador com o mesmo nome (SANTOS, 2014, p. 53).

Tal lógica pode ser aplicada também ao Club de Regatas Itapagipe, localizado na península homônima e fundado em 1902 (SANTOS, 2014, p. 58), sem esquecer do São Salvador, do Sport Club Bahiano, do Bahiano de Tênis e do Sport Club Bahia — fundado em 1906 —, sendo importante não confundir este último com o Esporte Clube Bahia, fundado em 1º de janeiro de 1931, e bicampeão nacional em 1959 e 1988 em uma outra fase do futebol brasileiro que não pretendemos abordar; mas que também remete o nome à uma identidade estadual.

Henrique Sena dos Santos descreveu a tortuosa trajetória do que foi a grande equipe soteropolitana dos anos 1920: o Ypiranga. A princípio, em 17 de abril de 1904, surge como Sport Club 7 de Setembro. Desse modo, por aspectos até então desconhecidos, o clube parou suas atividades, só retornando na data de 7 de setembro de 1906 já com o nome de Sport Club Ypiranga (SANTOS, 2014, p. 184) e, de novo, em 1914, nesta oportunidade com mais solidez e robustez política nos bastidores. Evidenciando assim, mais de uma vez, símbolos patrióticos como o 7 de Setembro, salientado na primeira nomenclatura do clube e, posteriormente, na data escolhida para a segunda fundação, além do nome Ypiranga, ambos remetendo ao processo de Independência do Brasil em 1822.

Desse modo, em 1933, ano em que o Galícia surgiu, já existiam experiências prévias, duradouras ou não, que remetiam o desporto, não necessariamente restrito ao futebol, como uma prática que associada à identidade, seja nacional como o caso do Ypiranga, seja local como por exemplo o São Salvador, Bahia de 1906; Esporte Clube Bahia, de 1931; Sport Club Bahiano; Itapagipe, por conta da península; e o Vitória, por conta do bairro de elite de mesmo nome; ou até de colônias como a paulista e o São Paulo, e os ingleses do Internacional. Assim, o Galícia, mesmo com suas especificidades que veremos mais adiante, não seria uma novidade. Não foi um absurdo, tinha precedente. Na Bahia e fora dela.

No Brasil, já havia antes de 1933 inúmeros casos de sucesso esportivo, a exemplo os “clubes de colônia”, sendo essas agremiações esportivas fundadas e financiadas ao longo de sua história por aqueles migrantes que são identificados e representados por essa instituição. Desse modo, alguns expoentes são: Club de Regatas Vasco da Gama, fundado na cidade do Rio

de Janeiro, em agosto de 1898; a Associação Portuguesa de Desportos, sediada em São Paulo desde 1920; o Esporte Clube Novo Hamburgo, nascido em 1911, no Rio Grande do Sul; o Sport Club Germânia, construído em setembro de 1899, no estado de São Paulo; assim como o Palestra Itália, de 1914 — ano esse também da criação do Hespânia Foot Ball Club, de Santos; sem esquecer da Società Sportiva Palestra Itália, de Minas Gerais, em 1921. Tendo dentre esses poucos exemplos dos muitos possíveis dois “clubes de colônia” portuguesa, dois alemães, dois italianos e um espanhol, esse último especificamente trabalharemos com maior atenção mais adiante.

2.5 Jogo de tensões e representações

Dando seguimento à cronologia do futebol em Salvador, Henrique Santos frisa a existência do rico, e de origem na colônia inglesa, o Internacional, tendo sua distinção não restrita ao nome e à ascendência estrangeira, mas também relacionada ao papel social, uma vez que muito dos fundadores eram negociantes, donos de grandes casas comerciais e empreendimentos ou empregados em bancos (SANTOS, 2014, p. 64). Essa condicionante originária da identidade nacional do clube Internacional foi instrumentalizada de forma violenta a partir do jogo do dia 10 de junho de 1906, quando o prestigiado, na época, clube rubro-negro, o Vitória, ia enfrentar a agremiação da colônia bretã e atual campeão citadino. Porém, mesmo dentro de um cenário amador e, conseqüentemente, no qual as tensões esportivas deveriam ser minimizadas em um campo elitista de bom comportamento — que veremos mais adiante —, o que se viu foram atos “indecorosos”, “hostis” e “constrangedores”.

Santos descreve ofensas aos jogadores ingleses, além de pedras e chinelos numa possível rivalidade de alguns espectadores que começaram a instituir entre os times. Esse incidente foi potencializado pelo acirramento de identidades nacionais, brasileira e bretã, que possivelmente influenciaram as pessoas, não exclusivamente de setores populares (SANTOS, 2014, p. 133). Esse episódio catártico de caráter nacionalista, xenófobo e racista, segundo Elias e Dunning, possui explicação, uma vez que é possível o nível de hostilidade e ódio entre diferentes grupos elevar-se, tornando pouco nítida a linha divisória a qual separa o que é jogo daquilo do que não é; e daquilo que é mimético e daquilo que é real (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 72).

Destarte, tal conceito não ficará restrito ao episódio de 1906, levando a mesma conotação em consideração, uma vez que a própria existência do Galícia Esporte Clube também provocou reações poucos amistosas em alguns momentos, indo para além do campo futebolístico e adentrando o campo identitário, inclusive também instrumentalizando

sentimentos nacionalistas, como em 4 de fevereiro de 1940, publicado pelo O Imparcial, que noticiou:

Outro assunto importantíssimo é o que se refere ao Campeonato de 1940. Soubemos, em fonte segura e insuspeita, que o Galícia S.C., possivelmente não se inscreverá para disputar esse certame.

Não só os seus diretores, assim, também, inúmeros paredros galicianos mostraram-se bastante constrangidos com certos fatos ocorridos por ocasião do jogo noturno da última quinta-feira.

Queixam-se, amargamente, da atuação do juiz e de certos torcedores de outros clubes que se deram no trabalho, realmente condenável e triste, de atirar pedras nas portas de certos estabelecimentos comerciais dos galicianos, a muitos desses dirigindo insultos, pelo telefone! Aliás, trata-se de um caso policial, mas, infelizmente, esses inimigos da ordem e do progresso do nosso esporte dificilmente podem ser identificados.!

Antigamente, quando os telefones não eram automáticos, esses mocinhos inconvenientes não se arriscavam a tanto. Mas agora...

Ai está, pois, outro caso, para o qual os amigos da Bahia esportiva devem, também, voltar as suas vistas, agindo junto aos galicianos, para que os mesmos desistam do propósito em questão e possa a L.B.D.T. contar com o valioso e indispensável concurso do Galícia. S.C., no campeonato deste ano.²⁶

Pela nota do O Imparcial, é possível inferir não apenas o quanto o Galícia e a comunidade galega estavam associados ao ramo alimentício com os armazéns em Salvador no primeiro terço do século XX, mas como o próprio periódico posicionava-se politicamente ao lado dos “galicianos” contra as múltiplas violências causadas por um jogo de futebol. É importante pontuar que esse mesmo contexto foi marcado por uma alta de preços nos gêneros de primeira necessidade do setor alimentício na cidade do Salvador, que conseqüentemente causavam carestias e tensões ainda maiores no cotidiano (QUADROS, 2016, p. 110), o que seria potencializado para os migrantes galegos responsáveis por concentrarem setores comerciais do município.

Retomando a abordagem de Elias e Dunning, ainda que reconheçamos as diferenças do episódio narrado por Santos e o de 1940, ambos foram expostos comparativamente não no intuito de uma interpolação anacrônica de 34 anos de diferença, ao contrário, mas sim para demonstrar o quanto o futebol, inclusive o soteropolitano, já era alvo de diversas disputas. Além disso, é possível perceber, nesse episódio de 1940, do Galícia, mais uma semelhança com o de 1906, envolvendo o Vitória e o Internacional, em que ambos os casos a linha divisória do real e da mimese fica diluída ao ponto de a violência ser material e concreta. No caso de 1940, atingindo os armazéns — principal fonte de renda da comunidade galega de Salvador no início dos anos XX — com pedras, xingamentos e trotes telefônicos.

Apesar de, posteriormente, o Galícia ter aceitado participar do campeonato de 1940, em absoluto esse episódio não pode ser minimizado, uma vez que o clube não apenas mostrou-se

²⁶ BPEB. O Imparcial. 4 de fevereiro de 1940, p. 6.

solidário à classe “caixeiral” a qual era tão intrinsecamente próximo contra os atos violentos, como também agiu partidariamente em nome dessa classe, defendendo a identidade, ao ponto de colocar a possibilidade de desistência do torneio.

É importante considerar que as tensões no contexto de Salvador, entre galegos e soteropolitanos, e de teor social e racial, não estavam restritas ao futebol e, tampouco, à existência do Galícia; existindo antes mesmo da fundação do clube. Jeferson Bacelar, em *Galegos no paraíso racial*, verifica essas tensões com bilateralidade (1994, p. 32):

Não há necessidade de maior estímulo: o ressentimento é mútuo. O galego incorpora um plano do paradigma racial vigente que entende o brasileiro pobre de cor como um ser de segunda classe; e estes ressentem-se dos brancos em geral mas não podem atingir a todos — e mais ainda dos ‘galegos ladrões’ e que vêm ocupar posições no mercado de trabalho que deviam ser deles. Pior ainda: eles vêm ocupar uma das áreas do comércio onde o pobre mais sofre: o setor de alimentação. Assim, o estrangeiro, com ênfase no grupo galego, é um excelente repositório de tensões sociais e étnicas, na construção do projeto hegemônico sobre as camadas subalternas.

Acreditamos que, nesse episódio de 1940, no qual armazéns de galegos foram depredados e alvo de diversas hostilizações, a instituição Galícia serviu à sua colônia galega como ferramenta política para responder e mobilizar forças contra os ataques, a exemplo da imprensa que se colocou ao lado dos galegos nesse jogo de poder com um discurso moralista e policialesco, em uma estratégia de repulsar essas disputas anteriormente existentes.

Vale a pena lembrar que os anos 1930 e 1940 são operacionalizados na lógica dos nacionalismos associados às práticas de caráter xenófobas que foram fatores de grande valia para a ascensão dos fascismos e culminação da Segunda Guerra Mundial. Inclusive, essa política nacionalista tinha expoentes nos dois países em questão: no Brasil, com Getúlio Vargas e o Estado Novo, desde 1937, e na Espanha, com Francisco Franco, desde 1939.

Em 1942, dois anos após o episódio que levantou a hipótese institucional de o Galícia Esporte Clube não disputar o campeonato daquele ano, percebemos outra ação politicamente institucionalizada que evidenciava a estreita relação entre o clube, a colônia galega e setores da classe caixeiral de Salvador que era ocupada por migrantes ou descendentes:

Figura 9 – Caixeiros e boleiros: a celebração do triunfo galego em Salvador

27

O documento é resultante também do êxito esportivo, uma vez que, celebrando o terceiro título cidadão — o primeiro foi conquistado em 1937 — e, o segundo consecutivo (1941, 1942), ao vencer o Esporte Clube Bahia pelo placar de 3 a 1²⁸, a página do Diário da Bahia foi ocupada pelo patrocínio de casas comerciais pertencentes à colônia galega para não apenas parabenizar o Galícia pelo feito futebolístico, mas principalmente narrar sua história com ares épicos e algumas vezes com expressões hiperbólicas como em “várias vezes campeão” e “mais de uma centena de troféus”, intercalando visualmente com os nomes, telefones e endereços desses armazéns de galegos, a exemplo do Bar e Restaurante Colon, de José M. Orge; Armazém Paradella, de Hypolito Amoedo Parada; Pastelaria de La Mar; Casa Vázquez; Casa Regueira; e Armazém Barcelona, em uma exaltação do triunfo e valorização da autoestima galega no campo econômico e futebolístico de Salvador.

Retomando o conceito de Elias e Dunning sobre a possibilidade de os efeitos de uma derrota dentro do terreno do jogo também evocarem a sensação de perda na vida real, “uma vitória mimética pode apelar à continuação do triunfo numa batalha fora do terreno do jogo” (1992, p. 72). Dessa forma, o triunfo esportivo do Galícia, tornando-se o melhor clube da cidade naquele ano não apenas exaltou a glória migrante galega em Salvador, como também atuou

²⁷ BPEB. Diário da Bahia. 29 de novembro de 1942, p. 7.

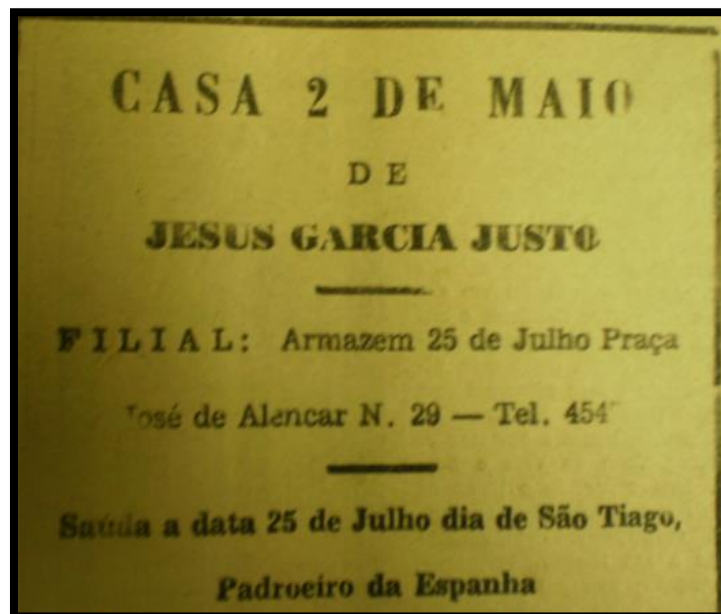
²⁸ BPEB. Diário da Bahia. 31 de outubro de 1942, p. 6.

como um catalisador do sentimento de conquista da colônia galega associada ao setor comercial.

A prática de parte da colônia galega em alugar uma página no periódico Diário da Bahia para manifestar-se pública e politicamente não ficou restrita a esse evidente episódio de 1942 que ajudou a consolidar o quanto o Galícia integrava, representava e identificava essa colônia migrante em Salvador. Localizamos mais duas oportunidades em que os fólios do periódico soteropolitano foram meios para divulgação de mensagens explícitas. Em 31 de janeiro de 1946, a “colônia espanhola” estampou a foto, saudou e declarou apoio ao empossado presidente da república Eurico Gaspar Dutra²⁹, novamente com a estratégia de posicionar os nomes e endereços das casas comerciais patrocinadoras, visando distinguir-se do restante da sociedade, uma vez que falava em nome apenas da colônia espanhola — que, como visto no capítulo anterior, ainda que possuísse migrantes de outras regiões hispânica, era majoritariamente composta por galegos.

No domingo de 24 de julho de 1955, ainda que esteja fora da nossa baliza temporal, observamos a publicação de uma série de armazéns e casas de comércio de galegos que fizeram questão de manifestar seu apelo religioso ao Apóstolo Santiago, Padroeiro da Espanha e da Galiza, que tem sua celebração no dia 25 de julho, em uma demonstração de diálogo com sua terra natal, independentemente da distância oceânica.

Figura 10 – Celebração do Apóstolo Santiago, 25 de julho, por casas comerciais de Salvador



30

²⁹ BPEB. Diário da Bahia. 31 de janeiro de 1946, p. 5.

³⁰ BPEB. Diário da Bahia. 24 de julho de 1955, p. 2.

Mesmo que, temporalmente fora do período proposto, fica demonstrado o quanto que setores da colônia galega residentes em Salvador posicionavam-se política e publicamente em nome de suas próprias demandas e agendas, como foi na ação partidária do Galícia em ameaçar não jogar o campeonato de 1940, em resposta à hostilização de armazéns galegos; na exaltação ao Galícia associado aos armazéns, em 1942; na saudação partidária a Dutra, em 1946; e no culto religioso ao santo que dá nome e identifica a capital da Galiza, Santiago de Compostela.

Além desses episódios citados que interseccionaram setores da colônia galega, o clube e o ofício classista responsável pelos armazéns em Salvador, localizamos ao longo dos anos a preocupação do Galícia em realizar um curto campeonato de futebol para celebrar o “Dia do Caixeiro”³¹. Percebemos assim a utilização da agremiação como ferramenta política agindo como um catalisador em nome da classe caixeiral — seja para responder a ataques aos armazéns, seja para publicamente manifestar apoio e até organizar eventos festivos em prol dos espaços de lazer e sociabilidade; em que, como já é sabido, esse setor classista estava impregnado por migrantes galegos.

A partir de tudo que até então foi visto na construção dos elos internos e intrínsecos entre partes da colônia galega, setores da classe caixeiral e do Galícia Esporte Clube, questionamos, trazendo para a análise do objeto historiográfico em questão: como o futebol foi um mecanismo instrumentalizado para a identificação da colônia galega? Quais estratégias o Galícia acionou para o fortalecimento da identidade galega em terras soteropolitanas? Qual história o Galícia quis narrar e representar de si? Todas essas inquietações veremos a partir de agora.

³¹ BPEB. O Imparcial. 30 de outubro de 1934, p. 7.

3. DE UMA GALIZA IMAGINADA POR UMA GALIZA MIGRADA

Pretendemos, neste capítulo, esmiuçar o conceito de nacionalismo, fenômeno recorrente a partir do século XIX, elaborado pelo historiador Benedict Anderson como sinônimo de uma comunidade política imaginada, limitada e simultaneamente soberana (ANDERSON, 2008, p. 32-33)

Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. [...] Na verdade, qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada.

Para tanto, vamos analisar os desafios do projeto galego que concorreu e visou combater o imperialismo castelhano na construção da comunidade imaginada espanhola, no fenômeno que Anderson entende como propósito de “sub”-nacionalismos em deixarem a condição de “sub” e tornarem-se soberanos (2008, p. 28).

Embora estejamos de acordo com Eric Hobsbawm, ao afirmar que a Galiza possuiu um movimento regional de forte influência da ideologia ocidental nacionalista muito menos ativo em relação aos casos Basco e Catalão (1990, p. 168), não apenas fica explícito o quanto o projeto nacional castelhano enfrentou problemas internos que desafiaram a sua consolidação, como reconheceremos as diversas ações culturais e políticas em nome da composição e valorização da identidade galega, mesmo em menor grau em comparação aos outros dois regionalismos.

Seguindo a cronologia do século XIX, podemos destacar as ações da Geração Provincialista ou Regionalista, a qual reivindicava a própria nomenclatura pelo propósito de compreender a Galiza como unidade e uma só província. Apesar de possuir propostas e linhas de pensamentos divergentes internamente, o movimento unia-se em prol de duas principais finalidades: uma maior abertura política, pautada nos ideais liberais, e a recuperação de uma suposta riqueza regional (CONDE, 2011, p. 106). Ainda que belicamente derrotado em 1846, o Regionalismo passou a ser rememorado como base de inspiração para posteriores projetos de grande valia para a construção da galegidade (CONDE, 2011, p. 107).

Desses, podemos destacar o *Rexurdimento* como um fenômeno de cunho literário e intelectual que valorizava a língua e visava a construção da identidade galega, inserido no mesmo contexto que Hobsbawm (1990, p. 132) disserta sobre rápida difusão dos nacionalismos europeus. Ainda que seja compreendido como um movimento literário e cultural, o propósito

de “ressurgir” uma suposta grandeza galega perdida no tempo tem aspirações e motivações de cunho político, sobretudo no contexto a partir do século XIX (CONDE, 2011, p. 108):

É nessa realidade que começa a despontar o Rexurdimento, atuante entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do XX. Alfredo Brañas, Rosalía de Castro e Manuel Murguía estavam à frente desse movimento, que tinha a língua como um dos elementos principais na sua política de valorização da cultura local. Em 1897, por exemplo, a Liga Gallega, grupo político regionalista liberal presidido por Murguía, redige seus estatutos integralmente em galego, uma forma de defender o uso formal e jurídico da língua. A utilização do idioma local por intelectuais e burgueses é agora um ato político.

O uso e conseqüente propagação do galego por parte dos ideólogos e membros do *Rexurdimento* podem ser interpretados como ato de resistência consciente em um contexto em que o vernáculo castelhano buscava reduzir o catalão (ANDERSON, 2008, p. 121), o euskadi falado no País Basco e o galego, à lugares periféricos de poder. Desses intelectuais, podemos destacar a figura de Rosalía de Castro como diretamente responsável por enaltecer e marcar simbolicamente a língua e cultura galega, principalmente a partir da publicação de *Cantares Gallegos*, em 1863, compreendido como peça-chave na reconstrução da condição nacional da Galiza (VELASCO, 2019, p. 194).

Além do uso da língua em galego, *Cantares Gallegos* e outras obras literárias rosalianas, a exemplo de *Follas Novas*, também são fortemente assinaladas pelas críticas e denúncias históricas sociais da região (MONTEIRO; UZÊDA, 2022, p. 343), incluindo a própria miséria e pobreza que fortemente condicionaram os números inflacionados de migrantes que saíam da Galiza (NUÑEZ SEIXAS, 1992, p. 51).

Apesar de não possuir ativismo político e nem a mesma força econômica e simbólica como a Catalunha e o País Basco, a Galiza foi defendida e projetada por aquele que não mais estava presente fisicamente na sua terra natal: o migrante. Assim, mesmo com um oceano de distância, a Galiza também era imaginada por quem estava externa a ela (CONDE, 2011, p. 52-53)

Esse amadurecimento político foi consequência do desenvolvimento das redes associativas. O apoio dado por elas foi fundamental para a cultura galega e para os movimentos políticos que lutavam para assumi-la como um traço diferenciador da região e como bandeira política. A existência de milhares de emigrantes no exterior, sem nenhum apoio ou garantia do Estado, fez com que surgissem diversas associações beneficentes. Além de prestarem serviços de auxílio variados e servirem como ponto de encontro, elas ajudaram a fomentar a língua, literatura e a música da Galícia, mesmo entre os que continuavam a viver na região. O contato com outras culturas, ponto fundamental na formação da própria identidade, e a liberdade existente nos países de destino para utilizar o idioma próprio e promover ações em prol da sua valorização, foi de fundamental importância para o fortalecimento e, em determinados momentos, para a permanência de movimentos político-culturais.

Essa condicionante foi pensada e estrategicamente elaborada por Manuel Murguía — esposo de Rosalía de Castro, expoente do *Rexurdimento* e autor de *Historia de Galicia* —, uma vez que, percebendo o pouco apoio popular que seu movimento regionalista possuía internamente na região, buscou aproximação e confluência com a Galiza migrada e sua respectiva militância externa que falava galego (FERNÁNDEZ; AXEITOS, 2007, p. 85).

A biografia de Murguía também está diretamente ligada à criação da Real Academia Galega (RAG) em outubro de 1905, em que, para além de fundador, foi o primeiro presidente da instituição que visava a preservação e valorização do idioma e da história galega; inclusive contando publicamente com o apoio e patrocínio financeiro de instituições associativas galegas em Havana e Buenos Aires (NUÑEZ SEIXAS, 1992, p. 88).

Evidenciando as múltiplas estratégias instrumentalizadas pela Galiza, interna e externa, com a finalidade de imaginar a sua terra natal, o mesmo Manuel Murguía foi um dos responsáveis intimamente conectados à manipulação e construção de uma suposta história da Galiza, associada a um passado remoto e ancestral com os celtas. Essa narrativa de uma hipotética presença celta como originária do povo galego é explicada por Thayane Gaspar Jorge, em sua dissertação literária, como (2019, p. 12)

O nacionalismo galego alterava a história da Espanha ao afirmar a presença dos celtas nos territórios da antiga *Gallaecia*, que corresponderia à Galícia, as Astúrias, a León e ao norte de Portugal. Com esse efeito, legitimado por um dos livros mais imprescindíveis para a cultura, história e mitologia irlandesa, *Leabhar Gabhála Éireann*, os celtas galegos teriam colonizado a Irlanda. Este texto outorgava à Galícia não só uma parte significativa da colonização e gênese da irlandesa, como também associava aos galegos um passado e um povo tido como forte, belicoso, conquistador — e não conquistado, vencido, oprimido, escravizado: adjetivos que podiam ser facilmente direcionados à Galícia do século XX.

Essa modificação da história das origens galegas incidia também numa questão fundamental para a construção da identidade, assunto bastante debatido no século XIX: a raça. A raça era um elemento fundamental para a construção das nações. Segundo Manuel Murguía, os pilares da formação nacional eram justamente a raça, a língua e a etnia. Se essa teoria fosse validada, a Galícia estaria dotada de muitos triunfos contra o centralismo espanhol e seria indubitavelmente uma nação diferente do resto da Espanha, merecedora de uma separação, ainda que simbólica.

Independentemente da existente concretude dessa suposição, Murguía apropriou-se do mito celta, inclusive introduzindo a lenda de Breógan na Galiza e em uma de suas mais importantes cidades: La Corunha (JORGE, 2019, p. 31). Em sua dissertação em Memória Social, Erick Carvalho de Mello analisa os discursos celtas monumentalizados em La Corunha, incluindo em um dos seus pontos histórico-turísticos mais conhecidos, a Torre de Hércules, que, segundo a lenda, seria protegida e vigiada por Breógan — guerreiro enxertado por Murguía como elo entre os celtismo e a Galiza. Além disso, do alto da própria edificação, é possível identificar uma rosa dos ventos apontando e representando cada uma das nações célticas

modernas, a exemplo da Irlanda, Escócia, Bretanha Francesa e a própria Galiza (MELLO, 2014, p. 63-64).

Figura 11 – Torre de Hércules, ponto histórico-turístico da cidade de La Corunha, na Galiza



Foto do Autor registrada em 4 de julho de 2019.

Figura 12 – Estátua de Breógan, mito celta citado por Manuel Murguía, à frente e “protegendo” a Torre de Hércules



Foto do Autor registrada em 4 de julho de 2019.

Pelos documentos expostos, fica evidenciada a monumentalização da narrativa que conecta, tanto no passado como nos dias atuais, um suposto elo perdido entre a história celta e a construção da vida na Galiza. Processo esse originário do século XIX em uma tentativa de distinção identitária e resistência política frente ao imperialismo castelhano.

Figura 13 – Vista do alto da Torre de Hércules onde é possível visualizar a rosa dos ventos do celtismo moderno



Foto do Autor registrada em 4 de julho de 2019.

Além de Manuel Murguía, outro importante expoente foi fundamental na instrumentalização da galegidade: Eduardo Pondal. Ao lado de Rosalía de Castro e Curros Enríquez, o trio é considerado como os maiores nomes do movimento literário do *Rexurdimento* (JORGE, 2019, p. 55). Apesar de editorialmente próximos com o mesmo propósito em comum de ressurgir a cultura e a identidade galega, os intelectuais o faziam por caminhos distintos.

Dessa forma, o hino galego, escrito por Eduardo Pondal e musicado por Pascual Veiga em 1890, é uma afirmação étnica de um povo invocando a coletividade e buscando resgatar a hegemonia celtista que deveria ser despertada — inclusive citando Breogán. E mais: a letra proclama a necessidade de redenção e ressurreição nacional da Galiza visando um projeto de futuro (VILLARES, 2007, p. 30-31).

Apesar de ter sido institucionalizado apenas em 1984, após a morte de Francisco Franco e, conseqüente fim do Franquismo, o hino é datado dos fins do século XIX, em que o contexto na Galiza é fortemente marcado por ações culturais em busca de forjar uma identidade galega.

Além disso, como visto no primeiro capítulo desta dissertação, o mesmo hino teve rápida aparição nos lugares de destino da migração galega. O que nos faz apontar mais uma vez o quanto os galegos externos também continuavam a construir e fortalecer a imagem da Galiza que ficou.

O século XX chegou e com ele uma nova fase do galeguismo. Em 1916, com a fundação na cidade de La Corunha das Irmandades da Fala e, posteriormente, aprovação na Assembleia de Lugo, em novembro de 1918, o nacionalismo galego passou a ser elaborado numa perspectiva de programa político (VELASCO, 2019, p. 217). Mesmo que fortemente marcado internamente pela heterogeneidade e carimbo interclassista por parte de seus membros, a instituição Irmandades da Fala vai buscar a afirmação nacional da Galiza convertendo-se em uma posição e compromisso político mais determinante pautada numa perspectiva de existência de uma “comunidade internacional” única de galegos divididas pelo oceano Atlântico (NUÑEZ SEIXAS, 1992, p. 106). Ou seja, mais do que receber ajuda e apoio econômico dos “galegos da América”, as Irmandades da Fala vão enxergar no nacionalismo galego de teor político uma ponte de comunicação com os migrantes do continente americano (NUÑEZ SEIXAS, 1992, p. 71).

Podemos exemplificar essa conjuntura a partir da análise da data comemorativa do 25 de julho que, para além de ser o Dia da Pátria Galega e Dia do Apóstolo, em homenagem ao santo que nomeia a capital da região, foi proposto, em uma das assembleias da Irmandades da Fala, do ano de 1919, dar um terceiro motivo de comemoração na mesma data: Dia do Emigrante Galego (CONDE, 2011, p. 152-153). Consolidando assim a associação entre a Galiza interna e a externa, para além de combinar a figura do migrante galego como um dos símbolos da identidade regional, uma vez que a data elegida já estava previamente, histórica e religiosamente, reservada à Santiago Apóstolo, patrono e principal santidade da Galiza.

Dessa forma, podemos relacionar essa construção com o episódio visto no capítulo anterior, em que algumas casas comerciais galegas residentes em Salvador celebraram e posicionaram-se no 25 de julho em nome da crença no santo católico, e levantamos assim a hipótese do quanto a profissão de fé era simultaneamente um ato religioso e uma exaltação própria da sua condição enquanto migrante, e todos os desafios intrínsecos a essa condicionante. Ainda neste capítulo, ao abordar o Galícia Esporte Clube e suas respectivas ações em prol da identidade galega, retornaremos a essa discussão.

O tempo, contudo, dos propósitos das Irmandades da Fala foi curto. Com o golpe de Estado, em 23 de setembro de 1923, encabeçado por Miguel Primo de Rivera y Orbaneja, a Espanha passou por um período de estrangulamento das liberdades civis, característico de

regimes autoritários (BUADES, 2006, p. 160). A ditadura de Primo de Rivera também suprimiu os nacionalismos, proibiu o uso de outras línguas que não fossem a castelhana e, no caso galego, inviabilizou as atividades galeguistas e uso de sua linguagem e símbolos (CONDE, 2011, p. 116).

A conjuntura da política espanhola foi novamente modificada a partir dos anos de 1930, com o fracasso econômico do governo de Primo de Rivera, que entrega o cargo e exila-se na França. Pouco tempo depois, a enfraquecida monarquia do Rei Afonso XIII caiu em desgraça definitivamente e a II República da Espanha foi proclamada em 14 de abril de 1931 (BUADES, 2006, p. 161). Em 6 de dezembro deste mesmo ano, é criado o Partido Galeguista, que foi catalisador dos mais variados e diversos espectros políticos como os conservadores da direita, os liberais, pessoas de esquerda, defensores da independência total da Galiza e militantes da causa galega que até então eram atuantes no plano cultural (CONDE, 2011, p. 118).

O heterogêneo Partido Galeguista atingiu seu ápice em 1936, com a aprovação plebiscitária do Estatuto de Autonomia da Galiza. Nesse momento, já integrado às múltiplas coligações eleitorais da Frente Popular espanhola, defendia (VELASCO, 2019, p. 220)

Assim, junto às reivindicações de autodeterminação política para a Galiza, federalismo, antiimperialismo, cooficialidade da língua galega e reconhecimento da freguesia rural como ente político-administrativo, apareciam agora outros aspectos característicos de uma força republicano-progressista, a prestar atenção aos direitos da classe trabalhadora (reconhecimento de direitos sindicais, idade mínima de dezesseis anos para a incorporação do trabalho), a igualdade de gênero (os mesmos direitos para homem e a mulher) e a histórica aspiração do campesinato à propriedade da terra (reforma agrária, extinção forçosa dos foros, melhora do regime de arrendamentos), sem esquecer uma outra marca socializante (direito à expropriação e limitação da propriedade privada).

Entretanto, o sonho durou pouco. Um novo golpe de Estado, em 17 de julho daquele ano, transformou-se na Guerra Civil Espanhola, com duração de três anos, que, por fim, levou o regime autoritário, centralizador e nacionalista de Francisco Franco ao poder. Ação conservadora essa responsável, dentre outras retaliações dos direitos civis e individuais, por minar os nacionalismos regionais por quase 40 anos.

Dessa forma, conceituamos o nacionalismo galego como uma comunidade política imaginada e a contextualizamos dentro dos movimentos europeus de consolidação da lógica nacionalista entre os séculos XIX e XX, como tomamos emprestado a ideia de Xosé Núñez Seixas ao entender o galeguismo como um conjunto de ideologias, desde o regionalismo até o nacionalismo nas suas múltiplas fases, corroborando na especificidade cultural e política da Galiza. E mais: esse tecido identitário sendo costurado pelo intercâmbio dos galegos que ficaram, como pela Galiza externa (NUÑEZ SEIXAS, 1992, p. 18).

Ao longo da análise da cronologia do galeguismo, frisamos o quanto o fenômeno da migração estava presente na construção da identidade galega, seja como objeto de análise para a poetiza Rosalía de Castro, uma das literárias responsáveis pelo ressurgimento da cultura local, seja pelas ações redes associativas fundada por galegos em outros países e continentes — encarregados de pautar a língua, literatura e música daquela região nos países de destino —, bem como financiadores econômicos de instituições, a exemplo da RAG, fundada por Manuel Murguía, no início do século XX, em nome da identidade e história da Galiza.

A migração esteve presente enquanto categoria para forjar o nacionalismo galego nas rápidas aparições, em Havana e Buenos Aires, de símbolos oficiais, a exemplo da bandeira e do hino de teor celta, sem esquecer do conceito proposto pelas Irmandades da Fala em construir uma comunidade política internacional entre a Galiza interna e externa, como por exemplo na tentativa de tornar o santo dia de 25 de julho não apenas festivo para o Santiago Apóstolo, mas também ser o dia do Emigrante Galego.

Dessa forma, o migrante galego participou do projeto de pensar, imaginar e projetar a Galiza, mesmo fisicamente distante da sua região. A partir disso, analisaremos nas seções seguintes como setores da colônia galega residente em Salvador, associados à história dos primeiros 12 anos de vida da instituição Galícia Esporte Clube, também imaginaram a Galiza e instrumentalizaram ações dessa instituição esportiva csa finalidade.

3.1 A identidade nos campos do esporte

Antes mesmo de adentrarmos as ações do Galícia Esporte Clube em prol da projeção da identidade galega a partir do contexto soteropolitano, visitaremos os projetos futebolísticos que carregavam a ideia de Galiza como categoria de representação e identificação previamente à existência do Galícia Esporte Clube de Salvador. Destarte, Domínguez Almansa apresenta um clube galego, de 1906, com o nome de Galícia. Além dele, apresenta-nos diversas características identitárias de outra agremiação galega também verificáveis no Clube fundado em Salvador: “isto fica mais evidente quando, iniciada a década de vinte, funda-se em Vigo um clube que tem na sua bagagem as cores da bandeira galega, como símbolo a cruz de Santiago e como nome um próprio do discurso racial, e muitas vezes racista, do momento, o Celta” (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 402).

Ora, convenhamos que não há espaço para interpretações que tramitem no plano da coincidência, e não estamos nem inferindo, até por não ter acesso a esse tipo de fonte, que o Galícia de Salvador fundado em 1933 foi inspirado nessas outras agremiações citadas por Domínguez Almansa; ao contrário, como visto na cronologia da construção do galeguismo,

desde meados do século XIX, acreditamos na forte consolidação política e cultural desses símbolos, a exemplo do nome da região, a relação com o celtismo, as cores da bandeira e a Cruz de Santiago, ao ponto de tornarem-se “alvos fáceis” para a transmissão de uma mensagem: a identidade galega.

Além da eclosão desses símbolos regionalistas internos na própria Galiza, verifica-se que, antes mesmo de janeiro de 1933, o futebol era mais um âmbito cultural que carregava o identitarismo galego além-mar. Em obra historiográfica, *El fútbol y los clubes españoles de La Habana, 1911-1937 — Asociacionismo y espacios de sociabilidade*, o historiador cubano Santiago Prado Pérez de Peñamil narra a prática do futebol cubano, tendo como epicentro Havana, a partir de um movimento de reconhecimento do esporte bretão como expressão da modernidade.

Dessa maneira, Cuba é mais uma praça a abraçar o *fútbol* ou *balompié*, inclusive com a fundação da *Federación de Foot Ball Association de Cuba*, em 11 de novembro de 1911 (PRADO PÉREZ, 2013, p. 36). Em Cuba, apesar de não terem sido os espanhóis a implementarem o futebol na ilha, eles foram responsáveis pela pavimentação do esporte inclusive associado à defesa da hispanidade, assim (PRADO PÉREZ, 2013, p. 42-43):

Em termos de futebol, logo encorajaram a formação dos primeiros clubes com os nomes das comunidades mais representativas dos imigrantes na cidade e designaram as suas equipes recém-criadas com o mesmo nome da sua origem. Desta forma, surgiram formações futebolísticas de diferentes graus de qualidade e raízes nas diferentes comunidades, tais como as Astúrias, Corunha, Santander, Catalunha, Galiza e outras que denotavam um anseio pela sua pátria e um interesse real em legitimá-la.

Posto que, em hipótese alguma, deva-se ignorar que Cuba foi colônia espanhola até 1898 e o quanto o processo colonizador tem consequências incalculáveis inclusive com a questão da língua, diferentemente da realidade dos galegos no Brasil, não podemos minimizar a quantidade de migrantes que encontram Cuba como principal refúgio entre fim do XIX e início do XX. Tampouco, dentre uma série de diferentes agremiações das distintas regiões espanholas, o quanto o regionalismo galego foi mais um dentro do processo de identificação e pertencimento que descobriu no futebol um meio de expressão das suas identidades: “o regionalismo espanhol tornou-se uma força motriz para o desenvolvimento de uma vasta gama de clubes e ofereceu um sentimento de pertença que transcendeu o mero desporto para se enraizar na defesa da sua amada terra” (PRADO PÉREZ, 2013, p. 61).

Com isso, Prado Pérez demonstra, dentro de múltiplas agremiações que faziam referências identitárias às distintas regiões espanholas, que a Galiza estava representada por migrantes galegos em Havana pelo além dos já citados Galícia e Coruña, mas também Vigo

Sport Club e o Club Deportivo Centro Gallego — sendo esse último campeão “habanero” em 1931, 1932, 1937, 1938, 1939 e 1940 — além da existência de uma “Copa Orense”, em analogia a uma das regiões da Galiza.

Considerando ainda que a ideia de “Galiza”, a qual estava sendo formada desde meados do século XIX, chegava em Cuba por meio das obras do *Rexurdimento* de Rosalía de Castro e Lamas Carvajal, além dos escritos em galego e de um periódico cubano militante em nome do galeguismo: *El Eco de Galicia* (NUÑEZ SEIXAS, 1992, p.75).

Reconhecemos, assim, que o esporte e, principalmente, o futebol foi mais um caminho, na Galiza interna e na externa, de reafirmação da comunidade política imaginada galega que estava em profusão desde metade do século XIX. E mais: o Galícia Esporte Clube fundado em Salvador foi apenas mais um componente institucional que projetou e fortaleceu o eito de Galiza.

3.2 Um Galícia aos galegos

A partir de agora, e considerando a noção de identidade como um produto não inato, sendo necessária sua instrumentalização, tanto discursiva quanto imagética, vamos analisar algumas ações institucionais do Galícia Esporte Clube ao longo de seu primeiro decênio de vida sob o olhar do pertencimento galego. Ou seja, de que modo o Galícia imaginou-se como representação regionalista galega em terras soteropolitanas e objetivou a construção de uma memória oficial voltada para a galegidade. Ainda mais tratando-se do período de início do século XX que foi marcado pela ascensão dos sentimentos nacionalistas associado inclusive ao desporto (HOBSBAWM, 1990, p. 171)

Entre as guerras, porém, o esporte internacional tornou-se, como George Orwell logo notou, uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi esse período que o *Tour de France* acabou dominado por times nacionais, que a Copa Mitropa fez se defrontarem os times líderes dos Estados da Europa central, que a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e, como demonstrou o ano de 1936, que os Jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de autoafirmação nacional. O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.

Ainda que não cite os “clubes de colônia” geralmente de caráter e identidade europeia em solo latino-americano, fica evidenciado pela teoria de Hobsbawm o quanto o contexto e a estrutura de teor nacionalista são, no século XX, representadas pelo esporte e o futebol.

Inclusive, é possível tecer um paralelo entre a “representação simbólica da forma não violenta e não militar de competição entre os Estados” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 45) da análise antropológica anteriormente vista com o que Hobsbawm entende como “válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas” (HOBSBAWM, 1990, p. 171). Em que essa “representação simbólica” ou “pseudolutas” são necessárias em uma sociedade moderna.

Consideramos a análise do cenário elaborada por Hobsbawm contextualmente entrelaçada com a do Galícia Esporte Clube, que, para além de ser uma instituição de colônia migrante fundada nos de 1930, consideradas pelo historiador como propícias a expressões de lutas nacionais representados por esportistas, há ainda todas as experiências históricas prévias que atestam a imaginação e projeção da Galiza por parte do migrante, mesmo a distância.

Dessa forma, compreendemos a existência do Galícia e suas ações institucionais como ferramentas políticas instrumentalizadas para a construção da identidade galega além-mar que simultaneamente partilhavam símbolos anteriormente estabelecidos com a sua comunidade. Sob essa óptica de uma identidade construída processualmente, é evidente que o próprio nome da agremiação não pode ser menosprezado, ainda mais sabendo que o Galícia já surge em 1º de janeiro de 1933 com essa nomenclatura. Além da alcunha, o brasão da equipe, isso é, o símbolo oficial estampado nas camisas dos atletas e que conseqüentemente seria a imagem associada ao clube, também fazia alusão à galeguidade, como podemos perceber na fonte histórica abaixo.

Figura 14 – Cruz de Santiago que é um dos elementos que compõem o brasão do Galícia Esporte Clube



32

³² BPEB. Diário da Bahia. 6 de maio de 1936, p. 3.

Em que, além das siglas que representam o “Galicia Sport Club” é visível também a Cruz de Santiago, sendo esse um símbolo de caráter religioso para toda a região como aponta o historiador medievalista Jacques Le Goff (2007, p 73-74):

É também em torno do ano mil que se esboça a recuperação da Península Ibérica sobre os mulçumanos, o que mais tarde será chamado de *Reconquista*. Um acontecimento essencial ocorre no começo do século IX. Descobre-se, na Galícia, em Compostela, no lugar chamado de Campo da Estrela (*Campus Stellae*), no terreno de uma antiga necrópole visigoda, sob o efeito de luzes e de aparições extraordinárias, o túmulo do apóstolo São Tiago, que aí teria enalhado num barco após o seu martírio. Depois de sua descoberta, pelo ano 820-830, essa tumba, sobre a qual se ergueram santuários cada vez mais suntuosos, tornou-se pouco a pouco centro de peregrinação. A partir do século XII tornou-se o *terceiro grande centro de peregrinação da cristandade*, com Jerusalém e Roma, ainda que recentemente se pretendesse que o período do imenso sucesso da peregrinação não foi a Idade Média, mas a época moderna. À medida que havia lutas contra os mulçumanos, São Tiago apareceu como o apoio dos cristãos nas batalhas e recebeu o nome de Matamouros, quer dizer, o matador de mouros. E a promoção de São Tiago de Compostela confirma a importância das periferias para a construção da Europa.

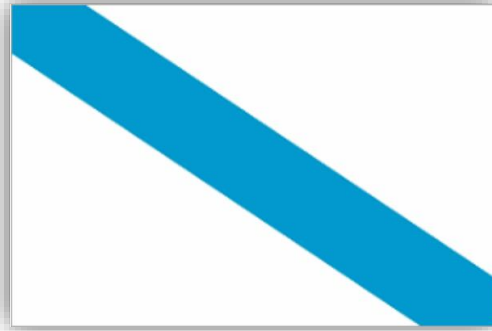
Verifica-se então o quanto o Galícia, já no ato de sua fundação, apelou propositalmente para um símbolo historicamente estabelecido na Galiza, a partir da figura do Apóstolo Santiago. Não por acaso, a peregrinação de cunho religioso, místico e turístico citada por Le Goff, é fortalecida até os dias mais recentes, atravessando toda a região e tem fim na chegada à Catedral de Santiago na Praça do Obradoiro, na capital Santiago de Compostela.

Em pleno diálogo com o que vimos anteriormente, no qual a construção da comunidade imaginada anti-imperialista galega utilizou-se de elementos étnicos e linguísticos apelando inclusive para o celtismo, o que nos interessa agora é a construção literária de Ramón Cabanillas em prol do nacionalismo galego, na qual não só podemos observar um poema, de 1920, denominado “Galicia!” — demonstrando assim o quanto a identidade galega já estava sendo forjada por diversos vetores —, como também a presença na primeira estrofe remetente à bandeira idealizada pelo próprio autor (CABANILLAS, 2001, p. 16 apud JORGE, 2019, p. 11)

Ceo branco do luar,
ceo azul do medio día:
son dos anacos de ceo
a bandeira de Galicia.

Sendo tal bandeira branca cortada por uma faixa de coloração “céu azul do meio dia” em sentido diagonal, assim como quis reproduzir o próprio Galícia Esporte Clube em um discurso imagético de uma identidade processualmente forjada que apelava para símbolos religiosos tradicionais, como é o caso da Cruz do Apóstolo Santiago, e também ícones cívicos banhado por um caráter nacionalista.

Figura 15 – Bandeira da Galiza por Ramón de Cabanillas



33

Figura 16 – Atual Bandeira Nacional da Galiza



Figura 17 – Brasão do Galícia no uniforme de 1934



34

³³ JORGE, 2019, p. 99.

³⁴ BPEB. O Imparcial. 17 de maio de 1934, p. 7.

Figura 18 – Brasão do Galícia Esporte Clube



Na análise imagética dessas fontes, as bandeiras galegas tem a seguinte elaboração: a primeira, projetada por Cabanillas, com um teor celtista em prol de um discurso de superioridade, e, conseqüentemente, em disputa com o projeto nacionalista unificador espanhol. Inclusive com o poema sendo censurado durante a ditadura de Primo de Rivera por politicamente afrontar o desejo centralizador castelhano (JORGE, 2019, p. 11). Já a segunda, sendo a oficial da região nos dias atuais e, valendo a pena lembrar o quanto as bandeiras galegas tiveram uma associação com a migração, uma vez que suas primeiras aparições foram em Havana, como já abordamos nos capítulos anteriores. Além disso, Ramón Villares aponta que no traslado dos restos mortais de Rosalía de Castro para o Panteão de Galegos Ilustres, em 1891, foi possível perceber a exibição da bandeira galega (VILLARES, 2007, p. 29).

As seguintes são emblemas do próprio Galícia, uma delas inclusive já configurando a camisa dos jogadores, no documento imagético é possível avistar o goleiro Maia, no ano de 1934, evidenciando assim o quão rapidamente as primeiras idealizações do clube foram representadas. Já a última imagem é a mais recente construção de um discurso identitário, na qual percebe-se não apenas as siglas do nome Galícia Esporte Clube, bem como o símbolo da Cruz de Santiago e a faixa diagonal azul no mesmo sentido das bandeiras projetadas por Ramón Cabanillas e oficial da Galiza atualmente.

Destaca-se, ainda, que a mesma bandeira descrita por Cabanillas teve tanta difusão, incluindo no meio entre os migrantes, que as Irmandades da Fala e o Partido Galeguista, respectivamente, em 1916 e 1931, adotaram a bandeira como ícone oficial (JORGE, 2019, p. 14). Ou seja, o símbolo eleito pelo Galícia detinha experiências identitárias históricas nas categorias religiosas, intelectuais, culturais e políticas compartilhadas nas comunidades galegas.

Outrossim, a flâmula pensada pelo Galícia era carregada de representações já consolidadas regionalmente, dentro e fora do desporto. Ressalta-se aqui o quanto não se pode desprezar o que Hobsbawm ironicamente classifica como “simples pedaços de panos coloridos”, uma vez que as bandeiras contêm o significado simbólico das nações modernas e elos com rituais direcionados e de veneração (HOBSBAWM, 1990, p. 87). Assim, o mesmo historiador britânico reconhece o uso dos emblemas como um dos mais comuns métodos “de se ver o que não pode ser visto”. No caso específico em que estamos debruçados, não apenas questionamos, de maneira retórica, o que poderia ser visto com a bandeira do Galícia, mas quem deveria e poderia reconhecê-la.

Reconhecimento esse que faz parte também da questão linguística. Com isso, ainda que os textos publicados de maneira oficial pelo Galícia Esporte Clube nos periódicos de Salvador não fossem em língua galega, mas sim em castelhano — sem ignorar todo o processo histórico no qual a língua galega era politicamente preterida em nome do nacionalismo espanhol —, não deixa de ser um marcador para quem o clube estava dirigindo-se, uma vez que a maciça maioria dos migrantes espanhóis na capital soteropolitana era composta por galegos. Sendo averiguada essa prática frequente ao longo dos primeiros anos, deliberamos por destacar uma situação específica ainda no ano de 1934.

Figura 19 – Convite do Galícia para jogar dia 25 de julho, celebrando o Apóstolo Santiago



35

Optamos pela fonte imagética no intuito de demonstrar a preocupação institucional do Galícia Esporte Clube em estampar a Cruz de Santiago como um marcador identitário do Clube que simultaneamente conectava-se ao símbolo religioso de maior profusão da Galiza. Além disso, a nota oficial do Galícia é bem significativa, uma vez que foi publicada no dia 25 de julho, que, como vimos anteriormente, é o dia do Apóstolo Santiago, patrono da Espanha e da Galiza, “cuya espada gloriosa faz parte do escudo do nosso Clube” e afirma, também, que “não sendo justo nem patriótico, que passasse despercebida a memorável e histórica data de hoje”. Ademais, o comunicado é enfático em afirmar o esforço da diretoria galiciana em “conseguir a transferência da partida do campeonato com o Ypiranga S. C.” como forma de “homenagem cívica a nossa Pátria, esperando que todos os espanhóis saibam corresponder a este ato patriótico comparecendo ao Stádium da Graça para maior brilhantismo do mesmo”.

Ora, evidencia-se assim todo um esforço político e burocrático que o Galícia parece ter enfrentado para conseguir realizar uma partida no dia da santidade de maior representação na Galiza, incluindo o nome da sua capital Santiago de Compostela. Ou seja, houve a necessidade da instituição que mais ativamente representava e imaginava a migração galega em Salvador,

³⁵ BPEB. O Imparcial. 25 de julho de 1934, p. 6.

por meio de seus já conhecidos símbolos, performar na data de grande valia religiosa para os galegos.

Destacamos ainda que a nota oficial do Galícia foi publicada na “Página de Espanha”, seção destinada pelo Diário da Bahia, desde 20 de abril de 1934, na qual “as notícias, telegramas, fatos outros que possam interessar à laboriosa colônia espanhola”³⁶ estariam reservadas na terceira página do periódico aos domingos, evidenciando assim a boa relação e o gozo de prestígio dos migrantes com setores da imprensa local.

Já a segunda metade da nota é um agradecimento do Galícia à hospitalidade soteropolitana e, também, a afirmação do desejo para que a data, 25 de julho, fosse uma conexão para a corrente fraternal “hispano-brasileira”. Podemos, então, caracterizar um marcador de identidade uma vez que é ressaltado o quanto esse grupo, ainda que manifeste o desejo de uma relação amistosa com a população nativa, não reconhece a si próprio como brasileiro, e sim como vindo de fora. Mesmo que tenha utilizado a língua castelhana e lançado mão do termo “espanhóis” para convocar uma forte presença dos migrantes no Campo da Graça, observamos nos capítulos anteriores o quanto, mesmo com algumas poucas exceções, a grande maioria dos estrangeiros em Salvador eram de galegos de Pontevedra.

Além disso, sabemos que o 25 de julho também foi alvo de manifestações políticas por parte das Irmandades da Fala, em 1919, para tornar a data simultaneamente dia do Apóstolo Santiago e do Emigrante Galego. Questionamos assim o quanto o Galícia estava demonstrando um ato de fé ao Patrono da Galiza ao mesmo tempo que possivelmente se vangloriava dos seus próprios triunfos, esportivos e sociais, em virtude de ser notadamente uma instituição de migrantes. Com isso, nosso olhar volta-se para o excluído, ou seja, para aqueles que não deveriam e nem poderiam reconhecer tanto a linguagem quanto a importância da data de 25 de julho, o significado de Santiago Apóstolo e a luta de sobrevivência da migração. Eram para essas pessoas, em sua grande maioria brasileiros residentes na cidade do Salvador, que o Galícia Esporte Clube não estava comunicando-se, de maneira genérica e proposital.

Compreendendo a identidade a partir da análise do sociólogo Stuart Hall, que entende a categoria como um produto não pronto ou inato, ao contrário, sempre sendo processada ou formada ao longo do tempo por meio de discursos, símbolos e representações, assim como a identidade nacional (HALL, 2011, p. 51):

Mas como é imaginada a nação moderna? Que estratégias representacionais são acionadas para construir nosso senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional? Quais são as representações, digamos, de ‘Inglaterra’, que

³⁶ BPEB. Diário da Bahia. 20 de abril de 1934, p. 6.

dominam as identificações e definem as identidades do povo ‘inglês’? [...] Como é contada a narrativa da cultura nacional?

Assim, lançaremos mão de mais dois episódios pautados pelo Galícia que representaram identidade galega além-mar. O primeiro deles deve ser lido dentro de uma conjuntura comum ao futebol soteropolitano e brasileiro, visto que que eram frequentes as excursões de determinada equipe para outras regiões e estados do país, a fim de disputar partidas contra os clubes locais, fenômeno esse conhecido como jogos interestaduais. No quarto capítulo desta dissertação, analisaremos alguns desses jogos que envolveram o Galícia, a repercussão da imprensa escrita e como o clube ganhou a alcunha de “Demolidor de Campeões”.

Contudo, nenhum jogo interestadual teve o peso e importância concedida aos dois confrontos, em 1935, entre o Galícia e o Hespanha Foot Ball Club, sendo este, como o nome sugere, uma agremiação esportiva de identidade espanhola formada por migrantes no litoral paulista em Santos, assim (SILVEIRA, 2002, p. 17):

O Jabaquara Atlético Clube foi fundado em 15 de novembro de 1914, como Hespanha Foot Ball Club, por um grupo de jornalheiros, tribuneiros, como eram conhecidos naquele tempo, os que lidavam com as folhas. Havia um time de futebol chamado Afonso XIII localizado no bairro do Jabaquara, no final da Avenida Rangel Pestana, bem na subida do Morro da Nova Cintra. Um dia seus integrantes começaram a questionar se Afonso XIII, nome de um monarca espanhol, não ficava mal num país cujo regime era republicano, e passaram a cogitar da fundação de um clube de verdade, que seria construído pelos seus componentes e por outros que quisessem entrar.

Apesar de ser instigante, não pretendemos traçar paralelos entre os propósitos das fundações do Hespanha e do Galícia, haja vista o perfil dos migrantes de cada sítio, as conjunturas locais de Santos e Salvador, bem como a compreensão da heterogeneidade dos estrangeiros que aportaram no Brasil. Porém, a ação institucionalizada do Galícia em convidar o Hespanha³⁷ à cidade do Salvador para a temporada e promover uma calorosa recepção na sede social do clube galego, localizado na Ladeira da Barra Avenida, “aproveitando a passagem do aniversário de fundado”³⁸ do clube paulista, leva-nos à reflexão do quão importante era esticar ao máximo aquelas redes de sociabilidades e, também, de marcadores identitários, nacionais e regionais hispânicos.

As homenagens adentraram o campo do jogo, não por acaso houve troca de mimos e flores entre as duas agremiações, pose para foto com os jogadores de ambos os times e o simbólico “chute inicial” dado pela madrinha do Galícia, em que o placar de 5 a 5 foi o menos

³⁷ BPEB. O Estado da Bahia. 3 de outubro de 1935, p. 3.

³⁸ BPEB. O Imparcial. 15 de novembro de 1935. p. 7.

interessante dos fatos no Campo da Graça. Nas fontes investigadas, não tivemos acesso à identidade da madrinha do clube a-fitrião.

Figura 20 – Registro antes do jogo interestadual entre Galícia e Hespanha, no Campo da Graça



39

Destacamos o quanto a passagem do Hespanha, que realizou outros jogos com grandes quadros do futebol soteropolitano como Botafogo, Ypiranga, Bahia (SILVEIRA, 2002, p. 29) e uma revanche contra o próprio Galícia em que os galegos saíram vitoriosos por 4 a 1⁴⁰, foi a temporada que maior despertou interesse e mobilização por parte do Galícia, bem como de sua respectiva colônia.

Julgamos como vital o recrudescimento das noções identitárias espanhola e galega, haja vista o esforço do Galícia em convidar e recepcionar o Hespanha com toda pompa e luxo dentro e fora dos gramados, em uma ação de sociabilidade e solidariedade a outro grupo de migrantes ibéricos, mas também pela necessidade do confronto, característico da lógica do desporto, uma vez que fortalecia a noção do “nós contra eles” em colocar a Espanha e a Galiza em lados opostos do campo, social e esportivo. Pontuamos que o Hespanha, assim como o Palestra Itália, também sofreu mudança de nome em meio ao contexto da Segunda Guerra Mundial e passou a ser conhecido como Jabaquara Atlético Clube, como melhor esmiuçaremos ainda neste capítulo.

Um ano após os confrontos contra o Hespanha, o Galícia criou, em 1936, o novo uniforme. Este, mais do que predominantemente branco, era atravessado por uma faixa diagonal azul no mesmo sentido que o emblema do clube no qual, por sua vez, em consequência do que

³⁹ BPEB. O Imparcial. 25 de novembro de 1935. p. 2.

⁴⁰ BPEB. O Imparcial. 2 de dezembro de 1933, p. 7.

foi visto até então, o brasão replicava a bandeira da Galiza também branca e cortada por uma diagonal azulada, recrudescendo a associação identitária entre o Galícia Esporte Clube e os símbolos imaginados que remetiam à região noroeste da Espanha.

Figura 21 – Galícia estreia novo uniforme com a faixa transversal



41

No documento, é possível identificar o terceiro, da esquerda para direita, ajoelhado e único com roupa distinta: o goleiro Talladas. Personagem esse que, ao lado de outro jogador galego apelidado de Macoco, melhor terão suas trajetórias analisadas no quarto capítulo desta dissertação como mais uma ação do Galícia em contratar jogadores de origem galega e dar continuidade na alusão à galegidade ultramar.

Ainda tratando da questão do traje dos atletas, sob o discurso imagético, é interessante refletir que essa foi a roupagem eleita e que seria vista pela imprensa, torcedores e jogadores adversários, identificando o clube como um ícone oficial da região da Galiza. Em *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, influenciada pela teoria de Stuart Hall de uma identidade processualmente forjada, Kathryn Woodward garante a existência da noção de pertença marcada por símbolos. E mais: “uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa” (WOODWARD, 2014, p. 10).

Ora, mais do que uma pessoa usando, era uma instituição cobrindo-se e exaltando-se com a bandeira da Galiza, mesmo com um oceano de distância. Ou seja, não bastava apenas o nome da instituição, a utilização de símbolos como a Cruz de Santiago e a bandeira de conteúdo celtista, e até a proposital marcação de um jogo contra o Ypiranga para o 25 de julho – dia do Apóstolo Santiago e da Pátria Galega, característicos dos primeiros anos de existência do Clube. Os gestores, associados e a colônia galega que engolfavam o Galícia Esporte Clube quiseram mais e assim continuaram a imaginar a Galiza a partir da represção do futebol.

⁴¹ BPEB. O Estado da Bahia. 31 de agosto de 1936, p. 6.

3.3 O caminho de um demolidor

Ainda que tenhamos, durante toda esta dissertação, o propósito de fugir da análise do objeto do futebol meramente por conta dos resultados em campo, mas sim considerar o contexto de propagação dos nacionalismos, bem como as ações institucionalizadas do Galícia como ferramenta para imaginar e representar a Galiza compartilhando símbolos por sua comunidade em Salvador, não podemos desconsiderar o quanto os sucessos esportivos contribuam para o fortalecimento do clube na medida em que também valorizavam e enalteciam as trajetórias migrantes positivadas pela lógica citada anteriormente, em *A busca da excitação*, de Norbert Elias e Eric Dunning (1985), que compreendem que os triunfos miméticos também apelam para sentimentos de conquistas fora do terreno do jogo.

Desse modo, a época áurea do Galícia é aproximadamente no seu primeiro decênio em que, nesse já citado contexto de cultura do exacerbamento nacionalista, “o clube da colônia espanhola” saiu vitorioso dentro das quatro linhas, em 1935⁴² e 1945⁴³, no Torneio Início; levantou a Taça Chaulmoogrol de 1937⁴⁴; foi campeão cidadão de 1937⁴⁵; e realizou até então uma façanha inédita ao ser tricampeão consecutivo do campeonato da cidade do Salvador, em 1941⁴⁶, 1942⁴⁷ e 1943⁴⁸, com o time de base composto por Nova, Carapicu, Daruanda, Neversíneo, Ferreira, Palmer, Louro, Curto, Pequeno, Novinha e Dino, sendo modificado a cada temporada. Além de outras boas campanhas no campeonato, a exemplo de 1935, quando assegurou o segundo lugar⁴⁹, com apenas dois anos de fundado.

Destacamos ainda que, passada essa época dourada do Galícia, o Clube voltou a ser campeão estadual só mais uma vez, no ano de 1968. Até colecionou alguns vice-campeonatos ao longo das décadas seguintes, mas de maneira cada vez mais rara. Apesar de cronologicamente fora da nossa proposta histórica de investigação, é importante ressaltar que o Galícia ainda existe enquanto instituição mesmo que, até o presente momento de escritura desta dissertação, fora das grandes disputas futebolísticas da Bahia.

As experiências entre a década de 1930 e 1940 não apenas possivelmente positivaram os sentimentos da colônia galega, como também demonstram força esportiva e econômica do

⁴² BPEB. Estado da Bahia. 11 de março de 1935, p. 5.

⁴³ BPEB. O Imparcial. 10 de abril de 1945, p. 6.

⁴⁴ BPEB. O Imparcial. 11 de janeiro de 1937, p. 1.

⁴⁵ BPEB. Estado da Bahia. 17 de janeiro de 1938, p. 1.

⁴⁶ BPEB. Diário da Bahia. 20 de fevereiro de 1942, p. 6.

⁴⁷ BPEB. Estado da Bahia. 31 de outubro de 1942, p. 6.

⁴⁸ BPEB. Estado da Bahia. 28 de abril de 1944, p. 6.

⁴⁹ BPEB. O Imparcial. 31 de janeiro de 1936, p. 7.

Galícia, uma vez que o contexto foi de um futebol profissional que, conseqüentemente, exigia aporte financeiro para contratar os melhores jogadores do cenário e assim ter maiores chances de sucesso. Importando salientar que um maior aprofundamento sobre o profissionalismo do futebol em Salvador está reservado ao quarto capítulo desta dissertação.

A trajetória do futebol soteropolitano e, conseqüentemente, do Galícia Esporte Clube não podem ser desassociados do lugar onde praticava-se o jogo: o Campo da Graça, fundado em 1920. O que, segundo Henrique Santos, representou, inclusive por sua localização entre as atuais esquinas da Rua Catharina Paraguassú e Avenida Euclides da Cunha no bairro de caráter elitizado da Graça, uma tentativa das classes mais abastadas em retornar a participar de campeonatos.

O Campo da Graça, fundado por iniciativa do Vitória, Bahiano de Tênis e Associação Atlética, era a principal praça esportiva da cidade até 1951, e que contava com uma estrutura moderna, com arquibancadas cobertas, gramado e vestiários para os jogadores (SANTOS, 2014, p. 94). É importante destacar que, embora o Campo da Graça tenha contribuído muito para a evolução do futebol em Salvador, inclusive com o crescimento econômico do desporto, e que, desde sua fundação, tenha sido sinônimo de modernidade e orgulho para a sociedade soteropolitana, incluindo os principais periódicos da cidade, tal condição vai mudando com o decorrer do tempo, ao ponto que, em meados das décadas de 1930 e 1940, o Campo já era tido como ultrapassado e motivo de vergonha para Bahia, como ficou explícito no dia 16 de novembro de 1940, quando o *Diário da Bahia* denunciava as mazelas físicas e estruturais da praça esportiva, inclusive prevendo uma tragédia ao afirmar, em letras garrafais, que “Vai Cair De Podre O Campo da Graça”⁵⁰.

Ainda que a inauguração de uma nova praça esportiva da Bahia só tenha acontecido em 1951, com o Estádio Octávio Mangabeira, verificamos que, muitos anos antes, já havia interesse em projetos esportivos e urbanísticos para novos lugares onde devia praticar-se o desporto. Em 1940, é possível perceber as primeiras ações burocráticas a partir de Decreto-Lei de número 1202, de 8 de abril de 1939, pelo mando da Interventoria Federal no Estado da Bahia, que previa a desapropriação, com propósito de utilidade pública, de imóveis para a construção de um espaço esportivo na capital soteropolitana⁵¹. Essa medida, em caráter de urgência, autorizada pelo interventor do Estado Novo na Bahia, Landulpho Alves.

Nessa mesma documentação, podemos observar informações como a escolha da localização do novo estádio que ficaria futuramente situado entre a ladeira da Fonte das Pedras,

⁵⁰ BPEB. *Diário da Bahia*. 16 de novembro de 1940, p. 6.

⁵¹ APEB. Fundo: Conselho Administrativo dos Municípios. Códice 139 /4345. Caixa 4345. Maço 22 Ano: 1940.

as ruas Joaquim Maurício, Vasco da Gama e a cabeceira norte do Dique do Tororó, denominado de Baixada da Fonte Nova. O lugar foi preferido em detrimento de possíveis outros locais como a Baixada da Roça do Lobo — entre os bairros soteropolitanos dos Barris, Politeama e Garcia; terrenos vizinhos ao Instituto Bahiano de Ensino, no Campo da Pólvora; e a Esplanada da Curva Grande, também no Garcia, aos fundos do Colégio Antônio Vieira. Todos esses demais lugares, ainda que cogitados, não reuniram condições físicas e geográficas tão satisfatórias quanto à Baixada da Fonte Nova, segundo a comissão nomeada em 26 de fevereiro de 1940 para tratar de tal questão.

A Fonte Nova, como era assim denominada, teria espaço para 50 mil metros quadrados com mais de 30 mil espectadores e, desses, cerca de 12 mil sentados entre 12 e 15 filas de assentos. A arquibancada estava projetada em forma de “U” com sua abertura voltada para o Dique do Tororó, valorizando o “belíssimo panorama das águas do dique”. O projeto também previa a existência de estacionamento para bondes, automóveis e auto-ônibus, uma vez que a boa localização da nova praça e a já existente presença de bondes na região que interligavam as vias da Sete Portas ao norte, Linha do Rio Vermelho ao sul, ao leste a Ladeira dos Galés, e a oeste a Ladeira da Fonte da Pedras, destacava o local como privilegiado geograficamente e com acessibilidade para receber uma grande quantidade de pessoas por evento.

O estádio, que seria principalmente palco para a prática do futebol, mas também de basquete, tênis e previsão para a construção de uma piscina olímpica, teve orçamento inicial planejado em 3.510:000\$000 réis, evidenciando a operação onerosa para a construção de uma nova praça em Salvador. Desse montante, cerca de 150:000\$000 réis eram para a desapropriação de residências na região. Percebemos, então, um discurso elitizado e moralista ao classificar as casas que deveriam ser demolidas como sinônimos de “casebres anti-higiênicos” que, ao serem derrubadas, supostamente embelezaria a cidade, sendo a maioria das casas localizadas nas Praça D. Pedro II, Avenida Joana Angélica, Rua Joaquim Maurício e Rua Canisares, além de terrenos próximos à região.⁵²

O contexto do futebol no Brasil, após a Copa do Mundo de 1938, disputada na França, em que a Seleção Brasileira ficou em terceiro colocado, impulsionou desejos e práticas do regime estado-novista de Getúlio Vargas. Percebendo o entusiasmo e mobilização popular, a ditadura do Estado Novo manifestou o interesse de realizar um campeonato mundial no país e, conseqüentemente, incentivou a construção de praças de esportes (PEREIRA, 2000, p. 337). Inclusive, chegou a ser ventilado que o estádio da Bahia levaria a alcunha de “Presidente

⁵² APEB. Fundo: Conselho Administrativo dos Municípios. Códice 139 /4345. Caixa 4345. Maço 22 Ano: 1942.

Vargas”⁵³, o que acabou não ocorrendo assim como a realização da Copa do Mundo, esta última em decorrência da Segunda Guerra Mundial que assolou a Europa entre 1939 e 1945.

Ora, ainda que o Estádio Octávio Mangabeira, conhecido por Fonte Nova e construído na mesma região do Dique do Tororó, apontada nos documentos analisados desde o fim da década de 1930, tenha ficado definitivamente pronto apenas em 1951, com possivelmente outros valores e distintas considerações do projeto de 1940, não podemos desconsiderar as vontades do regime autoritário de Getúlio Vargas, após o Mundial de 1938, em atrelar seu governo à representação cultural popular do futebol (PEREIRA, 2000, p. 338)

O estranhamento em relação à força social do futebol que o presidente deixara registrado em seu diário transformava-se, assim, na tentativa de fazer dele um poderoso aliado da campanha nacionalista desenvolvida no Estado Novo — em um processo que tinha no sucesso alcançado por jogadores negros como Domingos e Leônidas a sua principal força propulsora.

É nesse contexto, e sob presidência de Domingos Dominguez Garrido⁵⁴, responsável anteriormente pela tesouraria do clube, que o Galícia vai pretender construir um estádio próprio para a prática do futebol. Nas fontes históricas, encontramos uma série de notas, entre meados dos anos de 1930 e início dos anos 1940, abordando o desejo galego em possuir um patrimônio esportivo dessa magnitude. *A priori*, o “Clube da Cruz de Santiago” chegou a comprar 35.500 metros quadrados de terreno no Largo da Mariquita⁵⁵, no bairro do Rio Vermelho em Salvador, inclusive realizando o ato simbólico da primeira pedra do prometido futuro estádio:

Confirmando um ‘furo’ do Estado da Bahia, a Comissão Pró-Stadium e a diretoria do Galícia resolveram que a primeira pedra do futuro campo a ser construído no Rio Vermelho e que será a maior obra da Bahia esportiva, deve ser lançada a 1º de janeiro próximo, como comemoração da fundação do Galícia S. C.; o mais jovem dos grêmios importantes de nossa terra.

É um dia de alta significação para todos os que praticam esporte na Bahia. Representa ele a glorificação de um esforço grande no início de uma obra verdadeiramente notável, e marca mais uma etapa na vida do Galícia, fundado há quatro anos e já possuidor de respeitável patrimônio que tanto o tornaram ‘Vencedor de campeões’. Para esta solenidade serão convidados os Sr. Governador do Estado, Prefeito da Capital, representantes da imprensa, dos clubes e do público em geral.⁵⁶

Evidenciando assim não apenas o contentamento da imprensa soteropolitana que já exigia uma nova e moderna praça esportiva, mas principalmente o poderio econômico da comunidade galega de Salvador, uma vez que, em comparação com os valores observados nos custos da construção da Fonte Nova no mesmo contexto, fica em relevo as condições materiais

⁵³ BPEB. Diário da Bahia. 19 de março de 1939, p. 5.

⁵⁴ BPEB. Diário da Bahia. 5 de fevereiro de 1935, p. 6.

⁵⁵ BPEB. O Estado da Bahia. 24 de setembro de 1936, p. 6.

⁵⁶ BPEB. O Estado da Bahia. 21 de dezembro de 1936, p. 4.

mínimas para participar ativamente do Galícia, excluindo aqueles grupos subalternos. Além disso, demarca-se o quanto os setores mais abastados da heterogênea colônia galega pretendiam modificar a paisagem cultural e urbana de Salvador, uma vez que, além de já controlar setores do ramo alimentício e possuir o Galícia, com suas sedes em bairros elitizados como a Avenida 7 de Setembro e a Barra Avenida⁵⁷, a colônia detinha ainda a Real Sociedade Espanhola de Beneficência, fundada em 1885, que depois anexaria o Hospital Espanhol, localizado na Barra, a partir de 1897; o Casino Espanhol, com finalidades recreativas, desde 1911, que, após fundir-se, em 1929, com outra instituição esportiva de migrantes, o Ibérico Sport Club, tornou-se o Centro Espanhol, com sede na Piedade, até 1948, quando se transferiu para o Corredor da Vitória (BACELAR, 1994, p. 146).

Retornando à análise do pretendido estádio do Galícia, confirmamos que, de fato, ocorreu a comemoração do aniversário de quatro anos do clube em conjunto com o marco comemorativo da construção da nova obra, com direito a champagne e presenças ilustres do governador da Bahia Juracy Magalhães (1935-1937), do prefeito de Salvador José Americano da Costa, (PANG, 1978), o padre Vitalmiro Munfori, setores da imprensa e, em grande maioria, membros da colônia migrante galega em Salvador.⁵⁸

Todavia, a obra não foi muito além disso. Localizamos algumas notas que apontam problemas com os terrenos e questões burocráticas muito pouco elucidadas pelos periódicos. Em 1940, chegou a acontecer uma reunião dentro do Centro Espanhol, no bairro da Piedade, que pretendia melhor direcionar as construções do Parque Santiago⁵⁹, nome esse que parece ter sido eleito para a praça invocando a figura consolidada da identidade galega a partir da fé católica: Apóstolo Santiago.

Ainda que a nota jornalística também indique a boa relação interna da colônia ao realizar uma assembleia do Galícia dentro do Centro Espanhol em uma possibilidade de harmonia, sociabilidade e até de circulação mútua dos membros, é bem verdade que as notícias sobre o estádio vão ficando cada vez mais escassas sem justificativa para o desejo do Galícia não ter sido realizado.

Dessa forma, ainda que o estádio do Galícia no Largo da Mariquita, no bairro do Rio Vermelho, nunca tenha sido concretizado, ficam evidenciadas as aspirações da colônia galega de demonstração de imponência, poderio econômico e tentativa de continuar alterando a paisagem urbana e cultural de Salvador.

⁵⁷ BPEB. Diário da Bahia. 23 de junho de 1934, p. 6.

⁵⁸ BPEB. O Estado da Bahia. 2 de janeiro de 1937, p. 6.

⁵⁹ BPEB. O Imparcial. 24 de março de 1940, p. 7.

3.4 Outros projetos, outras tentativas

Ao longo das últimas páginas, traçamos a cronologia dos primeiros 12 anos de existência do Galícia Esporte Clube, bem como suas ações institucionais na tentativa de construção de uma memória oficial e absoluta sobre os símbolos da identidade galega que deveriam ser partilhados pela sua respectiva comunidade que se fixou na cidade do Salvador. Entretanto, não podemos desconsiderar experiências de instituições esportivas prévias à existência do Galícia que também tentaram, sem o mesmo sucesso, mobilizar identidades e representar os espanhóis residentes na capital da Bahia. Dessa forma, nesta seção, iremos analisar algumas outras tentativas da heterogênea comunidade galega em utilizar o futebol como meio político e identitário.

Com isso, podemos citar novamente a história do Ibérico Sport Club, que, como vimos anteriormente, foi fundido junto ao Casino Espanhol e resultou na edificação do Centro Espanhol, evidenciando assim as proximidades internas das instituições pertencentes à colônia migrante de Salvador. Contudo, antes de transformar-se no Centro Espanhol e ir para o bairro da Piedade, o Ibérico Sport Club tinha sua sede na rua Carlos Gomes, 112.

Para além do nome referente à Península Ibérica, onde fica a Espanha, podemos observar, a partir do ofício n.º 1 de 20 de dezembro de 1924⁶⁰, outros dois elementos de identidade: em primeiro lugar, ressalva-se as cores do brasão da agremiação, amarelo e vermelho, idênticos à bandeira espanhola, elemento relevante, ainda mais considerando a importância dos emblemas e das cores como fizemos na análise da história do Galícia. Além disso, observamos a data elegida para a inauguração e início das primeiras movimentações do clube em 1922: 12 de outubro. Data essa que remora a chegada de Cristóvão Colombo nas terras que futuramente passariam a ser conhecidas como América, dando início ao processo de colonização espanhola característico da Idade Moderna.

Verificamos, nessa mesma fonte, uma intrínseca relação entre a classe caixeiral de Salvador e o Ibérico Sport Club, uma vez que essa instituição pediu apoio político ao então governador da Bahia, Francisco Góis Calmon:

Excelentíssimo Senhor Doutor Governador do Estado
O Ybérico Sport Club vem solicitar de Vossa Excelência o seu valioso apoio, no sentido de amparar o projeto apresentado a Câmara Municipal, em benefício da diminuição das horas de trabalho e da melhoria das condições em que este se exerce, determinando em lei, que venha favorecer aos caixeiros de vendas, armazéns, padarias e pastelarias, quase todos jovens espanhóis.

⁶⁰ APEB. Fundo: Secretaria do Governo. Documento 232. Caixa 1821. Maço 1935 Ano: 1924.

Vem ao caso declarar a Vossa Excelência que deu origem a essa feliz lembrança, uma sugestão do nosso cônsul da Espanha, neste Estado dirigir ao conselho Municipal e subscrito por vários patrícios nossos.
Assim espera o Ybérico Sport Club que Vossa Excelência tome, no seu alto espírito de justiça o nosso apelo, na devida consideração.
Deus guarde Vossa Excelência muitos anos.

O ofício assinado por Ubaldo Agulla Bértolo, presidente do Ibérico e do Casino Espanhol, em 1923⁶¹ — o que indica uma circulação dos membros da colônia espanhola entre as instituições fundadas na cidade —, materializa a instrumentalização política de um clube de futebol fortemente atrelado a colônia galega em Salvador agindo em nome da melhoria das condições de trabalho da classe de caixeiros, situação semelhante ao episódio do Galícia que ameaçou não participar do campeonato de 1940 por conta das agressões sofridas pelos comerciantes. Como foi admitido no próprio documento, a ampla maioria dos caixeiros eram de espanhóis e, como já visto anteriormente, a grande parte desses migrantes haviam saídos de Pontevedra, na Galiza.

Desses jovens migrantes galegos que estavam inseridos no comércio alimentício de Salvador, podemos novamente analisar a trajetória de Floreano Sobral. No capítulo anterior, tratamos de sua chegada na capital soteropolitana, em 1924, aos 13 anos de idade, bem como sua inserção no ramo caixeiral e sua participação como um dos fundadores do Galícia Esporte Clube.

Tendo em vista que o Ibérico durou apenas sete anos, entre 1922 e 1929, e que o período coincide com a chegada e estadia de Floreano Sobral em Salvador, levantamos a hipótese de Floreano ter participado de algum evento esportivo vestindo as cores, vermelha e amarela, do Ibérico. Essa suposição fica respaldada a partir da fonte histórica do acervo pessoal de Dinéa Maria Sobral Muniz em que aparece seu pai, Floreano Sobral, ao centro:

⁶¹ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. Vida Gallega, 25 de junho de 1923, p. 37.

Figura 22 – Floreano Sobral, ao centro, junto com dois companheiros de equipe praticando o desporto



62

Apesar de um pouco gasta pela ação do tempo, essa documentação demonstra Floreano Sobral ao lado de mais dois jogadores que não identificamos. É importante apontar também o quão pouco corriqueiro era posar para fotografias, ainda mais num cenário futebolístico. Pela roupa distinta dos demais, acreditamos que Floreano jogasse na posição de goleiro antes mesmo de 1933, uma vez que os trajes indicam uma associação não ao Galícia, mas a outra agremiação, inclusive existindo a possibilidade de ser o Ibérico.

Um outro caminho é conferido a partir do ano de 1933, quando, em algumas circunstâncias episódicas, muitos dos jogadores do Galícia atuavam com a alcunha de Espanha — importante não confundir com o Hespanha da cidade de Santos citado anteriormente —, conforme notas oficiais publicadas pelo Diário da Bahia, em convocação à reunião dos mesmos membros: a primeira em nome do Espanha F. Club⁶³ para enfrentar o Trafego F.C. e a seguinte do Galícia Sport Club⁶⁴ convidando para o jogo contra o São Salvador. Além de ambas direcionarem o ponto de encontro para o endereço São Pedro, 39, na Avenida 7, convidam

⁶² Registro Fotográfico do acervo pessoal de Dinéa Maria Sobral Muniz cedido gentilmente em 19 de maio de 2017.

⁶³ BPEB. Diário da Bahia. 20 de agosto de 1933, p. 6.

⁶⁴ BPEB. Diário da Bahia. 6 de setembro de 1933, p. 6.

quase os mesmos jogadores, a exemplo de Carlos, Barral, Allemão, Veiga, Dudú, Dultra, Guerra, Dedé, Joo, Portella, Newton, Guanabara, Tuca, Seabra, Almeida, Lima, Aldo, Aurelio, Mesquita, Mascarenhas, Sobrinho, Veiga II e Nelson, sendo número de atletas suficientes para os primeiros e segundo times, além dos reservas. Há ainda a observação que as duas notas são assinadas pelo mesmo “Diretor de Esportes”, M. Vidal. No mesmo período, o Diário da Bahia, ao noticiar a pejeja entre Cruz Vermelha e Espanha, adverte que este último “outro não é senão o Galícia”.⁶⁵

Sem embargo, é possível verificar a ausência de Floreno Sobral nas listas de jogadores convocados, o que levanta ainda mais incertezas sobre a origem da fotografia ao lado de outros dois atletas. Além disso, é importante frisar que as notícias sobre o Espanha foram tornando-se cada vez mais escassas em nossas investigações ao ponto de sumir, o que não interdita a análise de que possivelmente os migrantes galegos em Salvador não apostaram seu projeto esportivo e político apenas no Galícia — vide a existência do Ibérico e do Espanha —, sendo este clube apenas o mais bem sucedido, tanto no futebol, quanto na longevidade e na representação identitária.

Ainda que não tenhamos encontrado maiores referências ao clube Celta mencionado por Célia Maria Leal Braga, uma vez que imprevistos de ordem econômica encurtaram em pouco tempo de vida a duração da agremiação (BRAGA, 1995, p. 187), questionamos quais elementos mais poderiam justificar a existência de uma instituição com referência à cultura celta e fundada por galegos em Salvador que não aqueles expostos no início do capítulo, sobre como a Galiza, interna e externa, passou a reconhecer-se, a partir de um movimento intelectual e literário, como pertencente à raça celta em uma ação política de resistência à comunidade imaginada castelhana. Ainda que seja um questionamento instigante, o debate fica limitado pela ausência de fontes históricas.

Em um outro contexto do país e do futebol brasileiro, o Galícia aventou a possibilidade de mudar de nome. Para melhor compreensão, devemos entender o específico contexto da geopolítica internacional dos anos de 1940 historicamente marcados pela Segunda Guerra Mundial e, no caso brasileiro, principalmente a partir de 1942, uma ruptura política do Estado Novo presidido por Getúlio Vargas com o Eixo Fascista (FERREIRA, 2010, p. 113). Dessa forma, uma série de decretos foram restringindo a entrada e limitando as condições de vida de estrangeiros no país, assim como suas respectivas instituições — inclusive as esportivas (GUIMARÃES, 2021, p. 170).

⁶⁵ BPEB. Diário da Bahia. 23 de setembro de 1933, p. 6.

Assim, uma série de instituições esportivas que detinham sua origem, associação e identidade com países estrangeiros foram constrangidas a mudar de nome, como foi o caso do Palestra Itália de São Paulo, que, embora procurasse defender-se com um discurso de suposta neutralidade apolítica, justificando ser “exclusivamente esportiva e jamais política” (GUIMARÃES, 2021, p. 170), mudou seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras (GUIMARÃES, 2021, p. 174). Fenômeno esse que também ocorreu com o Hespânia Foot Ball Club, aquele mesmo que anos antes realizou uma temporada em Salvador e enfrentou o Galícia duas vezes em dos episódios que analisamos sob a ótica da identidade. Diante do novo cenário, o Hespânia passou a ser Jabaquara Atlético Clube, a partir de 7 de novembro de 1942 (SILVEIRA, 2002, p. 36).

Foi nesse mesmo contexto que localizamos uma nota jornalística do periódico Diário da Bahia, em junho de 1943, inclusive citando outros clubes de colônia como o antigo Palestra Itália, que indicava uma possível mudança de nome do Galícia a partir de uma assembleia geral “antes mesmo de ser intimado em face as novas leis do país”.⁶⁶ Nessa mesma reunião, aventando-se a possibilidade do nome “Galícia” ficar em desuso, foram levantadas duas outras possíveis nomenclaturas: América ou Santiago.

Ainda que essa mudança nunca tenha ido adiante, o que supomos ter sido graças a uma identificação regional e não nacional, diferentemente de clubes como o Palmeiras, o Cruzeiro e o antigo Hespânia, registram-se outros marcadores identitários só nos possíveis nomes que poderiam ser escolhidos nessa nova conjuntura política do país. Dessa maneira, o Clube optaria por ser “Santiago”, em uma nítida homenagem ao Apóstolo e conseqüentemente à capital da Galiza, ou “América”, que aqui interpretamos como uma alusão ao projeto de estrangeiros em vencer socioeconomicamente no continente americano, como vimos nos primeiros capítulos desta dissertação. Ou seja, mesmo diante de uma nova realidade modificada pela participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o Galícia resistiu a identificar-se como uma instituição brasileira.

Os episódios citados servem não só para confirmar o Galícia Esporte Clube como o grande expoente esportivo da heterogênea comunidade galega em Salvador, mas também para frisar as existências de outras tentativas de projetos esportivos e políticos, bem como analogias às identidades distintas, flutuantes e talvez em disputa a exemplo de Ibérico, Espanha, Galícia, América, Santiago e até o Celta.

⁶⁶ BPEB. Diário da Bahia. 4 de junho de 1943, p. 6.

4. OS GALEGOS TAMBÉM JOGARAM

As ações institucionais do Galícia em prol da identidade foram vistas anteriormente e, neste capítulo, abordaremos outras condutas do clube como forma de distinção. Todavia, há narrativas que dizem que o Galícia não quis distinguir-se, mas integrar-se na sociedade soteropolitana. Destacamos a existência de um discurso diametralmente oposto ao que estamos construindo, mas devemos não só expô-lo como também criticá-lo. O jornal *A Tarde*, em 15 de maio de 1983, dia da chegada do rei Juan Carlos e da rainha Sophia, da Espanha, em Salvador, registrou que ambos foram recepcionados pelo então governador da Bahia, João Durval Carneiro e a primeira dama Yêda Barradas Carneiro.⁶⁷

Justamente por conta da presente realza espanhola em solo soteropolitano, o jornal *A Tarde* optou por publicar um caderno especial voltado não apenas para noticiar a presença dos reis de Espanha em Salvador, como também celebrar as possíveis relações entre a Bahia e o país ibérico. Assim, além do título do caderno “Os Reis da Espanha na Bahia”, é possível verificar também uma série de reportagens voltadas para glorificação desse elo, como, por exemplo, “O Centro Espanhol une a colônia na Bahia”, “Colônia espanhola criou cem mil empregos na Bahia”, “O hospital que os espanhóis deram a Bahia”; e uma recuperação histórica sobre o processo denominado União Ibérica, entre 1580-1640, em “O Brasil no tempo dos Felipes”.

Nesse contexto de exaltação do elo entre Espanha e Bahia, José Carrero Oubiña, um dos fundadores do Galícia e presidente do clube em 1934, pronunciou-se em reportagem de nome dúbio: “Galícia nasceu para integrar os ‘galegos’”⁶⁸. Tal polissemia de significados deve-se à dúvida, inclusive esmiuçada no corpo da reportagem, se o Galícia nasceu para integrar os galegos, voltando-se para si, ou se foi uma ferramenta para unir os imigrantes à realidade do contexto soteropolitano anteriormente estabelecido.

Segundo a memória de José Carrero Oubiña, a qual foi a única ferramenta utilizada para a reportagem do jornalista José Augusto Bebert, uma vez que a fez “sem consultar qualquer arquivo, pois sabe tudo da vida do clube, mesmo afastado das suas lides.”⁶⁹ Prossegue:

Os espanhóis sentiam-se ‘ofendidos’ quando qualquer pessoa utilizava o vocábulo ‘galego’, considerado pejorativo, procurando discriminar membros da colônia, como estrangeiros. Isso, causava certo constrangimento entre os espanhóis aqui radicados e, principalmente, entre seus descendentes. Mas, um deles — Eduardo Castro de La

⁶⁷ BPEB. *A Tarde*. 15 de maio de 1983, capa.

⁶⁸ BPEB. *A Tarde*. 15 de maio de 1983, p. 6.

⁶⁹ BPEB. *A Tarde*. 15 de maio de 1983, p. 6.

Iglesias — valendo-se da situação, deu nome de Galícia a uma equipe de futebol que fundou em janeiro de 1933.

A intenção do alfaiate Eduardo Castro de La Iglesias era de levar o povo a gritar **Galicia! Galícia!** em lugar de ‘galego’. [...] O Galícia foi, na verdade, como relembra seu ex-presidente, Carrero Oubiña, criado por imigrantes espanhóis com pretensão de unir-se aos baianos, por meio do esporte, coisa que seus atuais diretores afirmam haver conseguido, ao longo de meio-século de fundado.⁷⁰

Ora, ainda que devamos reconhecer a importância do registro de José Carrero Oubiña como testemunha da fundação e estando à frente das primeiras ações do Galícia, além de termos materialmente atestado as tensões sociais entre soteropolitanos e estrangeiros vindos da Galiza — a exemplo do apedrejamento aos armazéns de galegos, em 1940 —, pontua-se que a interpolação de 50 anos, da fundação do clube até o relato sobre o seu suposto propósito, é mais do que suficiente para garantir à memória novos significados, uma vez que saibamos o quanto esse debate das possibilidades da memória já esteja superado pelas Ciências Sociais. Assim, conferimos que (CANDAUI, 2019, p. 16):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento.

Ainda que compreendamos que o discurso memorizado deva ser lido sob uma ótica crítica a partir das próprias interpretações e reinterpretações no tempo, a memória de Oubiña não pode ser menosprezada como qualidade de fonte histórica. Além disso, Jeferson Bacelar (1994, p. 148) defende a percepção que os galegos tiveram naquele contexto de instrumentalizar o futebol como estratégia de integração social e abrandar as tensas relações existentes, o que se assemelha ao discurso posterior de Oubiña.

Entretanto, ainda que consideremos a análise de Bacelar, compreendemos o mesmo fenômeno a partir de uma outra percepção histórica. Assim, para além das ações institucionais do Galícia citadas anteriormente que faziam alusão à identidade galega e que conseqüentemente interpretamos por possivelmente distinguir socialmente a colônia migrante em Salvador dos anos 1930, período esse em que Oubiña já fazia parte da diretoria por ser um dos fundadores, iremos deixar ainda mais em relevo quando ele exerceu o cargo de presidente, em 1934, na diretoria também composta por Evaristo Garcia Casqueiro, vice-presidente; Gustavo Gomes da Fonseca e José Martinez Novaes, respectivamente, primeiro e segundo Secretários; Domingos Domingues Garrido, que viria a ser presidente a partir de 1935, ocupava o cargo de tesoureiro; Teófilo Cortizo era o bibliotecário; Luiz Moreno e Juarez Amaral como diretores de esportes;

⁷⁰ BPEB. A Tarde. 15 de maio de 1983, p. 6.

e a Comissão Fiscal ocupada pela tríade Atilano Pereira Pardo, Manuel Solla Garrido e o idealizador do Galícia, Eduardo Castro de La Iglesias.⁷¹

Sob a gestão de José Carrero Oubiña, o Galícia decidiu pedir filiação à Liga Bahiana de Desportos Terrestres (L.B.D.T.), sendo prontamente atendido pouco menos de um mês depois.⁷² Para melhor compreensão acerca do tema, bem como do futebol soteropolitano, Lucas Café, em *Dos simpaticísimos aos incivilizados*, analisa a formação do cenário futebolístico soteropolitano, entre o final do século XIX e início do XX. Para tanto, os primeiros anos do novo século foram narrados por Café como alvo de disputas classistas ao redor do jogo. Não por acaso, a Liga Bahiana de Sports Terrestres (LBST) foi fundada em 17 de novembro de 1904 pelas quatro agremiações elitistas do cenário — Internacional, Vitória, Bahiano e S. Paulo (CAFÉ, 2013, p. 81) — como resposta às massas pela crescente popularização do jogo nas camadas subalternas, que insistiam em não só assistir aos jogos dos clubes de elite, bem como praticar o desporto, em uma evidente propagação da mania futebolística.

Seguindo a narrativa de o futebol soteropolitano ser objeto de tensões classistas, Café compreende o episódio do jogo e das hostilidades entre Internacional e Vitória em 1906 — já analisado anteriormente sob a ótica da xenofobia em comparação com o que passaram os armazéns galegos em 1940 — como motivação para o aprofundamento dos entraves entre classistas e subalternos, uma vez que, como consequência a LBST, não só procurou sair do antigo campo público do Martyres, primeiro nome do Campo da Pólvora, para afastar-se e distinguir-se dos populares, como também passou a cobrar pelas entradas nos jogos realizados em 1907, no bairro do Rio Vermelho (CAFÉ, 2013, p. 106).

Paralelamente a isso, e agravando-se a partir da saída da LBST do Campo Martyres, que ficou livre à espera de novos jogos, Café afirma que o futebol soteropolitano foi difundido pelas classes subalternas em meio a jogos, uma série de equipes e novas ligas emergentes. Dessas, devemos destacar a Liga Brasileira dos Sports Terrestres (LBRST), de caráter popular e fundada em 1913, pouco tempo depois que a elitista LBST foi extinta (CAFÉ, 2013, p. 130). Concomitantemente ao crescimento e melhor organização da LBRST, os mais abastados soteropolitanos resistiam em abrir mão de um jogo que eles entendiam ser os donos, assim, em 1915, fundaram a Liga Sportiva da Bahia (LSB) em que (CAFÉ, 2013, p. 150):

Os jogos dessa nova instituição elitista seriam disputados no ‘Parque Sportivo do Rio Vermelho’, conhecido antigamente como *ground* ou Derby do Rio Vermelho. A nova liga tinha pressa em colocar seus clubes em ação, pois constava em contrato que, desde o primeiro domingo de 1915, jogos amistosos teriam que ser realizados e os

⁷¹ BPEB. O Imparcial. 13 de janeiro de 1934, p. 7.

⁷² BPEB. O Imparcial. 11 de abril de 1934, p. 7.

campeonatos da liga deveriam iniciar assim que alguns problemas burocráticos fossem resolvidos. Cuidaram também de promover reformas e melhorias no antigo *ground*, sendo este transformando em um parque de esportes. [...] Com a criação da Liga Sportiva da Bahia (LSB), os finos moços soteropolitanos estavam de volta ao jogo.

Pelo receio de perder capital político, a LBRST não apenas mudou seu nome para Liga Bahiana de Desportos Terrestres (L.B.D.T.), como também abriu seu quadro de sócios para clubes de elite, a exemplo do Associação Athletica da Bahia, Vitória, Yankee, Santa Cruz, Itapagipe e o Bahiano de Tênis, e passou a mandar seus jogos no recém-construído Campo da Graça, a partir de 1920 (CAFÉ, 2013, p. 163).

Consolidando uma nova fase do futebol citadino soteropolitano, em que Henrique Sena dos Santos (2014, p. 104) analisa o novo campo, localizado no elitizado bairro da Graça entre as ruas Catharina Paraguassú e a Avenida Euclides da Cunha, como:

Se antes os torcedores estavam mais preocupados em demonstrar por meio das roupas a sua filiação clubística, o Campo da Graça oportunizou para estes um espaço de auto exibição e ostentação. Como nos teatros e nos cinemas, a nova arena esportiva se revelava um ambiente não só para apreciação do espetáculo, mas também para o exibicionismo de alguns setores públicos.

O Campo da Graça contribuiu para que o futebol praticado entre as elites acompanhasse uma trajetória semelhantes a dos clubes esportivos deste grupo social. Se naquele, os eventos sociais passaram de pequenos piqueniques restritos aos sócios e familiares para grandes carnavais e *réveillons*, em que a nata da sociedade era reunida; com os dias de campeonato não poderia ser diferente. Assim, de jogos que algumas vezes conseguiam reunir apenas os *sportmen* e familiares que carregavam cadeiras nas costas para assistir aos duelos em 1904-1912, as partidas de futebol se tornaram, em 1920, verdadeiros acontecimentos sociais frequentados não só pelas elites, mas também por toda a sociedade soteropolitana que naquele momento já estava ambientada com o futebol.

Ora, apesar de não ser apenas frequentado pelas classes mais abastadas, a mais importante praça futebolística até a criação do Estádio Octávio Mangabeira em 1951, o Campo da Graça representava um espaço de distinção social. E, ainda mais, sob o mando da L.B.D.T., que, embora tenha sido fundada com caráter popular, torna-se a Liga mais importante da cidade inclusive por ter proporcionado a entrada dos tradicionais clubes de elite.

Devemos considerar ainda que, em 1934, quando o Galícia solicitou a sua filiação, a Liga tinha outros fortes e pomposos componentes como o Bahia e o Botafogo. Dessa forma, a opção do Galícia, com menos de um ano de fundado e sob presidência de Oubiña, em deixar a Liga de Amadores de Sports Terrestres de Brotas (LASTB), sob alegação da insatisfação galega após um imbróglie com a Liga de Brotas, quando o clube recusou-se a ir a campo contra o Liberty⁷³, por conta de possuírem muitos jogadores inaptos por contusão para disputar a partida,

⁷³ BPEB. Diário da Bahia. 5 de dezembro de 1933, p. 7.

e terminou perdendo os pontos por W.O., não deve ser interpretado mediante apenas um problema burocrático entre o clube e a Liga de Brotas.

Após desvencilhar-se da LASTB não por acaso, o Galícia procurou a L.D.B.T., e o Campo da Graça, com todo seu retrospecto favorável à distinção. Assim, ainda que procuremos esmiuçar as práticas e representações do Clube como forma de diferenciação social por meio da formação da identidade galega, não podemos ignorar as conjunturas favoráveis que propiciaram ao Galícia distinguir-se socialmente por outros meios, inclusive jogando na mais elitizada Liga e no mais abastado campo.

Caso o Galícia tenha sido “criado por imigrantes espanhóis com pretensão de unir-se aos baianos”, como é afirmado 50 anos depois, isso não foi averiguado nas fontes trabalhadas. Ou, caso isso tenha sido cogitado, foi um pensamento restrito a um grupo muito pequeno de um total dos representantes do Galícia, além de terem sido votos vencidos por aqueles que queriam sentir-se galegos na cidade do Salvador. Não por acaso, mesmo sob a direção de Oubiña, assim entendemos que o Galícia procurou distinguir-se.

Pontuamos também que, mesmo afastado do Galícia, após dirigir o clube no ano de 1934, José Carreiro Oubiña seguia dentro dos espaços de sociabilidade da colônia galega, uma vez que, em 1936, ocupou o cargo de vice-presidente do Centro Espanhol⁷⁴, a mesma instituição vista anteriormente resultante da fusão entre o Ibérico Sport Club e o Casino Español, em 1929, evidenciando assim o quanto os membros da colônia espanhola estavam em circulação nas instituições fundadas por migrantes.

Além disso, o Centro Espanhol possibilitava a Oubiña e seus pares uma vasta possibilidade de vida social com festas, reuniões e eventos exclusivamente para galegos, sendo vedada a participação dos brasileiros; condição essa que se transforma forçosamente, após 1942, quando passou a ser chamado de Centro Cultural e Recreativo e abriu-se politicamente aos nacionais mais abastados (BACELAR, 1994, p. 146).

Ora, o discurso memorizado 50 anos depois da consolidação do Galícia fica assim mais contraditório quando, para além de considerarmos todos os símbolos identitários que fomentavam a identidade galega, além da busca do clube sob presidência de José Carrero Oubiña em jogar na praça e na liga mais abastada da cidade, atestamos ainda a presença do próprio Oubiña — e possivelmente de outros membros do clube — em um alto cargo de direção do Centro Espanhol, no mesmo período de existência do Galícia, permitindo acesso apenas aos galegos e descendentes, como forma de distinguir-se do restante da sociedade soteropolitana.

⁷⁴ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. Vida Gallega, 20 de abril de 1936, p. 27.

4.1 O contra-ataque galego frente ao profissionalismo

De maneira análoga ao determinado momento de um jogo em que um time de futebol que até então está sendo pressionado, mas consegue utilizar-se de brechas do adversário para chegar ao seu objetivo, nesta seção, visualizaremos como o Galícia, mesmo diante da realidade do profissionalismo que não só impôs uma melhora no nível técnico do esporte, como principalmente mudou o perfil dos jogadores em campo, manteve seu propósito em ser um clube de futebol que pautasse o projeto político galego de distinção, união e identidade galega em Salvador.

Antes de adentrar a esse específico momento do futebol brasileiro, é necessário situar o desporto soteropolitano como fortemente marcado por dois intrínsecos fenômenos: os jogos interestaduais e o amadorismo. Esse segundo ponto será analisado já sob a oposição pela busca e prática do profissionalismo, principalmente a partir da década de 1930.

O fenômeno dos jogos interestaduais, já abordado nas obras de Henrique Sena dos Santos (2014), Lucas Café (2013), e anteriormente, ao analisarmos a temporada do Hespânia, da cidade de Santos, em Salvador, dava-se geralmente mediante o convite das agremiações soteropolitanas às equipes de outros estados para uma série de disputas do jogo de bola, em que pese a prática desse evento ser comum em outras regiões do país. Com a finalidade de melhor facilitar a compreensão dos resultados obtidos pelo Galícia em alguns dos jogos interestaduais selecionados nos primeiros anos de vida do clube, organizamos a tabela a seguir:

Tabela 2 – Relação de alguns jogos interestaduais feitos pelo Galícia Esporte Clube, 1933-1946⁷⁵

Clube/Confronto	Triunfo	Empate	Derrota	Placar	Ano
São Cristóvão/RJ			X	8 x 1	1933
Selecionado Brasileiro			X	10 x 4	1933
Paysandú/PA	X			3 x 1	1935
Botafogo/RJ	X			3 x 1	1935
Santos/SP	X			3 x 2	1936
Vasco da Gama/RJ			X	2 x 0	1936
Atlanta/ARG			X	4 x 2	1937
Madureira/RJ	X			4 x 1	1937
Palestra Itália/SP			X	4 x 3	1937
Atlético Mineiro/MG			X	6 x 2	1937
São Paulo	X			4 x 1	1937
São Paulo	X			4 x 3	1937
América/PE			X	2 x 1	1945
Sport Recife/PE	X			2 x 0	1945
Rosário Central/ARG			X	2 x 1	1946

Destacamos que a sequência de triunfos sobre os campeões regionais daqueles anos — Paysandú, Botafogo, Santos e posteriormente o Madureira — fizeram com que o Galícia recebesse a carinhosa alcunha de “Demolidor de Campeões” por ter “derrubado” os vencedores futebolísticos de outras localidades do Brasil.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 1º de agosto de 1933, p. 6.

⁷⁵ BPEB. O Estado da Bahia. 8 de setembro de 1933, p. 5.

⁷⁵ BPEB. O Imparcial. 27 de abril de 1936, Capa.

⁷⁵ BPEB. O Imparcial. 27 de setembro de 1937, Capa.

⁷⁵ BPEB. O Imparcial. 25 de janeiro de 1937, Capa.

⁷⁵ BPEB. O Imparcial. 13 de março de 1945, p. 6.

⁷⁵ BPEB. O Imparcial. 8 de janeiro de 1946, p. 6.

⁷⁵ BPEB. O Estado da Bahia. 3 de novembro de 1937, p. 6.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 17 setembro de 1935, p. 6.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 29 de outubro de 1935, p. 6.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 31 de março de 1936, p. 6.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 23 de julho de 1937, p. 8.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 23 de novembro de 1937, p. 5.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 30 de novembro de 1937, p. 5.

⁷⁵ BPEB. Diário da Bahia. 4 de julho de 1945, p. 6.

Apesar de esses resultados serem de suma importância para o Clube e, conseqüentemente, para o projeto político galego, iremos nos concentrar na análise mais aprofundada sobre três deles, além do jogo contra o Hespânia visto no capítulo anterior sob a ótica das sociabilidades e das identidades. Os confrontos foram contra o carioca Vasco da Gama, em 1936, o São Paulo e o paulista Palestra Itália, ambos em 1937. Desses três eventos, dois jogos eram contra “clubes de colônia” do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente, e foram verificados apelos de teor nacionalistas, tanto pelo Galícia, que fez questão de jogar contra as equipes, quanto pela imprensa soteropolitana, que noticiou os embates, e pela população interessada no jogo.

Dois dias antes do jogo contra o Vasco da Gama, o periódico O Imparcial abordou a importância da partida amistosa com o recurso da reprodução de um enfrentamento pouco brasileiro em “Quase um prélio internacional: O prélio de domingo próximo, da atual temporada, será realizado entre ‘portugueses’ e ‘espanhóis’ – ‘Vasco da Gama’ e ‘Galícia’, clubs patrocinados pelas maiores colônias estrangeiras do Rio e da Bahia, frente a frente”⁷⁶.

Fica simultaneamente evidenciada a já vista teoria de Eric Hobsbawm sobre como o esporte, no período entre guerras, foi uma expressão das lutas nacionais e o fato de o Galícia não apenas ter pretendido ser um clube de colônia e ressaltar essa distinção, como também ser percebido assim pela imprensa, caráter esse que ficava ainda mais exposto em embates contra clubes que também carregavam alguma outra identidade nacional.

Ainda mais considerando a identidade como uma categoria processualmente forjada e que deve ser assim compreendida e identificada pelos demais, não por acaso são necessários recursos de ordem visual como bandeiras, cores e símbolos. Reconhecimento esse também verificável no jogo do Galícia contra o São Paulo na temporada paulista em Salvador. Dessa forma, ao golear o tricolor por 4 a 1, o periódico estampou na sua manchete a “Ampla Vitória dos Granadeiros de São Thiago!”⁷⁷, lançando mão de uma metáfora em que os atletas seriam soldados guerreando por algo maior: o patrono da Galiza. É importante salientar que, ao longo das investigações, foi encontrada uma série de nomenclaturas dadas pelos periódicos ao Galícia como “azulino”, “Clube da Cruz de Santiago”, “Clube da colônia espanhola”, “Demolidor de Campeões” e “Granadeiros”.

Já a partida contra o clube da colônia italiana de São Paulo foi marcada pelo interesse da população que bateu o “recorde de bilheteria, com quase 49 contos de entradas vendidas!”⁷⁸

⁷⁶ BPEB. O Imparcial. 24 de abril de 1936, p. 8.

⁷⁷ BPEB. O Imparcial. 22 de novembro de 1937, capa.

⁷⁸ BPEB. O Estado da Bahia. 27 de setembro de 1937, Capa.

Figura 23 – Repercussão do jogo entre Palestra Itália/SP e Galícia



79

Apesar de esse jogo não ter tido o mesmo apelo por partes dos periódicos em destacar as identidades, nacionais e regionais, em confronto, o Galícia fez os máximos esforços para participar da temporada do Palestra Itália, em Salvador. Além disso, ocorreu mobilização suficiente ao ponto que levou a sociedade soteropolitana a bater o recorde de bilheteria, com 49 contos de entradas compradas, em 17 anos de práticas futebolísticas no Campo da Graça. Pontua-se que “Palestra Itália” foi o primeiro nome da atual Sociedade Esportiva Palmeiras, como já vimos anteriormente.

Em meio às temporadas interestaduais, o futebol soteropolitano, em consonância com a realidade nacional, era principalmente definido pela caracterização do amadorismo desde os seus primórdios e, justamente por causa dessa condição, os jogadores deveriam representar seu clube pelo espírito esportivo em um jogo de cavalheiros e “fazer por amor”, advindo daí o termo amador (FERNANDEZ, 2016, p. 259).

Os primeiros anos do século XX foram de disputas classistas em torno do controle do futebol entre os clubes de elite e os times e ligas dos subalternizados, em que a lógica do amadorismo privilegiava os primeiros, uma vez que o discurso de “jogar por amor” favorecia aqueles indivíduos que tinham renda suficiente para viver sem a necessidade de ganhar financeiramente por isso, fazendo assim pelo deleite (FERNANDEZ, 2016, p. 260):

⁷⁹ BPEB. O Estado da Bahia. 27 de setembro de 1937, Capa.

No universo do futebol no início do século XX, a honra manifestava-se pela classe ou categoria social do atleta ou dirigente, pelo amor, garra e fibra que eles dedicam ao clube, dessa forma a ideia de honra associa-se perfeitamente ao ideal amador. Já no profissionalismo não há espaço para a honra e sim para a desonra, jogar por dinheiro seria vergonhoso.

A manutenção do futebol como amador permitia aos clubes obter os instrumentos legais para pôr em xeque a participação ou não dos jogadores cujo trabalho e posição social fossem duvidosos.

Com o crescimento das cidades, a conseqüente expansão do desporto bretão e o passar dos anos, o jogo de bola foi ganhando outros contornos e a necessidade do triunfo passou a ser elementar, diferentemente de antes quando, em prol de um contexto amador, o jogo era mais um elemento para as redes de sociabilidades das classes elitizadas.

No caso soteropolitano, embora tenhamos visto anteriormente a defesa de Henrique Sena dos Santos (2014) de que, mesmo nos jogos realizados no Campo da Graça, a partir de 1920, ainda com a manutenção do amadorismo e seus artifícios, a exemplo das melhores roupas, bandas musicais, flertes de possíveis namorados e a manutenção das redes de sociabilidades, a necessidade de êxito da jornada passava a ser cada vez frequente.

Na década de 1920, principalmente o Botafogo e o Ypiranga se tornariam os clubes de maior torcida de Salvador e sempre os favoritos ao título do principal certame da cidade. Entre 1917 e 1924, o Ypiranga venceu os campeonatos de 17,18,20 e 21 e o Botafogo conquistou os títulos de 19, 22 e 24. Vitórias expressivas e a possibilidade de participação negra e popular oportunizavam para os presidentes e pessoas de destaque desses clubes uma visibilidade talvez inalcançável nas agremiações mais abastadas; afinal, estas ainda estavam mais preocupadas em distinções do que vitórias a qualquer preço. Por sua vez, o sucesso conquistado pelos dois clubes se dava principalmente por estes aceitarem em seus quadros jogadores de melhor qualidade técnica. (p. 189)

Para além de maior visibilidade para os clubes, o futebol passava a proporcionar também uma possibilidade de ascensão social por parte das camadas subalternas e pretas. Com isso, Salvador foi mais um sítio em que se manifestou a prática do “profissionalismo marrom” ou “profissionalismo disfarçado” que, mesmo diante de um cenário ainda amadorista, os clubes que pretendiam obter os jogadores de melhor habilidade técnica pagavam, de maneira velada, em dinheiro ou oferecendo um emprego, visando os triunfos, títulos e conseqüentemente despertar um maior interesse do público, em um evidente processo de popularização do esporte na capital baiana.

As mudanças da crescente popularização do desporto também são verificáveis a partir da análise dos periódicos. Em sua dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas denominada *Bordieu calça chuteiras: o humor como capital simbólico do jornalismo esportivo*, André Uzêda (2018) estabelece uma cronologia da mudança

comportamental da imprensa em analisar os jogos de bola. Dessa forma, no início do século XX, os jornais veiculavam imagens de jogadores e dirigentes de terno, gravata e com alto grau de sofisticação urbana (p. 29). Além disso, frisava-se também a companhia das mulheres e contexto de confraternização, característicos do futebol amador.

Uzêda (2018) destaca justamente a ruptura dessa forma de fazer jornalismo interligada com a maior procura e crescente apelo que o futebol despertava em vários setores da sociedade, não apenas mais nos mais abastados.

A partir de 1910, com a conseqüente consolidação do futebol entre os clubes sociais, o fortalecimento das ligas, construção de espaços físicos para os confrontos, o jornalismo esportivo deixa de ser uma crônica amena e se transforma em um longo relato detalhado do jogo em disputa, privilegiando aspectos técnicos e a informação — ainda que narrada no formato laudatório. (p. 35, 36)

Para além das mudanças de aspectos técnicos característicos do ofício jornalístico, a exemplo da diagramação das páginas, aumento no tamanho dos títulos e subtítulos, e o próprio tamanho dos textos que ganharam maior espaço, a crônica esportiva, característica da segunda década do século XX, estava preocupada em reconstruir minuciosamente todos os eventos da partida, incluindo as condições climáticas, vigor dos torcedores e a descrição detalhada dos lances do jogo mais importantes (UZÊDA, 2018, p. 37).

Uzêda ainda diagnostica outra grande ruptura do fazer jornalístico muito advindo da importância de Mário Filho e a construção de uma linguagem leve, simplificada, próxima à oralidade e embebida pela veia humorística (2018, p. 42). Entretanto, esse outro momento do futebol no Brasil está associado a um elemento que merece nossa maior atenção: a profissionalização.

A nível local, estamos de acordo com Santos (2014) que o futebol amador em Salvador tenha findado em 1934 (p. 70), ainda que possivelmente alguns clubes e ligas tenham retardado mais suas ações em prol da manutenção do “fazer por amor”. Porém, a análise desse fenômeno não pode estar desassociada do contexto político dos anos 1930, em que Getúlio Vargas tomou o poder à força e, posteriormente, empenhou-se em construir um projeto nacional que perpassava pelas representações culturais como o samba e o próprio futebol.

O processo de profissionalização foi facilitado pelo contexto da Era Vargas de reconhecimento do trabalho como um valor positivo e do enfraquecimento dos clubes de futebol, com a saída de seus principais jogadores para os mercados que praticavam o profissionalismo. Em um período que a legislação trabalhista força e o trabalhador assumiu o papel de cidadão, a questão do profissionalismo no futebol, tornou-se um debate natural. A profissionalização do jogador de futebol adaptava-se perfeitamente à ordem varguista. A assinatura de um contrato com direitos e deveres abria a possibilidade de o clube tratar seus jogadores como funcionários e não mais como um sócio, ele não era mais um igual e sim em empregado sujeito às ordens de seus patrões,

não haveria mais conflitos de identidade. Os negros e os pobres estariam dessa forma contemplados e poderiam fazer parte do espetáculo. (FERNANDEZ, 2016, p. 361,362)

O termo “facilitado”, pela condicionante do governo Vargasista, exposto por Renato Lanna Fernandez em *O jogo da distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. – Um estudo da construção de identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901-1933)*, identifica que a demanda da profissionalização do futebol não estava restrita ao Brasil, como verificamos na publicação “O Texto da Regulamentação Profissional da F.I.F.A.”⁸⁰, em 1º de abril de 1933.

A notícia publicada em Salvador O Estado da Bahia elencava em dez tópicos e subtópicos as condições favoráveis para implementação do profissionalismo no futebol, segundo a Federação Internacional de Futebol (FIFA), dentre as quais algumas dessas condicionantes eram:

1º - Todo jogador que não tiver outra ocupação e que, direta ou indiretamente, auferir proventos do futebol, é considerado profissional, devendo firmar contrato, pelo qual se compromete a atuar como jogador aceito pela Liga Profissional de Futebol.

2º - Para ser profissional, o jogador deverá ter cumprido a idade de dezoito anos.

3º - O contrato profissional será valido somente no caso em que o clube seja reconhecido como tal, pela Liga Profissional, devendo preencher os seguintes requisitos:

a) - Nome, idade, nacionalidade, estado c-ivil e residência.

b) - Remuneração fixa que recebe mensalmente.

d) o prazo do contrato. Em caso de não ser utilizados mais os serviços do jogador, o mesmo deverá ser informado quatro semanas antes de ser tomada essa deliberação.

5º - Os contratos devem ser apresentados, em qualquer caso, com quarenta dias de antecedência, no mínimo, para o início da temporada.

8º - Os contratos podem ser anulados em qualquer momento, entre os clubes e os jogadores, sempre que assim esteja especificado no próprio contrato e com o visto da Liga Profissional.⁸¹

Foi nesse contexto do debate da profissionalização do jogo, tanto do apelo internacional como pela conjuntura política varguista, que o Galícia foi construído. Como vimos anteriormente e tomando como base a trajetória de Floreano Sobral, apesar de ter sido fundado em um contexto de iminente encaixe do profissionalismo, o Galícia surgiu antes da declaração da profissionalização por parte da FIFA e, ainda, com o caráter amadorista, na medida em que acreditamos não ter sido Floreano o único a ser, ao mesmo tempo, membro da diretoria e um dos jogadores em campo, um dos elementos que caracterizava o esporte amador.

Diante da nova realidade de consolidação do esporte como profissional, o Galícia cedeu e abriu suas portas a jogadores de origem não galega. Inclusive, muito rapidamente, são

⁸⁰ BPEB. O Estado da Bahia. 1º de abril de 1933, p. 5.

⁸¹ BPEB. O Estado da Bahia. 1º de abril de 1933, p. 5.

verificáveis as intenções do clube em contar com os melhores jogadores do certame, a exemplo de Almiro, que jogava no Ypiranga⁸²; Dourado, que antes era jogador do Vitória⁸³; Carlito, ex-atleta do Fluminense⁸⁴; Pelágio, que era do Bahia⁸⁵; e Arivaldo Ulm, até então do Botafogo⁸⁶.

Frisamos ainda que não temos mais informações sobre essas negociações e se foram concluídas com sucesso, mas foi verificável, não apenas pelas ações do Galícia, uma frequência cada vez maior dos clubes pela procura dos melhores jogadores disponíveis ao longo dos anos. Perceptível também foi a presença de jogadores negros defendendo as cores do clube no contexto do futebol profissional, que possibilitava a melhoria técnica dos times e, em troca, a ascensão social das camadas mais subalternas, a exemplo a seguir, datado de 1935, de Servílio, Vareta e Gradin.

Figura 24 – Jogadores do Galícia no contexto do profissionalismo, 1935



87

Não devemos cair na tentação de acreditar que a presença de atletas negros e de classes mais subalternas inviabilizaria o projeto galego de afirmação identitária; ao contrário. Como visto anteriormente, o Galícia persistiu forjando processualmente seus símbolos e construindo-se como instituição responsável por imaginar e projetar o conceito de Galiza além-mar, mesmo com atletas não galegos atuando no Campo da Graça.

Assim, compreendemos as relações enviesadas pelos lugares de poder em que apenas os gramados estariam destinados aos pretos e membros das classes subalternizadas, ainda mais inseridos numa lógica de profissionalização do futebol em que a necessidade do triunfo

⁸² BPEB. O Imparcial. 18 de abril de 1934, p. 7.

⁸³ BPEB. O Imparcial. 18 de abril de 1934, p. 7.

⁸⁴ BPEB. O Imparcial. 13 de junho de 1934, p. 7.

⁸⁵ BPEB. O Imparcial. 29 de abril de 1934, p. 7.

⁸⁶ BPEB. O Imparcial. 9 de maio de 1934, p. 7.

⁸⁷ BPEB. O Estado da Bahia. 16 de setembro de 1935, p. 5.

reafirmava a busca pelo jogador de melhor qualidade técnica, enquanto a alta cúpula da instituição era ocupada por galegos.

Em processo semelhante, no Rio de Janeiro, Leonardo Pereira (2000) analisa a determinação do profissionalismo diante dos lugares de poder e das disputas raciais, compreendendo que:

A regulamentação do profissionalismo aparecia, nesse contexto, como uma solução perfeita para essa crescente tensão racial. Ao diferenciar claramente jogadores de sócios, ele permitiria que fossem respeitados os critérios técnicos de escolha das equipes sem que se dissipassem o preconceito e as discriminações raciais que se faziam presentes em torno de jogadores como Leônidas e Gradin. (p. 325)

Destacamos a trajetória de Valdir Leandro Galvão, nascido em Salvador, que, aos 20 anos, saía de sua casa, na Rua Marquês de Caravelas, 23, no bairro da Barra, para treinar a aproximadamente 750 metros⁸⁸ dali — na Avenida Princesa Isabel, 107, no mesmo bairro: sede do Galícia, desde 1934⁸⁹. A trajetória de Valdir Galvão nos interessa pela materialização da prática futebolística profissionalizada em Salvador, uma vez que, mesmo não sendo galego e não tendo parentesco migrante, jogou no Galícia em meados dos anos 1940, pouco mais de uma década após a profissionalização do desporto, sendo verificada a existência de um elo profissional entre Valdir e o Galícia, como o próprio fez questão de confirmar em entrevista no dia 21 de maio de 2017:

Jogamos com Maneca, Fala Baixinho, Nova, Curto, que jogou no Vasco e no América do Rio. Comigo, teve Americano, que jogava de meia direito. Tivemos terceiro lugar mas o Galícia sempre foi um time vencedor porque nós jogávamos para ganhar, porque quase todo mundo precisava do dinheiro, né?! Então a diretoria aderiu. No profissional, ganhava 60% da renda. Era um bom dinheiro.

Para além da pontuarmos a boa memória de Valdir Galvão, visto que encontramos registros nos periódicos da sua atuação como jogador na ala esquerda do campo, a exemplo do jogo contra o Botafogo, ao lado de Jorge, Jonga, Daruanda, Nervesínio, Paulo, Valter, Louro, Americano — citado pelo ex-companheiro de time, Lelé e Gerson⁹⁰ —, devemos frisar também a existência de contratos profissionais, que foram gentilmente cedidos por Valdir para registros fotográficos. Apesar de não termos encontrado os 60% da renda citados por Valdir Galvão, ambos os contratos de 1946 e 1947, com validade de um ano, garantiam um ordenado mensal

⁸⁸ Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Av.+Princesa+Isabel+-+Gra%C3%A7a,+Salvador+-+BA,+40150-550/R.+Marqu%C3%AAs+de+Caravelas+-+Barra,+Salvador+-+BA/@-13.0049252,-38.5291929,17z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7160381f23a7217:0x81f873f2760f2668!2m2!1d-38.5265921!2d-13.0031044!1m5!1m1!1s0x7160382bf80224d:0x2467d58e01c91335!2m2!1d-38.5267635!2d-13.0067461>. Acesso em: 27 ago. 2021.

⁸⁹ BPEB. Diário da Bahia. 23 de junho de 1934, p. 6.

⁹⁰ BPEB. O Imparcial. 14 de agosto de 1946, p. 6.

de 400 cruzeiros aos atletas, além de luvas de 1.000 cruzeiros e bonificações de 100 e 50 cruzeiros, pelos jogos ganhos ou empatados, respectivamente.⁹¹

Além da questão econômica, ambos os contratos foram firmados pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) — fundada em 21 de junho de 1916, para unir e organizar o futebol brasileiro (FERNANDEZ, 2016, p. 132) —, o que confere aos documentos um caráter de teor nacional. Destaca-se também, dentre as suas 18 cláusulas, a inicial, que caracteriza formalmente uma atividade profissional: “Primeiro – O atleta se obriga a prestar os seus serviços de atleta de football profissional, durante a vigência deste contrato, único e exclusivamente, a Associação”⁹². Ao atleta ainda cabia:

- a) Prestar os seus serviços profissionais a Associação, esforçando-se por conseguir o máximo de sua eficiência técnica, e empregando-a em todos os jogos em que tomar parte.
- b) Manter e aperfeiçoar a sua eficiência técnica, conservar sua capacidade física para o esporte, seguindo rigorosamente o regime que lhe for indicado pela Associação;
- e) Comunicar, por escrito, a Associação, dentro de *vinte e quatro horas* seguintes, os acidentes durante os jogos ou treinos de football, sob pena de não assumir a Associação qualquer responsabilidade pelosmos acidentes;
- g) Manter em campo conduta correta e disciplinada, obedecendo aos diretores e técnicos da associação em suas deliberações, respeitando e acatando as decisões dos árbitros, os regulamentos e disposições em vigor, o público, os companheiros e os atletas adversários, tendo sempre em vista que qualquer falta cometida em tais circunstâncias será considerada grave ou gravíssima aquela que determinar a sua exclusão de campo, por ordem do árbitro;

Notabiliza-se, dessa maneira, além de consonância com o texto de Regulamentação Profissional da FIFA, exposto pelo O Estado da Bahia de abril de 1933, a importância física e disciplinar que ao esporte continuou sendo conferida. Dentre as obrigações da Associação, no caso em questão o Galícia, destaca-se o item “C” da quinta cláusula:

Pagar metade do ordenado durante o prazo de 3 meses, no caso de enfermidade não proveniente da prática do football e, desde que não tenha caráter venéreo ou seja consequente do uso do álcool ou outros tóxicos, reservando-se a associação o direito de exame médico para a continuação do contrato pelo prazo restante.

Expunha, assim, o teor de caráter moralista que era carregado nos contratos profissionais. Verificado o quanto a ascensão do profissionalismo impossibilitou aos clubes que pretendiam continuar com suas atividades futebolísticas manterem-se fechados aos seus semelhantes, por conta de sua natureza classista ou por sua nacionalidade, a exemplo da relação

⁹¹ Contrato de Atleta Profissional de Football, Número 15789. Cedido gentilmente para registro fotográfico a partir do acervo pessoal de Valdir Leandro Galvão.

⁹² Contrato de Atleta Profissional de Football, Número 15789. Cedido gentilmente para registro fotográfico a partir do acervo pessoal de Valdir Leandro Galvão.

entre Valdir Leandro Galvão e o Galícia Esporte Clube, iremos analisar agora a estratégia que o Galícia utilizou para prosseguir forjando a sua identidade galega além-mar, utilizando-se da prática do profissionalismo vigente: a contratação de jogadores galegos, as quais serão analisadas não apenas pela qualidade técnica dos atletas contratados, mas principalmente como uma forma de o clube ter galegos defendendo suas cores, em uma forma análoga à do Galícia continuar atacando sua galeguidade, mesmo diante de um cenário aparentemente desfavorável com a profissionalização.

4.2 A ponte para “Salvador de Bahía”

Às duas horas do dia primeiro de agosto de 1910, sendo mais um dos numerosos filhos, fruto do casamento entre Juan Túnel Soto e Rosa Cabaleiro Bastos — aos 35 e 33 anos, respectivamente —, nasceu José Túnel Cabaleiro, em Redondela⁹³, na Galiza. Apesar de seu nome ser facilmente alvo de recordações, principalmente no pequeno município onde nasceu, foi com a alcunha de “Talladas” que José Túnel Cabaleiro marcou parte significativa de sua vida, tornando-se alvo de registros jornalísticos e sendo eleito peça-chave no projeto do Galícia Esporte Clube, de Salvador, em construir a identidade galega além-mar.

Com um rosto quadrangular, sobrancelhas grossas e sorriso fácil, José Túnel foi mais um dos muitos jovens galegos que, simultaneamente, disputaram e propagaram o esporte de origem bretã na região espanhola. Diante dos seus quase 1,80 m de altura — que hoje poderiam ser interpretados como de baixa estatura para a posição —, José passou a ser conhecido como o goleiro Talladas. Em entrevista realizada no dia 1º de agosto de 2019, na cidade de Vigo, um dos três filhos do goleiro — José Luís Túnel Carrera —, perguntado sobre o motivo da alcunha futebolística, destacou a paixão e coragem de seu pai nos tempos de jogador:

O motivo era por ele ser muito apaixonado e aí quando jogava se entregava fisicamente, se entregava ao que fazia e não tinha medo de nada. Então ele se arremessava, sabe que os goleiros às vezes quando o atacante quer driblá-los, eles correm um risco muito grande de levar um chute na cabeça ou no peito, sei lá, e ele se arremessava e por isso fazia ‘talladas’ do seu corpo, ‘talladas’ são pedaços de carne, sim? Um entalhe de carne é um pedaço de carne, ou seja, ia destruir seu corpo, por isso chamaram de Talladas, ele me comentava isso, né? Sim, ele me dizia isso.⁹⁴

⁹³ Registro Civil de Redondela. Ata de Nascimento de José Túnel Cabaleiro. Número 249 e código A2155588 /18.

⁹⁴ Es un motivo de que él era muy apasionado y entonces cuando jugaba entregaba su, físicamente se entregaba a lo que estaba haciendo y no tenía miedo a nada. Entonces se tiraba, sabes que los porteros a veces cuando se tiran para cuando un delantero quiere regatearles, se tiran y corren un riesgo muy grande de que le den una patada en la cabeza o en el pecho, lo que sea, y el se tiraba y por eso se iba hacer talladas de su cuerpo, talladas son trozos de carne, no? Una tallada de carne es un trozo de carne, es decir, va a destrozar el cuerpo, por eso le pusieron Talladas, eso me lo comentaba él, no? Sí, él decía eso. (Tradução Livre).

Foi justamente com esse apelido que, em 1934, ainda aos 23 anos, verificamos as primeiras defesas dele como “guarda-meta” da equipe do Porriño, que acreditamos ser uma agremiação originária do município de mesmo nome e que fica a 14,7 km de Redondela⁹⁵, sendo esse município pertencente à província de Pontevedra. Destacamos o jogo de caráter amistoso, vencido por 3 a 0 pelo Porriño contra a equipe do Celta, no qual Talladas foi diretamente responsável por não ter tomado gol ao defender um pênalti de forma “colossal”.⁹⁶

Todavia, nem só de dias gloriosos vive-se um atleta do futebol. No último jogo da temporada de 1933/1934, arbitrado por Ricardo López, e que valeu o título de campeão da segunda divisão da Galiza, disputado no campo do Inferniño, Talladas e todo o time visitante “porriñés” tiveram uma tarde de domingo diabólica ao serem goleados pelo Ferrol com alto placar de 6 a 1. Para piorar a situação do arqueiro, cinco dos gols marcados pela equipe vermelha foram de um único jogador: Vázquez.⁹⁷

Figura 25 – Talladas, ainda garoto, praticando futebol na Galiza



98

Ainda que não saibamos quando Talladas iniciou sua trajetória no Porriño ou se esse foi seu primeiro clube, o fato é que suas defesas e boas atuações foram cruciais para levá-lo a uma mudança de agremiação e, também, de cidade: a partir de agosto de 1935, passou a ser goleiro

⁹⁵Disponível

<https://www.google.com.br/maps/dir/Redondela,+Espanha/O+Porri%C3%B1o,+Espanha/@42.2153646,-8.7482856,11z/data=!4m3!4m2!1m5!1m1!1s0xd2f7c5e9ffb978d:0x4e839ff21f3be7df!2m2!1d-8.6091703!2d42.2818519!1m5!1m1!1s0xd25867eac7d60f3:0xfc813eb7b3c6ef0f!2m2!1d-8.6177291!2d42.1608459>. Acesso em: 7 de set. 2021.

⁹⁶ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 7 de março de 1934, p. 3.

⁹⁷ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. El Correo Gallego, 8 de maio de 1934.

⁹⁸ Arquivo pessoal de Marcelina Túnel Carrera, filha de José Túnel Cabaleiro (Talladas), gentilmente cedido a esse pesquisador no dia 11 de abril de 2021. Talladas, ainda jovem, o segundo da esquerda em pé.

em:

do Unión Sporting Club de Vigo.⁹⁹ Devemos considerar o exemplo da transferência de Talladas, assim como de outros atletas da sua geração, inseridas no contexto da profissionalização do futebol espanhol que legalizou a prática profissional em 1928, embora muitos anos antes já existisse a figura do “profissional encuberto” (DOMÍNGUEZ ALMANSA, 2009, p. 407). Ao traçar um paralelo dessa prática com o “profissionalismo marrom” dos casos brasileiros vistos anteriormente, ressalta-se também as possíveis condições que circunscreviam um atleta de futebol profissionalizado no contexto espanhol, após 1928, a exemplo da questão financeira, obrigações mútuas e da existência de um contrato.

Defendendo as cores do Unión e jogando no Campo de La Flórida, localizado na cidade de Vigo e a pouco mais de 13 km da sua cidade natal¹⁰⁰, Talladas conheceu e jogou ao lado de Pierlas, Pazó, Vigo, Farruco, Luís, Manolito, Leonardo, Chicha, Echegaray, Cons, Pepiño, Herodes, Paco, Mola e Torres¹⁰¹. Apesar de o clube presidido por José Barral¹⁰² almejar êxito, na temporada 1935-1936, no torneio Manecomunado, na Copa da Espanha e na Segunda Divisão da Liga Nacional¹⁰³, só encontramos a trajetória do clube “unionista” nesta última competição, responsável por garantir o acesso ao Campeonato Espanhol, conhecido como La Liga.

Nessa divisão de acesso ao primeiro escalão espanhol, as expectativas do Unión Sporting foram frustradas. Após 11 jogos, a equipe conseguiu apenas seis pontos com apenas três triunfos e oito derrotas, ocupando o último dos oito lugares do primeiro grupo. Para Talladas, a vida foi ainda mais difícil, uma vez que era o goleiro mais vazado dos 24 clubes da Série B, com 41 gols tomados nos mesmos 11 jogos.¹⁰⁴

Podemos destacar as derrotas para o Zaragoza por 6 a 1¹⁰⁵, placar esse que foi repetido pelo Celta de Vigo, no embate dos dois clubes “viguésés” — com gols célticos de Venancio, Gonzalito e dois da dupla Peixe e Nolete; o Unión descontou seu gol com Cons.¹⁰⁶ Contudo, mesmo diante do fato de ter buscado muitas bolas no fundo das redes, Talladas destacava-se perante a imprensa galega, a exemplo do empate sem gols contra o Zaragoza, dessa vez

⁹⁹ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 7 de agosto de 19435, p. 8.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Redondela,+Espanha/Vigo,+Espanha/@42.3198126,-8.7916718,11z/data=!4m3!4m2!1m5!1m1!1s0xd2f7c5e9ffb978d:0x4e839ff21f3be7df!2m2!1d-8.6091703!2d42.2818519!1m5!1m1!1s0xd2f621461b2c193:0x7b441dad174bd49f!2m2!1d-8.7207268!2d42.2405989>. Acesso em: 8 set. 2021.

¹⁰¹ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 1º de setembro de 1935, p. 3.

¹⁰² Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 16 de novembro de 1935, p. 3.

¹⁰³ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 1º de setembro de 1935, p. 3.

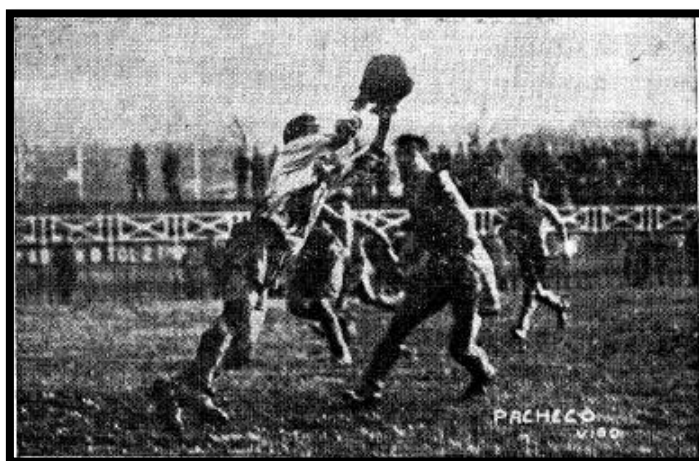
¹⁰⁴ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. Diário de Galicia, 22 de janeiro de 1936, p. 11. Não encontramos nas fontes investigadas se o Unión conseguiu reverter a fraca campanha no decorrer dos jogos seguintes.

¹⁰⁵ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. Diário de Galicia, 24 de dezembro de 1935, p. 15.

¹⁰⁶ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. Diário de Galicia, 4 de fevereiro de 1936, p. 4.

disputado nos domínios do Unión em Vigo¹⁰⁷, e até na derrota por 4 a 1 para o Valladolid¹⁰⁸, ou então no próprio 6 a 1 contra o Celta citado anteriormente que, após uma elástica quantidade de gols sofridos, o periódico galego Faro de Vigo preferiu destacar as ações positivas do goleiro que saíra derrotado naquele dia.

Figura 26 – Destaque de Talladas, no Faro de Vigo, mesmo após a goleada de 6 a 1 para o Celta de Vigo¹⁰⁹



O empate sem gols no domingo chuvoso contra o Zaragoza, no Campo de La Flórida, foi o último registro encontrado do “portero” no futebol galego, ao menos por algum tempo, visto que, no dia 4 de março de 1936, Talladas encaminhou uma carta de despedida ao periódico Faro de Vigo:

Vigo, 4 de março de 1936.

Sr. Cronista deportivo de FARO DE VIGO.

Muy señor mio: Lamentando no haberlo podido hacer personalmente, por falta material de tiempo, vengo por medio de la presente despedirme de usted, vechando alguna ventaja que se me ofrece, aunque me ánimo es el de volver el próximo verano. He de agradecerle haga constar em las páginas de su periódico, mi pesar por no haberme podido despedir de muchos amigos y em general de toda la afición viguesa, que me ha tributado em multiples ocasiones inmerecidos aplausos.

Muy agradecido de antemano a sus atenciones, sabe puede disponer de su affmo. s. s. y amigo, que e.s.m.

José Túnel (Talladas)¹¹⁰

¹⁰⁷ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. Diário de Galícia, 11 de fevereiro de 1936, p. 15.

¹⁰⁸ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. Diário de Galícia, 28 de janeiro de 1936, p. 14.

¹⁰⁹ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 5 de fevereiro de 1936, p. 8.

¹¹⁰ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 5 de março de 1936, p. 3. Vigo, 4 de março de 1936. Sr. Cronista deportivo de FARO DE VIGO. Estimados señores, Lamentando não ter podido fazê-lo pessoalmente, por falta de tempo material, venho aqui me despedir de você, vigiando uma vantagem que me é oferecida, embora o meu espírito seja de voltar no próximo verão. Tenho que lhe agradecer por ter afirmado nas páginas do seu jornal, a minha pena por não ter podido dizer adeus a tantos amigos e de forma geral a toda torcida de Vigo, que em muitas ocasiões me deram inmerecidos aplausos. Muito grato desde já por sua atenção, você sabe que pode dispor de seu afetuoso e seguro amigo, E/M. José Túnel (Talladas). TRADUÇÃO LIVRE.

Evidencia-se, para além da boa relação entre o atleta e o periódico — que na mesma edição respondeu desejando boa viagem —, a assinatura de José Túnel identificando-se com a alcunha de Talladas em um nítido processo de vaidade e autorreconhecimento, e a intenção do próprio em retornar no verão seguinte, possivelmente projetando uma curta estadia na sua aventura, no auge dos seus 25 anos.

Doze dias após a publicação da epístola com tintas de saudosismo por parte do Faro de Vigo, o periódico soteropolitano O Imparcial noticiava a chegada do mais novo jogador do Galícia Esporte Clube. A partir dessa ação, em que a trajetória do goleiro Talladas confundiu-se com a história do Galícia, iremos analisar essa amálgama como mais uma ação institucionalizada e politicamente pensada pela agremiação em distinguir-se socialmente sob o tecido da identidade galega.

Dessa vez, sob o contexto do profissionalismo anteriormente estudado como a conjuntura favorável pela busca dos triunfos e necessidade de contar com os melhores jogadores, o Galícia até que poderia contar com os esforços de atletas a nível local, estadual e até nacional. O Clube, contudo, fez questão de atravessar o Atlântico para buscar um atleta de origem semelhante ao dos seus pares.

Figura 27 – Anúncio da chegada de Talladas em Salvador



111

Um atleta galego não, dois. Pouco menos de três meses após a chegada de Talladas em Salvador para defender a meta e as cores “galicianas”, outra trajetória teve sua história de vida

¹¹¹ BPEB. O Imparcial. 17 de março de 1936, p. 7.

mudada a partir do chamamento do Galícia Esporte Clube para atravessar o Atlântico: Francisco Pázos González. Conhecido no meio futebolístico pela alcunha de Macoco, jogador de defesa, no auge dos seus 27 anos, aportou em Salvador em 9 de junho de 1936.¹¹²

Nascido às quatro horas da tarde no dia 31 de outubro de 1908, filho de Francisco Pázos e Concepción González Reboredo — casal com 39 e 35 anos de idade respectivamente¹¹³ —, Macoco tem seu nome marcado pelos periódicos galegos desde muito cedo: aos 18 anos de idade, em 1927, já era um dos 11 nomes que compuseram o time do España contra o Bétis, em uma partida disputada na sua cidade natal: Redondela.¹¹⁴ Registros de dois anos depois, apontam a mudança de Macoco para jogar no clube do Eirina¹¹⁵, originário da cidade de Pontevedra, capital da província de nome análogo, a aproximadamente 20 km do município onde nasceu Francisco Pázos González.¹¹⁶

A ida de Macoco para Salvador foi a solução encontrada pelos dirigentes galegos após a recusa do “redondelano” e “back” José Álvarez Vázquez¹¹⁷, apelidado como Pierlas¹¹⁸, aquele mesmo homem da defesa que foi companheiro de equipe de Talladas pelo Unión Sporting. Dessa maneira, a frustrada busca por Pierlas e as bem sucedidas contratações de dois jogadores galegos — Talladas e Macoco — para jogarem no Galícia podem ser lidas e interpretadas como mais uma estratégia dos dirigentes responsáveis pelo clube em fortalecer a identidade galega por meio do futebol na cidade do Salvador. Dessa específica ação, é possível inferir que, ao lado das qualidades técnicas, também foi valorizado os jogadores originários da Galiza.

Ainda que a qualidade técnica dos jogadores não deva ser desprezada, considerando a conjuntura do esporte profissionalizado, o Galícia seguiu procurando a identidade e a representação galega também dentro das quatro linhas do campo, visto o esforço em buscar dois atletas que jogavam futebol na Galiza mesmo com a grande oferta de possíveis jogadores advindos do futebol baiano.

Talladas, por ter chegado antes, fez sua estreia com derrota por 2 a 0 no já citado jogo interestadual contra o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Todavia, foi um dos 11 jogadores que mantiveram a hegemonia ao conquistarem o bicampeonato do Torneio Início, da temporada de

¹¹² BPEB. Diário da Bahia. 10 de junho de 1936, p. 6.

¹¹³ Ata de Nascimento de Francisco Pázos González do Registro Civil de Redondela. Número 65 e código A2155600 /18.

¹¹⁴ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. El Pueblo Gallego, 1º de julho de 1927, p. 6.

¹¹⁵ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. El Pueblo Gallego, 21 de maio de 1929, p. 6.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Redondela,+Espanha/Pontevedra,+Espanha/@42.3557772,-8.7639924,11z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0xd2f7c5e9ffb978d:0x4e839ff21f3be7df!2m2!1d-8.6091703!2d42.2818519!1m5!1m1!1s0xd2f71cf339da6d7:0x6d5b163a1be431d4!2m2!1d-8.6446202!2d42.4298846>. Acesso em: 10 set. 2021.

¹¹⁷ Disponível em: <http://www.yojugueenelcelta.com/search?q=Pierlas>. Acesso em: 22 set. 2021.

¹¹⁸ BPEB. O Estado da Bahia. 14 de abril de 1936, p. 5.

1936.¹¹⁹ Com a chegada de Macoco em Salvador, os galegos, conterrâneos e amigos que tiveram suas respectivas trajetórias associadas ao Galícia, passaram a compartilhar juntos a vida de migrados, uma vez que, apesar de terem adentrado o Brasil no período entre as grandes cadeias migratórias como já discutido nesta dissertação, José Túnel Cabaleiro e Francisco Pázos González foram mais dois indivíduos que tiveram suas trajetórias de vida anexadas à conjuntura galega fortemente marcada pela migração.

Figura 28 – Foto de Talladas (direita) e Macoco (sentado) ¹²⁰



Juntos, além de desenvolverem uma amizade que é bem possível ter sido iniciada ainda em Redondela — cidade natal de ambos —, Talladas e Macoco estiveram presentes no campo da Graça nos triunfos do Galícia sobre o Ypiranga, por 2 a 1¹²¹, e sobre o Esporte Clube Bahia, por 1 a 0, com gol de Vavá¹²², sendo este tão fortemente celebrado por não só quebrar a invencibilidade do já campeão citadino de 1936, como também projetar o Galícia futebolisticamente cada vez mais competitivo, mesmo com apenas três anos de fundado.

¹¹⁹ BPEB. O Imparcial. 11 de maio de 1936, p. 7.

¹²⁰ Arquivo pessoal de Marcelina Túnel Carrera, filha de José Túnel Cabaleiro (Talladas), gentilmente cedido a esse pesquisador no dia 11 de abril de 2021.

¹²¹ BPEB. O Imparcial. 6 de setembro de 1936, p. 6.

¹²² BPEB. O Estado da Bahia. 11 de dezembro de 1936, 4.

4.3 Uns ficam, outros não

Amante do futebol, José Túnel parecia também ser um homem das palavras. Ao menos eram por meio de cartas que ele continuava mantendo comunicação com sua terra natal e seus pares. Além da já vista epístola de despedida que ele endereçou ao Faro de Vigo, quando estava a caminho de Salvador, pelo mesmo periódico identificamos a publicação, no dia 17 de julho de 1936, apenas quatro meses após ter chegado à capital baiana, que Talladas não apenas enviou uma série de recortes de jornais brasileiros que elogiavam suas atuações como “*portero en el Galicia de Bahia*”, como também empunhou em suas letras um tom saudosista dos amigos, admiradores, do futebol galego e da cidade de Vigo.¹²³ Sentimento esse de apego à terra que os galegos denominam “*morriña*” (JORGE, 2019, p. 87).

A partir do cruzamento das fontes transnacionais, foi verificado que, meses antes da publicação do periódico galego, ainda em 28 de maio de 1936, o jornal O Estado da Bahia já afirmava, na primeira linha da sua página de esportes daquela quinta-feira, a possibilidade do goleiro espanhol deixar o clube: “Talladas inclinado a abandonar o Galicia se o Celta atender sua proposta”¹²⁴. Ora, ao que tudo indica, houve um interesse por parte de Talladas de sua estadia em Salvador ser ainda menor do que a previsão feita por ele próprio de “voltar no próximo verão”. Ainda mais se considerarmos que o clube Celta de Vigo foi mencionado na publicação do periódico galego como um possível destino acolhedor para o seu retorno.

Mesmo fazendo questão de manter-se próximo da sua terra por meio de suas cartas, José Túnel Cabaleiro não tinha como prever o que estava por vir. Tomada pelo ressentimento e ódio após derrota no Parlamento para a Frente Ampla Popular nas eleições de 1936, a direita espanhola composta por setores conservadores, a exemplo do grupo fascista da Falange, a Igreja Católica, os monarquistas e, principalmente, o Exército partiram para o golpe de Estado.

O golpe de 17 de julho dos generais teve êxito em algumas cidades, e enfrentou apaixonada resistência de pessoas e Forças Armadas leais em outras. Não conseguiu tomar as duas principais cidades da Espanha, incluindo a capital, Madri. Em partes do país precipitou, portanto, a revolução social à qual pretendia adiantar-se. Em toda a Espanha, iniciou-se uma longa guerra civil entre o governo legítimo e devidamente eleito da República, agora ampliado e incluindo socialistas, comunistas e mesmo alguns anarquistas, mas coabitando de maneira pouco confortável com as forças da rebelião de massa que haviam derrotado o golpe, e os generais insurgentes que se apresentavam como generais insurgentes que se apresentavam como cruzados nacionalistas contra o comunismo. O mais jovem e politicamente inteligente dos generais, Francisco Franco y Bahamonte (1892-1975), viu-se à frente de um novo regime que com o correr da guerra se tornou um Estado autoritário com um partido único — um conglomerado de direita que ia do fascismo aos velhos monarquistas e ultra carlistas que recebeu o nome absurdo de Falange Tradicionalista Espanhola (HOBSBAWM, 1995, p. 159).

¹²³ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 17 de julho de 1936, p. 3.

¹²⁴ BPEB. O Estado da Bahia. 28 de maio de 1936, p. 6.

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que certamente foi uma das maiores tragédias humanitárias do século XX, teve realidades múltiplas em todo território espanhol. Na Galiza, onde nasceu o ditador Francisco Franco, que saíra vencedor do conflito, o golpe triunfou rapidamente e apenas algumas zonas urbanas como Corunha, Vigo e Tui impuseram resistência bélica por alguns dias e semanas ao projeto autoritário nacionalista que estava em marcha (GRANDÍO SEOANE, 2001, p. 217).

Por uma infeliz coincidência, o dia da publicação do Faro de Vigo manifestando seu desejo de retorno foi o mesmo da eclosão da Guerra Civil. Talladas, então, se viu obrigado a mudar de planos, ainda mais considerando que as competições futebolísticas da “La Liga” e “La Copa del Presidente de la República” foram suspensas indefinidamente, só sendo disputadas as competições regionais em território ainda controlados pelos republicanos mesmo durante o confronto (BARCO, 2015, p. 84).

Observamos a completa mudança de tom na troca de mensagens com o Faro de Vigo, publicadas como “Ecos del Brasil”, no dia 29 de janeiro de 1937. Nela, pode-se notar uma positivação da vida de José Túnel em Salvador ao destacar que está “contentíssimo” com suas “esplêndidas atuações” e também com suas excursões de avião e apartamentos de luxo. O periódico destaca que, no Brasil, “em uma palavra, é um ídolo nosso conhecido e amigo Talladas”.¹²⁵

A boa qualidade de vida de Talladas em Salvador pode ter sido resultado da sua rápida adaptação nos jogos do Campo da Graça, bem como o bom relacionamento com a “colônia galega” e, também, com setores, pessoas e lugares outros até então inacessíveis, quando o próprio vivia na pequena cidade de Redondela, ou até mesmo em Vigo, absurdamente diferentes da realidade soteropolitana. Porém, não podemos menosprezar o quanto a capacidade de morte e destruição proporcionada pela Guerra Civil Espanhola pode ter afugentado o galego de sua terra. Ainda mais considerando que, além de ter citado sua parceria com Macoco, juntos no Galícia desde o ano anterior, Talladas fez referência na carta a Nolete — aquele mesmo que foi seu algoz marcando dois gols no triunfo do Celta sobre o Unión Sporting por 6 a 1 ainda em 1936.

Acreditamos que “Nolete” era a alcunha futebolística de Manuel Copena Araújo, nascido em 22 de novembro de 1911, na pequena cidade de Gondomar, na província de Pontevedra, e atuava como atacante no Celta de Vigo desde 1932.¹²⁶ Ainda que o Faro de Vigo tenha noticiado que Nolete trocou a artilharia dos gramados pelas trincheiras dos campos de

¹²⁵ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 29 de janeiro de 1937, p. 3.

¹²⁶ Disponível em: <http://www.yojugueenelcelta.com/search?q=Nolete>. Acesso em: 17 set. 2021.

batalha, não sabemos de qual lado ele estava. O fato é que José Túnel sabia que, caso retornasse, poderia ser mais uma das muitas vítimas da devastadora Guerra Civil.

Gosto bélico esse que de fato não parecia compor a sua personalidade. Além de não ter ido em direção à guerra, é imprescindível notar como característica de José Túnel, ademais do prazer do jogo de futebol e das cartas, a sua vaidade e/ou preocupação histórica. A explicação está no fato de que, junto às mensagens que encaminhava aos entes queridos que ficaram na Galiza e aos companheiros de imprensa que lhe davam muito prestígio, Talladas também os presenteava com recortes de jornais brasileiros que reportavam suas grandes defesas e incríveis jogos. Ou seja, para além do ego como jogador profissional de futebol, Talladas detinha também visão histórica ao registrar e arquivar discursos sobre si.

Tivemos a oportunidade de visualizar a materialização dessa memória histórica em um grande álbum, composto apenas de recortes de jornais — espanhóis, galegos e brasileiros —, montado pelo próprio Talladas ao longo de sua carreira. Enquanto fitava e folheava o álbum já gasto pelo tempo, José Luís recordava as memórias do seu pai que nasceu de origem simples, mas teve no futebol, principalmente no Brasil, um meio de ascensão econômica e até permissão para luxos:

Pois bem, a vida dele mudou muito porque como pessoa ele fazia muito. Era uma pessoa muito humilde, o pai tinha carroças que serviam como transporte naquela época, nos primeiros anos do século, era uma pessoa que se defendia bem, mas, claro, tinha muitos filhos, era uma pessoa humilde, então ele foi lá e treinou por lá, pois é claro que ele passou anos morando em hotéis, ao máximo, né? Cobrando uma quantia extraordinária de dinheiro, comprou os melhores ternos. Era uma pessoa muito elegante, que se vestia muito bem, então ele se refinou muito e tal.¹²⁷

O fato é que Talladas ficou. No Brasil, não mais em Salvador. Menos de um ano após aportar na capital baiana como a figura que representaria a qualidade técnica exigente da conjuntura profissional e, simultaneamente, realçava a identidade galega processualmente construída pelo Galícia Esporte Clube, considerando que era um galego atuando por um clube que representava a Galiza, Talladas decidiu construir seu projeto individual. Deu adeus a Salvador e, novamente, migrou. O alvo foi a até então capital federal do país, a cidade do Rio de Janeiro, para onde transferiu-se a fim de jogar no Clube de Regatas do Flamengo.¹²⁸

¹²⁷ Bueno su vida sí, cambio mucho porque como persona hizo mucho, era una persona muy humilde, o pai tiña carrozas de cabalos que servían de transporte en aquel momento, en los años primero del siglo, o pai era una persona que se defendía bien pero, claro, eran muchos hijos, era una persona humilde, entonces marchó para allá y allí se formó, porque claro estuvo muchos años viviendo en hoteles, al máximo, ¿no? Cobrando una cantidad de dinero extraordinaria, se compraba los mejores trajes, era una persona muy elegante, que andaba muy bien vestido, entonces se refinó mucho y tal (TRADUÇÃO LIVRE).

¹²⁸ BPEB. O Estado da Bahia. 1º de fevereiro de 1937, p. 2.

Figura 29 – Foto Talladas como goleiro do Clube de Regatas do Flamengo a partir de 1937.¹²⁹



A curta estadia de Talladas em Salvador não inviabiliza a interpretação do projeto político identitário do Galícia em reforçar a sua compreensão e representação enquanto instituição migrante. Para além de todos os símbolos e signos associados ao galeguismo que foram acionados pelo clube ao longo de seus primeiros anos de vida e que foram abordados no decorrer desta dissertação, localizamos nesta seção duas trajetórias que foram convocadas a participar do propósito do Galícia, sendo galegos jogando por um clube de migrantes em Salvador. Entretanto, concebendo a autonomia do indivíduo frente às suas possibilidades resultantes das conjunturas e contextos históricos, a ida de Talladas ao Flamengo e ao Rio de Janeiro perpassam por suas próprias escolhas construindo sua biografia. Sem esquecer que o “portero” atravessou o oceano Atlântico e passou a viver no Brasil como migrante a partir do chamamento do Galícia Esporte Clube.

José Túnel Cabaleiro teve de despedir-se também do seu conterrâneo, companheiro de time e amigo Francisco Pázos González. Juntos, além de compartilharem as experiências de migrantes galegos na Bahia, compuseram o projeto do Galícia, jogaram no campo da Graça diversas vezes e conquistaram a Taça Chaulmoogrol de 1937.¹³⁰ Análogo ao ditado popular galego sobre a típica comida “Pimientos de Padrón” em que “uns pican, otros non”, podemos dizer que a saída de Talladas e a permanência de Macoco são mais exemplos da trajetória migrante: uns ficam, outros não.

¹²⁹ Arquivo pessoal de Marcelina Túnel Carrera, filha de José Túnel Cabaleiro (Talladas), gentilmente cedido a esse pesquisador, no dia 11 de abril de 2021.

¹³⁰ BPEB. O Imparcial. 11 de janeiro de 1937, capa.

4.4 Um homem de dois mundos

Mesmo com endereço novo, alguns hábitos não mudaram para José Túnel Cabaleiro. Após chegar à cidade do Rio de Janeiro, o galego fez questão de enviar mais uma de suas características cartas, dessa vez para o O Estado da Bahia, para despedir-se de Salvador:

Illmo. sr. Chronista Esportivo de ESTADO DA BAHIA. Saudações. Rogo-lhe encarecidamente publicidade no seu jornal a seguinte nota:
Ao povo bahiano, não podendo despedir-me pessoalmente dos meus inumeros torcedores por intermedio destas columnas venho agradecer-lhes o bom acolhimento que dispensaram durante a minha permanencia nesta boa terra, da qual levo muitas saudades, agradecendo tambem os immsucedidos applausos que me tributaram no Campo da Graça.¹³¹

No restante da epístola, Talladas pede perdão pela saída de Salvador às pressas e agradece aos “patrícios e amigos” que colecionou durante sua curta passagem na capital baiana. Assim, acreditamos que, mesmo distante, Talladas soube da incrível campanha do Galícia Esporte Clube durante o torneio citadino de 1937 que só teve fim em 16 de janeiro de 1938. Nesse dia, o Campo da Graça presenciou o gol solitário de Bermudes sobre o Ypiranga¹³² que consolidou o primeiro título do Galícia na competição mais importante da cidade e fez o clube galego ser o maior daquela temporada.

Ainda mais considerando que, dentre os campeões do Galícia, havia um galego no campo de jogo: Macoco. Aquele migrado que não era a primeira opção da diretoria, veio depois de seu amigo Talladas, mas foi o único galego em ação que ficou em Salvador, no Galícia, e consagrou seu nome como campeão do torneio válido pela temporada de 1937.

¹³¹ Carta de José Túnel Cabaleiro enviada a’*O Estado da Bahia*, no dia 14 de fevereiro de 1937, encontrada no Álbum de Recortes construído pelo próprio Talladas, gentilmente cedido para registro fotográfico por seu filho, José Luís Túnel Carrera, no dia 1º de agosto de 2019.

¹³² BPEB. O Estado da Bahia. 17 de janeiro de 1938, capa.

Figura 30 – Os campeões do Campeonato da Cidade do Salvador em 1937. Macoco, o sexto da esquerda para direita.¹³³



Além do herói do título Bermudes e do galego Macoco, o esquadrão vencedor do Galícia também contava com Hamilton, De-Vecchi, Walter, Moela, Dedé, Ferreira, Bisa, Vanni Carapicú, Bubú, Servillo e Palito.¹³⁴ Todos esses responsáveis pelo, até então, ápice esportivo que estava de mãos dadas ao projeto político e identitário do Galícia em apenas quatro anos de existência.

Como visto anteriormente, o Galícia foi o primeiro tricampeão consecutivo de futebol em Salvador ao conquistar os títulos de 1941, 1942 e 1943. Nessas gloriosas temporadas que demonstravam poderio financeiro do clube, alguns nomes dos atletas se repetiram. O de Macoco não. Pouco tempo após o título de 1937, o nome do jogador galego foi desaparecendo entre os convidados a irem aos jogos e a treinarem. Embora não tenhamos encontrado nos periódicos investigados quando foi seu último jogo, Macoco despediu-se do Campo da Graça e do Galícia. De Salvador, não.

Em fevereiro de 1948, O Estado da Bahia fez menção ao ex-jogador como um “honrado comerciante”.¹³⁵ Apesar de não termos confirmação de onde trabalhou, há forte evidência que Francisco Pázos González foi mais um galego migrado em Salvador que, depois de parar com o jogo de bola, viveu do comércio. Combinação étnica e classista que já abordamos ao esmiuçar a inserção galega no ramo alimentício soteropolitano. Antes disso, em fevereiro de 1942, casou-

¹³³ Registro fotográfico gentilmente cedido por Icilma Pázos Pio, filha de Franciso Pázos González (Macoco), em 31 de maio de 2017.

¹³⁴ BPEB. O Imparcial. 17 de janeiro de 1938, capa.

¹³⁵ BPEB. O Estado da Bahia. 14 de fevereiro de 1948, p. 6.

se com Aida Piva e tornou-se pai de uma numerosa família com seis filhos. Faleceu dia 31 de outubro de 1981, em Salvador, aos 72 anos.

Já Talladas, durante o ano de 1937, jogou no poderoso Flamengo e foi companheiro de equipe de uma das maiores estrelas do futebol brasileiro: Leônidas da Silva, o Diamante Negro (ASSAF; MARTINS, 2001, p. 82). Seu filho, José Luís, recorda que Leônidas e Talladas foram amigos, e que seu pai falava do brasileiro como um dos maiores jogadores de todos os tempos. Contudo, mesmo com a ilustre companhia, a estadia no Rio de Janeiro durou pouco. O último registro do galego como goleiro rubro-negro carioca foi no domingo, de 31 de outubro de 1937, no triunfo por 2 a 1 contra o Madureira, válido pelo Campeonato Carioca daquele ano (ASSAF; MARTINS, 2001, p. 84).

O fato é que no jogo interestadual entre Flamengo e Galícia que poderia selar o reencontro de Talladas com a colônia galega, o seu primeiro clube no Brasil e a cidade do Salvador, em abril de 1938, no qual os cariocas aplicaram o placar de 4 a 2, ele não estava presente.¹³⁶ Provavelmente estava morando na Avenida Vicente de Carvalho, 19, na Pensão Glória, na cidade de Santos — ao menos essa foi uma das informações que ele assinalou ao enviar mais uma das suas cartas, dessa vez endereçada ao jornal *A Tarde*, saudando seus conhecidos, inclusive Macoco.¹³⁷

A mudança se deu, ainda em 1938, pela transferência do Flamengo para outro tradicional clube brasileiro: o Santos Futebol Clube. Pelo alvinegro praiano, nas três temporadas disputadas entre 1938 e 1941, disputou um total de 67 jogos.¹³⁸

¹³⁶ BPEB. *O Imparcial*. 4 de abril de 1938, capa.

¹³⁷ Carta de José Túnel Cabaleiro enviada ao *A Tarde*, no dia 21 de julho de 1939, encontrada no Álbum de Recortes construído pelo próprio Talladas, gentilmente cedido para registro fotográfico por seu filho, José Luís Túnel Carrera, no dia 1º de agosto de 2019.

¹³⁸ Disponível em: <https://acervosantosfc.com/talladas-1938-1941/>. Acesso em: 23 set. 2021.

Figura 31 – Talladas em ação pelo Santos Futebol Clube.¹³⁹



José Túnel Cabaleiro parece ter tido melhor adaptação no litoral paulista. Nesse ínterim, recebeu o Registro de Estrangeiro em caráter permanente no Brasil com residência em Santos e com a profissão classificada como “artista”.¹⁴⁰ Mesmo permanecendo na cidade portuária, Talladas passou a ser goleiro de outra instituição: o Jabaquara Atlético Clube. Aquele mesmo que anos antes chamava-se Hespanha Foot Ball Club, teve seu nome mudado a partir da mudança política varguista contra o Eixo na Segunda Guerra Mundial e chegou a enfrentar o Galícia no Campo da Graça, em 1935, no confronto marcado por cerimônias, sociabilidades e exaltação das identidades de ambos os clubes.

Dessa forma, podemos observar que, de maneira consciente ou não, o espanhol Talladas percorreu os três principais centros de atração da imigração hispânica no Brasil, por ordem cronológica: Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. A hipótese da “conscientização” de José Túnel é que, para além de considerar as ofertas de trabalho e a grandiosidade dos clubes como Flamengo e Santos, é possível também que a existência das “colônias espanholas” nessas cidades possa ter influenciado a ida ou criado melhores condições de adaptação para Talladas, por meio das sociabilidades, cultura e língua.

As fontes trabalhadas não precisaram quanto tempo Talladas ficou no Jabaquara de Santos, mas é fato que, após 10 anos como goleiro atuando no Brasil — no Galícia, Flamengo,

¹³⁹ Arquivo pessoal de Marcelina Túnel Carrera, filha de José Túnel Cabaleiro (Talladas), gentilmente cedido a esse pesquisador no dia 11 de abril de 2021.

¹⁴⁰ Cartões de Imigração, São Paulo, 1902-1980. Disponível em:

<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G9DS-S3W3?cc=2140223&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQVSN-R72G>. Acesso em: 24 set. 2021.

Santos e Jabaquara —, o “portero” decidiu voltar para casa aos 35 anos no ano de 1946.¹⁴¹ Como sua última equipe na Galiza o Unión Sporting de Vigo, não mais existia, o goleiro passou a ser especulado por algumas equipes. O periódico *El Correo Gallego*, inclusive, indagava se “*El brasileiro Talladas ¿ irá ao Español de Barcelona ?*”¹⁴², em um evidente jogo das identidades do galego retornado que passou muito tempo fora de sua terra natal e regressou com elo com o Brasil.

Após descansos na sua cidade natal de Redondela, Talladas retornou não só ao futebol galego como também ao campo La Flórida, mas dessa vez para defender as cores do Berbés.¹⁴³ A carreira de futebolista não durou muito mais que isso. Em 1948, casou-se com Carmen Carrera Queimadiños — viúva de uma das 4.699 vítimas na Galiza durante os três anos da Guerra Civil¹⁴⁴ —, com quem constituiu família e tiveram Marcelina, José Luís e Manuel Ignácio como filhos.

Assim, José Túnel Cabaleiro deixou os tempos de jogador profissional de futebol no passado e, junto com a tradição da família da esposa, foi responsável por gerir uma tabacaria, a exemplo da que solicitou abertura em fevereiro de 1947¹⁴⁵ e também um açougue, ambos na cidade de Redondela. Viveram na Rua Francisco de Federico, 12, e, a partir de julho de 1964, mudaram-se para uma casa de planta baixa e dois pisos na rua General Mola, também em Redondela,¹⁴⁶

¹⁴¹ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. *El Correo Gallego*, 15 de fevereiro de 1946, p. 3.

¹⁴² Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. *El Correo Gallego*, 16 de fevereiro de 1946, p. 3.

¹⁴³ Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia. *El Correo Gallego*, 29 de abril de 1947, p. 3.

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.nomesevoces.net/gl/informe/informe-de-resultados-vitimas-galicia-1936-1939/vitimas-con-resultado-de-morte/>. Acesso em: 24 set. 2021.

¹⁴⁵ Arquivo do Concello de Redondela. Prefeitura de Redondela – Licença para Abertura de Estabelecimentos, 14 de fevereiro de 1947.

¹⁴⁶ Arquivo do Concello de Redondela. Prefeitura de Redondela – Licença de Edificação, Número 000215.

Figura 32 – Talladas na sua estreia pelo Galícia Esporte Clube



147

Figura 33 – Senhor José Túnel Cabaleiro



148

¹⁴⁷ BPEB. O Estado da Bahia. 27 de abril de 1936, p. 4.

¹⁴⁸ Arquivo pessoal de Marcelina Túnel Carrera, filha de José Túnel Cabaleiro (Talladas), gentilmente cedido a esse pesquisador no dia 11 de abril de 2021.

Faleceu na segunda-feira de 8 de agosto de 1993, no conforto do seu lar. Sepultado e lembrando como “Don José Túnel Cabaleiro (Talladas)”.¹⁴⁹

Apesar de terem entrado no Brasil em um momento de declínio das correntes migratórias e previamente acertado suas condições de trabalho com o Galícia Esporte Clube, compreendemos que José Túnel Cabaleiro e Francisco Pázos Gonzáles foram mais dois dos muitos migrantes que deixaram Pontevedra e a Galiza em busca de uma qualidade de vida melhor. Para o Galícia, contar com dois jogadores — Talladas e Macoco — nascidos na Galiza era mais um reforço na construção processual da identidade galega ultramar que paralelamente utilizava das cores, bandeira e símbolos facilmente identificáveis pela comunidade migrante em Salvador. Dessa forma, ainda que tenham desenvolvido projetos próprios, de ficar e de sair da capital da Bahia, Macoco e Talladas contribuíram para representar o Galícia e, conseqüentemente, a Galiza.

¹⁴⁹ Arquivo do Concello de Redondela. Hemeroteca do Faro de Vigo, 9 de março de 1993, p. 5.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação visou analisar a necessidade de fundação de uma agremiação esportiva, o Galícia Esporte Clube, por parte de setores da colônia galega que se estabeleceram em Salvador entre final do século XIX e início do XX. Ainda que o primeiro e propulsor questionamento tenha considerado a hipótese de que o Galícia pudesse ter sido uma estratégia para integralizar os migrantes com a sociedade baiana, levando em conta a propagação e popularização do futebol na Bahia, averiguamos tanto pela investigação empírica quanto na escrita deste trabalho, a hipótese investigativa de como o clube foi uma ferramenta política instrumentalizada pelos galegos como forma de imaginar a comunidade da Galiza, ressaltar a identidade galega e consequentemente distinguir-se socialmente em terras soteropolitanas.

Para tanto, construímos a cronologia desse específico processo histórico ao longo de quatro capítulos, desde as condições socioeconômicas na Galiza até as variadas causas que favoreceram a saída dos galegos e os principais destinos dos emigrantes, tanto na própria Península Ibérica quanto nos países da América como Cuba, Argentina e Brasil, sendo este último visto como maior enfoque principalmente nos casos de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Ainda que este trabalho não tenha tido a pretensão de dissecar o processo da migração galega, averiguamos que as trajetórias daqueles migrantes os quais optaram por residir em Salvador é muito semelhante aos já anteriormente estudados pelas bibliografias especializadas, sendo a grande maioria desses indivíduos historicamente marcados por serem homens, jovens, solteiros e com alguma prévia experiência no serviço comercial.

Em Salvador, tanto pela análise da bibliografia especializada quanto pelas trajetórias de vidas pesquisadas, verificamos um relativo controle por parte dos galegos em setores do comércio alimentício da capital da Bahia. Assim, os migrantes compuseram-se como grupo distinto não apenas na categoria étnica, mas também na classe, uma vez que muitos galegos enriqueceram, gozaram de prestígio e modificaram a paisagem cultural e urbana de Salvador com algumas instituições de migrantes, a partir do sucesso caixeiral.

Em alguns episódios expostos nesta dissertação, pudemos acompanhar a forte associação entre a classe caixeiral de Salvador controlada por migrantes galegos e o Galícia Esporte Clube, evidenciando o quão intrínseca era a relação daqueles que comandavam o clube e boa parte da colônia espanhola residente na capital baiana, ainda que nem todos os migrantes tivessem participação e influência no comando da associação esportiva, reservado aqueles com maior prestígio político e de poder.

Paralelamente a esses processos, observamos a propagação de quais formas o futebol iniciou sua consolidação como uma das mais relevantes práticas de representação cultural no Brasil e também em outros campos do globo, a exemplo da Espanha e, principalmente, na Galiza, em que acompanhamos essa difusão bilateral e transnacional tomando como base a bibliografia específica e trajetórias de vidas atravessadas por tais fenômenos.

Compreendendo as razões que levaram o esporte, e principalmente o futebol, como uma das mais relevantes práticas de representação cultural no mundo moderno, a partir do século XIX. Para tanto, consideramos o desporto futebolístico como uma das maneiras das sociedades modernizadas atingirem sua excitação e catarse como forma de alívio e culturalmente autorizadas por seus pares.

Por último, constatamos que o processo histórico de combater o imperialismo castelhano que simultaneamente se construía, enquanto comunidade política, e identificava-se como Galiza e conseqüentemente do que viria a ser “galego”, foi datado desde meados do século XIX em múltiplas ações, de cunho cultural e político, que buscavam idealizar a Galiza. Inclusive com a participação do migrante como um elemento da identidade galega e agente de propagação de símbolos oficiais.

O estabelecimento da cronologia que solidifica o processo de construção da identidade galega desde meados do século XIX até a década de 1930, quando foi abruptamente paralisado pela sanguinolenta Guerra Civil Espanhola (1936-1939) que colocou o autoritário Francisco Franco no poder espanhol, representa a materialização do projeto político regionalista galego que visava competir com a unificação castelhana. Além disso, observamos outros projetos esportivos, na Galiza e em Cuba, que fizeram questão de carregar essa identificação galega no mesmo período.

Dessa forma, o Galícia, ainda que servisse ao desporto, prazer e sociabilidade da sua respectiva colônia em Salvador, foi mais uma expressão da ação política ao imaginar a Galiza instrumentalizando símbolos religiosos, cívicos, contratando jogadores galegos, enquanto ia construindo e fortalecendo a identificação de ser “galego” em Salvador. Assim, o caso do Galícia é mais um, dentre tantos, no qual historicamente foi possível materializar que não foi só futebol, sendo principalmente um instrumento para imaginar sua terra natal, enquanto se identificava como galego em terras soteropolitanas.

6. LISTA DE FONTES

Biblioteca Pública do Estado da Bahia – Seção de Periódicos

1. O Imparcial.
2. O Estado da Bahia.
3. Diário da Bahia.
4. A Tarde.

Arquivo do Concello de Redondela

1. Faro de Vigo.

Galiciana – Biblioteca Dixital de Galicia

1. El Correo Gallego.
2. Diário de Galicia.
3. El Pueblo Gallego.

Registro Civil de Redondela

1. Ata de nascimento de Francisco Pazos González, datado de 1908.
2. Ata de nascimento de José Túnel Cabaleiro, datado de 1910.
3. Atestado de óbito de José Túnel Cabaleiro, datado de 1993.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

1. Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1910.

Arquivo Público do Estado da Bahia

- 1 Fundo: Secretaria do Governo. Documento 232. Caixa 1821. Maço 1935 Ano: 1924.
- 2 Fundo: Conselho Administrativo dos Municípios. Códice 139 /4345. Caixa 4345. Maço 22 Ano: 1940.
- 3 Fundo: Conselho Administrativo dos Municípios. Códice 139 /4345. Caixa 4345. Maço 22 Ano: 1942.
- 4 Tribunal Superior de Justiça. Notação 208 /77 /03. Caixa 79. Ano: 1947, p. 11.

Acervo Pessoal de Valdir Leandro Galvão

1. Contrato profissional da Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D) entre o Galícia Esporte Clube e Valdir Leandro Galvão datado de 1945 com validade até 1947.
2. Contrato profissional da Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D) entre o Galícia Esporte Clube e Valdir Leandro Galvão datado de 1947 com validade até 1948.

Fonte Oral:

1. Dinéa Maria Sobral Muniz, filha de Floreano Sobral, fundador e ex-jogador do Galícia Esporte Clube
2. Valdir Leandro Galvão, ex-jogador profissional do Galícia Esporte Clube entre os anos de 1945-1947.
3. José Luis Túnel Carrera, filho do galego e ex-jogador profissional do Galícia, José Túnel Cabaleiro, conhecido como Talladas.

7. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSEF, Roberto e MARTINS, Clóvis. *Almanaque do Flamengo*. Rio de Janeiro: Abril, 2001.
- BACELAR, Jeferson e PEREIRA, Cláudio. (org.) Um Galego no Paraíso de Todas as Raças. In: BACELAR, Jeferson; PEREIRA, Cláudio. *Política, instituições e personagens da Bahia (1850-1930)*. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2013. p. 215-241.
- BACELAR, Jeferson. *Galegos no paraíso racial*. Salvador: Ianamá /CEAO /CED. 1994.
- BARCO, Ángel Iturriaga. *El poder político y social en la historia del Fútbol Club Barcelona (1899-2015)*. Rioja: Universidad de La Rioja, 2015.
- BRAGA, Célia Maria Leal. *Memórias de imigrantes galegos*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.
- BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. *Geografias da presença galega na cidade de Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- BUADES, Josep M. *Os espanhóis*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAFÉ, Lucas Santos. *Dos simpaticíssimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade do Salvador (1895-1918)*. Salvador: UFBA, 2013.
- CAMPOS ÁLVAREZ, José Ramón. La emigración gallega a América (1880-1930) integración y retorno. IN Revista do Departamento de História, Arte e Xeografia. Vigo: Minius 2-3, 1994. p. 133-145. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1340057>>. Acesso em: 12 de abril, 2020.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945) — Corpo e alma do Brasil*. São Paulo: Difel, 1976.
- CIRIA AMORES, Pedro. *El sueño de ser grandes: Historia social del nacimiento del fútbol en Zaragoza, 1903-1936*. Zaragoza, Universidad de Zaragoza, 2012.
- CONDE, Ana Paula. *Da emigração à diáspora: positividade de uma identidade*. Tese (Doutorado em História), Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.
- DE MELLO, Erick Carvalho. *A Memória Cultural Celta: celticidade, celtitude e resistência identitária na Irlanda e na Galiza*. Dissertação (Mestrado em História Social), Rio de Janeiro: Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro, 2014.
- DIAS Y GARCIA-TAVALLERA, Miguel. *Dicionário Santillana para estudantes: espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo: Moderna, 2014.

DOMÍNGUEZ ALMANSA, Andrés. *Historia social do deporte en Galicia — Cultura Deportiva e Modernidade, 1850-1920*. Vigo: Editorial Galaxia, 2009.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985.

FARIAS, Ruy. Migraciones y exilios gallegos en la Argentina (ss. XVIII-XXI): algunos comentarios a la bibliografía sobre el tema. IN: *Olivar*, vol 17 (n 25), e008. En *Memoria Académica*. 2016. p. 1-24 Disponível em:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.7773/pr.7773.pdf>. Acesso em: 20 de maio, 2020.

FERNANDEZ, Renato Lanna. *O jogo da distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. — um estudo da construção de identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1902-1933)*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado. Fundação Getúlio Vargas, 2016.

FERNÁNDEZ, Xosé Ramón Barreiro e AXEITOS, Xosé Luís. A Bandeira De Galícia. In: FERNANDÉZ, Xosé Ramón Barreiro; VILLARES, Ramón. *Os Símbolos de Galícia*. Coruña, Santiago de Compostela. Consello da Cultura Galega. 2007. p. 70-104.

FERREIRA, Jorge. (org) O Nome e a Coisa: Populismo na Política Brasileira. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GONZÁLEZ, Martínez Elda E. O Brasil Como País De Destino Para Os Migrantes Espanhóis. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América — A Imigração em Massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, São Paulo, 2000. p. 239-271.

GONZÁLEZ LOPO, Domingo Luis. Migraciones Históricas de los Gallegos en el Espacio Peninsular (Siglos XVI-XIX). Santiago de Compostela: Obradoiro de História Moderna, 2003. p. 167-182. Disponível em: <<https://doi.org/10.15304/ohm.12.617>> . Acesso em: 1º de março, 2020.

GRANDÍO SEOANE, E. *Problemas en la construcción del Nuevo Estado (Galicia 1936-1939)*. *Historia e Comunicación Social*, 2001. p. 215-228. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=748996>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

GUIMARÃES, Micael Lázaro Zaramella. *O Palestra Itália em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)*. Dissertação (Mestrado em História Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

JORGE, Thayane Gaspar. *Galícia, nai e señora? Celtismo e masculinização do nacionalismo galego em Na noite estrelecida*. Rio de Janeiro: UERJ, 2019.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MARTÍNEZ PLATEL, Ricardo. *Identidad, imagen y cultura corporativas del club Atlético de Madrid a través de la información periodística*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2017.

MONTEIRO, Bárbara Patoléa e UZÊDA, Pedro. A Influência Da Figura e Obra De Rosalía de Castro Na Galícia Além-Mar e a Participação Feminina No Contexto Da Emigração. IN: *Número Especial En Conmemoración Ao Xacobeo 2021-2022: Língua e Literatura Galegas*. Salvador, Revista Estudos Linguísticos e Literários, número 71. p. 328-351. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/48223/26216>. Acesso em 4 de março de 2022.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé. M. *O Galeguismo En América, 1879-1936*. A Coruña: Edicións do Castro, 1992.

PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias (1889-1934) — A Bahia Na Primeira República Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. Imigração. In: (Org) FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano, Tomo III, Volume 2, Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro-São Paulo, DIFEL, 1978.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERES, Elena Pajaro. *A Inexistência da Terra Firme. A Imigração Galega em São Paulo, 1946-1964*. São Paulo: EDUSP/IMESP/FAPESP, 2003.

PORTA, Eliane Veiga. *Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920*. Tese (Doutorado em História Econômica), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

PRADO PÉREZ, Santiago de Peñamil. *El fútbol y los clubes españoles de La Habana (1911-1937) — Asociacionismo y espacios de sociabilidad*. Havana: Fundación Fernando Ortiz, 2013.

QUADROS, Luana Moura. “*Farinha pouca, meu pirão primeiro*”: *carestia na Bahia Republicana (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

REI LEMA, Xosé e LEMA SUÁREZ, Xosé. *50 anos da Historia do Fútbol da Costa (1964-2014)*. Baio: Tórculo Comunicación Gráfica S.A., 2015.

SAMPAIO, José Luís Pamponet. *A Evolução De Uma Empresa No Contexto Da Industrialização Brasileira: A Companhia Empório Industrial do Norte, 1891-1973*. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975.

SANTOS, Henrique Sena dos. *Pugnas renhidas: futebol, cultura e sociedade em Salvador (1901-1924)*. Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. *Casa e balcão: os caixeiros de Salvador (1890-1930)*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SARMIENTO, Érica. *Galegos nos trópicos: invisibilidade e presença da imigração galega no Rio de Janeiro (1880-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

SILVEIRA, Sérgio dos Santos. *Jabuca dos nossos corações*. São Paulo: Parma Ltda, 2002.

SOUZA, Ismara Izepe de. *Espanhóis: história e engajamento*. São Paulo: Nacional, 2006.

SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade internacional: a comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a polícia política diante da guerra civil da Espanha (1936-1946)*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.

UZÊDA, André. *Bordieu Calça Chuteiras: o humor como capital simbólico do jornalismo esportivo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.

UZÊDA, Jorge Almeida. *O aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador (1935-1945)*. Tese (Doutorado em História), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.

VÁZQUEZ GONZÁLEZ, Alexandre. As migracións masivas de galegos a América. Estudios Migratorios. IN: Cultura Galega.org. Vigo: Cultura Galega, 2006. p. 1-9. Disponível em: <http://culturagalega.gal/albumdaemigracion/docs/migracions_masivas.pdf>. Acesso em: 7 de maio. 2020.

VELASCO, Carlos. *40 Datas Que Fizem A História Da Galiza*. Santiago de Compostela, Galiza: Por meio Editora, 2019.

VIANA, Fabiana Paixão. *A mesa galega na Bahia: a alimentação dos imigrantes galegos e descendentes em Salvador*. Tese (Doutorado em Antropologia), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

VILAR, Juan Bautista. Las emigraciones españolas a Europa en el siglo XX: algunas cuestiones a debatir. Migraciones & Exilios: Cuadernos de la Asociación para el estudio de los exilios y migraciones ibéricos contemporáneos, N.º. 1, 2000. p. 131-159. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/revista/6483/A/2000>>. Acesso em: 15 de março. 2020.

VILLARES, Ramón. *Historia da emigración galega a América*. Santiago de Compostela, Espanha: Xunta de Galicia, 1996.

VILLARES, Ramón. Producir Símbolos Nacionais. In: FERNANDÉZ, Xosé Ramón Barreiro; VILLARES, Ramón. *Os Símbolos de Galicia*. Coruña, Santiago de Compostela. Consello da Cultura Galega. 2007. p. 11-32.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.